

GÊNESIS NO ESPAÇO-TEMPO

FRANCIS A. SCHAEFFER





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Gênese no Espaço-tempo

Francis A Schaeffer

Gênesis no espaço-tempo repassa os primeiros onze capítulos de Gênesis e neles descobre um registro de dimensão histórica. Esses são registros preabramicos, mas não prehistóricos. Descrevem os seres humanos como sempre humanos, com seus cardos e abrolhos, apontados como pessoas em cada geração. O engano de Adão, o assassinio de Abel por Caim, a indiferença sofrida por Noé, a arrogância das religiões artificiais seguidas pelo homem ao redor da torre de Babel continuam até nossos dias.

Este livro expõe a estrutura para toda a história humana subsequente. Há dignidade em cada ser humano, em toda a raça humana. Define - se a igualdade de homem e mulher. Estabelecem - se os mandatos para conhecer a criação e fazer bom uso dela. A habilidade particular de desenvolver e usar a linguagem como um poder definidor inclui a escolha do amor entre as pessoas como muito mais, e mais duradouro, que o sexo. Finalmente, o registro de uma queda histórica, e da fratura e anormalidade resultantes na criação e na natureza, fundamenta as distinções morais, os protestos justificados e todo mandato a resistir o mal. A natureza somente, ou toda ideia de uma providência ou uma vontade divinas, não possibilitam tal discernimento moral. Elas encorajam antes a resignação ao estado das coisas, pela indiferenciação entre o que é e o que deveria ser. Sem a Bíblia, a sensibilidade moral do homem (expressa por seus protestos, louvores e admirações) o deixa abandonado num mundo eternamente indiferente e moralmente neutro.

— Udo Middelmann

The Francis A. Schaeffer Foundation

A todos que tornaram possível publicar, nos últimos dez anos, dez livros relacionados. Quero agradecer especialmente a James Sire dos Estados Unidos e David Winter da Grã-Bretanha, sem cujo trabalho editorial compreensivo em meus manuscritos isso não teria sido possível.

Copyright @ 1972, de L'Abri Fellowship
Publicado originalmente em inglês sob o título
Genesis in Space and Time
pela InterVarsity Press,
P.O. Box 1400, Downers Grove, Illinois, 60515, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
EDITORA **MONERGISMO**
Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970
Telefone: (61) 8116-7481
www.editoramonergismo.com.br

1^a edição, 2014

1000 exemplares

Tradução: Josaiás Cardoso Ribeiro Júnior
Revisão: Maria Isabel Corcete Dutra
Capa: Timo Cunha
Projeto gráfico e edição de imagens: Marcos R. N. Jundurian

■
PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,

SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Almeida Corrigida e Fiel (ACF),
© 1997, publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil,
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schaeffer, Francis

Gênesis no Espaço-tempo / Francis Schaeffer, tradução: Josaiás Cardoso Riberiro Júnior – Brasília, DF:
Editora Monergismo, 2014.

100p.; 21cm.

Título original: *Genesis in Space and Time*

ISBN 978-85-62478-79-6

1. Apologética 2. Teologia 3. Filosofia 4. Bíblia

CDD 230

Sumário

[Prefácio à Edição Brasileira](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1: Criação](#)

[Capítulo 2: Diferenciação e a Criação do homem](#)

[Capítulo 3: Deus e seu Universo](#)

[Capítulo 4: Ponto de Decisão](#)

[Capítulo 5: A Queda Espaço-temporal e seus Resultados](#)

[Capítulo 6: As Duas Humanidades](#)

[Capítulo 7: Noé e o Dilúvio](#)

[Capítulo 8: De Noé a Babel até Abraão](#)

[Apêndice: Sobre os livros de Francis e Edith Schaeffer](#)

Prefácio à Edição Brasileira

Francis Schaeffer, um evangelista

“As pessoas muitas vezes dizem ‘O que você é?’ e às vezes tenho dito ‘bem, basicamente, sou um evangelista’”.^[1] Esta talvez seja a melhor maneira de descrever Francis Schaeffer (1912-1984): um evangelista. Porém, não um *simples* evangelista, uma vez que Schaeffer estava envolvido nos temas da filosofia, e como evangelista, então “nenhum material cultural, intelectual ou filosófico deve ser separado da missão de conduzir as pessoas a Cristo”. Os temas tratados por Schaeffer — metafísica, epistemologia e ética — fazem parte de sua evangelização. É isso que podemos encontrar no livro que agora vem ao público de língua brasileira: *Gênesis no Espaço-Tempo*.

Francis August Schaeffer nasceu em 30 de janeiro de 1912, na cidade de Germantown, Pensilvânia (EUA). Porém, apenas em 1930, aos 17 anos, tornou-se cristão, depois de cerca de seis meses de leitura da Bíblia. Sua leitura começou por Gênesis, o que com certeza teve grande impacto, uma vez que ali, nas origens, se encontram as respostas adequadas para as grandes questões da vida: questões metafísicas, epistemológicas e éticas.^[2]

Ora, essas questões não pertencem apenas ao campo da filosofia, mas também da religião, pois as duas disciplinas procuram oferecer respostas às indagações acerca da existência do mundo e do homem, acerca do como conhecemos, e acerca do comportamento moral dos homens. Eis a grande contribuição de Schaeffer à apologética e à evangelização: demonstrar que o cristianismo bíblico oferece a única resposta válida para esses problemas. Em especial no caso de Gênesis 1 a 11. Segundo Schaeffer: “Sem um entendimento adequado desses capítulos, não temos respostas para os problemas da metafísica, da moralidade ou da epistemologia. Além disso, sem eles, a obra de Cristo torna-se mais uma resposta ‘religiosa’ do ‘andar de cima’”.

Gênesis no Espaço-Tempo examina o fluxo da história bíblica começando da questão fundamental acerca da Criação. Para Schaeffer, o versículo inicial de Gênesis, “no princípio Deus criou os céus e a terra”, bem como os demais versículos do capítulo inicial, formam a trama e a urdidura espaço-temporal relativas à posição histórica e geográfica do homem no cosmo “tanto quanto se falássemos sobre nós mesmos neste momento particular do tempo, num local geográfico específico”. Schaeffer está comprometido com a *historicidade* do relato de Gênesis, incluindo-se a historicidade de Adão e Eva, pois de acordo com ele, “é difícil evitar o fato de que Jesus trata Adão e Eva como na verdade o primeiro casal humano no espaço e no tempo”.

É digno de nota que Schaeffer, seguindo Van Til, seu antigo professor no Seminário de Westminster, apresenta o conceito de *creatio ex nihilo* que merece consideração. O cosmo não *veio do nada*. “No princípio” não significa que não havia qualquer coisa antes disto, ou seja, o *nada*. Existia o Deus Triúno — Pai, Filho e Espírito Santo — que agiu na Criação, trazendo-a à existência por sua palavra. Schaeffer, como Van Til, afirma que não havia matéria, massa, energia, partículas, vácuo ou qualquer outra *coisa impessoal*. O que eles querem dizer por *ex nihilo* é que havia *apenas o Deus Triúno, pessoal e infinito*. Porém, não existindo de maneira estática, mas em profundo relacionamento, até mesmo com a escolha de seu povo em Cristo “antes da criação do mundo”. Assim, a história não tem início no *fiat lux*, mas a história “começou antes de Gênesis 1.1”.

Por que isso é importante para Schaeffer? Porque o Deus Triúno escolheu comunicar-se também *no tempo* e *no espaço* e isso aponta para o Deus do cristianismo em contraste infinito com as perspectivas filosóficas do século XX, em especial os conceitos de uma divindade impessoal. O Deus que se revela é *pessoal* em toda a eternidade e ele escolheu comunicar-se conosco. Ele não estava estático *antes* da Criação, pois o Pai amava (e ama) o Filho, e o Espírito Santo é o Espírito do Pai. “Havia um plano; havia comunicação; e fizeram-se promessas antes da criação dos céus e da terra”.

A doutrina da Trindade divina é a resposta de Schaeffer ao homem moderno que se colocou frente ao nada e ao silêncio, uma vez que a pessoalidade do homem, ou como Schaeffer chama, a sua *hombridade*, o impulso para o relacionamento consigo e com o outro e até mesmo o

engajamento no esforço cultural, não se derivam do *impessoal*. “Amor, pensamento, e comunicação, existiam antes da criação dos céus e da terra” e essa é uma razão racional para a doxologia cristã.

Portanto, se o homem contemporâneo pergunta “Quem sou eu?”, a resposta bíblica em Gênesis é que ele é *a imagem de Deus*. Diz o pastor Schaeffer: “Para o homem do século XX, essa expressão, à *imagem de Deus*, é tão importante quanto qualquer ponto da Escritura, porque os homens de hoje não podem responder à questão crucial, ‘Quem sou?’”. Em suas teorias naturalistas, com a uniformidade de causa e efeito em um sistema fechado, com um conceito evolucionário mecânico, de acaso interminável do átomo ao homem, o homem perdeu a identidade única. Quando encara o mundo, como ele encara a máquina, não pode dizer de si o que está vendo. Ele não pode se distinguir de outras coisas.

Bom, não pretendo percorrer cada capítulo do livro do Schaeffer. Se assim posso dizer, são oito pequenos capítulos com exposição breve, porém de uma profunda riqueza da *filosofia de Gênesis*. Quero deixar ao leitor o prazer de encontrar Schaeffer e ver por si mesmo como ele conseguia fazer uma leitura da Escritura ao mesmo tempo fiel e fornecedora de respostas às grandes questões da vida humana — questões que incomodam os filósofos e o homem contemporâneo, mas cujas respostas também são destinadas ao homem comum, ao sapateiro ou fazendeiro, pois o homem é a imagem de Deus.

O livro de Gênesis fornece o conjunto de pressupostos para a articulação de uma cosmovisão sólida e coerente, começando pelo Deus pessoal, triúno e infinito. A negação disso resultou na queda da humanidade, e os problemas decorrentes da queda são percebidos no desespero do homem contemporâneo. Com certeza Gênesis, em *Gênesis no Espaço-Tempo* é o antídoto para o ceticismo e desespero humano. O evangelista Francis Schaeffer mostra, com o brilhantismo peculiar, que história e fé andam juntas, que a fé cristã não é supra-histórica, e que o Deus vivo não está em silêncio: revela-se e está aí.

Por fim, quero fortemente indicar o livro do rev. Schaeffer. O rev. Schaeffer foi o primeiro apologista-evangelista com quem tive contato em termos de evangelização e apologética reformadas. A maneira de ele comunicar o cristianismo levou-me a reformular minha estratégia de evangelização e apologética, anteriormente baseadas em princípios e

metodologias contrárias à fé reformada que eu havia abraçado. Sofria da *tensão* entre ser reformado e manter a apologética arminiana. Schaeffer apontou-me o caminho. Por isso sou grato a Deus. Decerto que ainda aprendo nas páginas de seus escritos e em suas palestras, de onde o evangelista, a partir de um referencial escriturístico, como um bom escriba instruído acerca do reino dos céus, retira do tesouro das Escrituras antigas respostas às novas questões.

Embora não possa anuir hoje com o distinto evangelista em todos os pontos de sua abordagem apologética, recomendo seus escritos com convicção, especialmente o livro que você tem em mãos. O faço por entender que *Gênesis no Espaço-Tempo* constitui uma das mais nobres e ricas contribuições no campo da *apologética filosófica* e *evangelística* a partir de um referencial bíblico — algo necessário no Brasil. A *evangelização* que fala ao homem de hoje, que trata com ele onde ele se encontra, em suas mais profundas necessidades existenciais, e que somente Jesus Cristo, o Último Adão, pode oferecer, começando de Gênesis, onde ele se revela como a Palavra que criou os céus e terra, e nos fez à sua imagem e semelhança. Lembre-se de que “o cristianismo não começa com Cristo como Salvador, mas com o Deus infinito e pessoal que criou o mundo no princípio e tornou o homem significativo no fluxo da história”.

— Rev. Gaspar de Souza
Professor de Teologia Exegética e Apologética
Seminário Presbiteriano do Norte
Recife-PE, 21 de abril de 2014

Prefácio

A batalha por uma compreensão cristã do mundo vem sendo travada em diversas frentes. A não menos importante dessas frentes é o estudo bíblico em geral e, em especial, a questão de como se devem ler os capítulos iniciais da Bíblia. Comentando o livro de Gênesis, escritores modernos tendem a tratar os primeiros onze capítulos como algo diferente de História. Para alguns, são apenas um mito judaico, com tanta validade histórica para o homem moderno quanto o Épico de Gilgamesh ou as histórias de Zeus. Para outros, forma uma visão pré-científica, a qual ninguém que respeite os resultados da erudição pode aceitar. Outros ainda o consideram um relato simbólico e nada mais. Alguns aceitam os primeiros capítulos de Gênesis como revelação de um “andar superior”, verdade religiosa, mas admitem ser inaceitável qualquer sentido de verdade em termos de História e de cosmos (Ciência).

Como esses primeiros capítulos de Gênesis deveriam ser lidos? São históricos? Se forem, que valor tem sua historicidade? Ao lidar com essas questões, desejo destacar o extraordinário valor de Gênesis 1-11 para o homem moderno. Em alguns sentidos são os capítulos mais importantes da Bíblia, pois colocam o homem em seu cenário cósmico e lhe apresentam sua singularidade peculiar. Explicam a maravilha do homem e, ainda, seu fracasso. Sem um entendimento adequado desses capítulos, não temos respostas para os problemas da metafísica, da moralidade ou da epistemologia. Além disso, sem eles, a obra de Cristo torna-se mais uma resposta “religiosa” do “andar de cima”.

Embora tenha feito algumas mudanças deliberadas, usei a King James Version (KJV) por todo o livro. Ocasionalmente, onde a American Standard Version (ASV) é útil, eu a cito.^[3]

Gostaria de agradecer ao professor Elmer Smick, amigo de muitos anos, que leu o manuscrito e deu sugestões úteis. Quaisquer erros certamente são meus.

Capítulo 1: Criação

O assunto deste livro é o fluxo da história bíblica. A passagem da Escritura em foco é a primeira grande seção de Gênesis (capítulos 1-11), que traça o curso dos eventos a partir da criação do universo até o surgimento de Abraão e o início da história de Israel.

Um dos hinos de Israel, o Salmo 136, forma um excelente pano de fundo contra o qual observamos o desdobramento da história bíblica. Ele estabelece o conceito de Deus, como Criador, em perfeita relação com o homem, como criatura e adorador.

Louvai ao SENHOR, porque ele é bom;
porque a sua benignidade dura para sempre.
Louvai ao Deus dos deuses;
porque a sua benignidade dura para sempre.
Louvai ao Senhor dos senhores;
porque a sua benignidade dura para sempre.
Aquele que só faz maravilhas;
porque a sua benignidade dura para sempre. (vv. 1-4)

Assim, o Salmo 136 começa com uma doxologia tripla e então lista várias razões pelas quais podemos louvar a Deus e pelas quais somos chamados a dar graças por sua benignidade. É interessante que, após dar uma razão geral para o louvor (porque ele “só faz maravilhas”), o salmista direcione nossa atenção, primeiro, para os atos criativos de Deus:

Aquele que por entendimento fez os céus;
porque a sua benignidade dura para sempre.
Aquele que estendeu a terra sobre as águas;
porque a sua benignidade dura para sempre.
Aquele que fez os grandes luminares;
porque a sua benignidade dura para sempre.
O sol para governar de dia;
porque a sua benignidade dura para sempre.
A lua e as estrelas para presidirem à noite;
porque a sua benignidade dura para sempre. (vv. 5-9)

Porém, logo após expressar e desenvolver a verdade de que Deus é Criador, o salmista apresenta uma segunda razão para louvar a Deus — o modo como Deus agiu na história, quando a nação judaica vivia em cativeiro no Egito.

O que feriu o Egito nos seus primogênitos;
porque a sua benignidade dura para sempre;
E tirou a Israel do meio deles;
porque a sua benignidade dura para sempre... (vv. 10,11)

O salmista prossegue falando sobre o êxodo, a divisão do Mar Vermelho, a derrubada do Faraó e a captura da terra de Canaã (vv. 12-21). Então volta a louvar a Deus pela maneira como Deus age no momento particular da história espaçotemporal em que esse salmo foi escrito:

E mesmo em herança a Israel, seu servo;
porque a sua benignidade dura para sempre;
Que se lembrou da nossa baixeza;
porque a sua benignidade dura para sempre;
E nos remiu dos nossos inimigos;
porque a sua benignidade dura para sempre;
O que dá mantimento a toda a carne;
porque a sua benignidade dura para sempre. (vv. 22-25)

Finalmente, no último versículo, o salmista escreve de modo a falar também conosco em nosso próprio momento na História e nos incita a clamar a Deus e louvá-lo:

Louvai ao Deus dos céus;
porque a sua benignidade dura para sempre. (v. 26)

Assim, o Salmo 136 nos coloca diante do conceito bíblico de criação como um fato da história espaçotemporal, pois encontramos nele um paralelo completo entre a criação e outros pontos da história: a espaçotemporalidade da história na época do cativeiro judeu no Egito, da época particular em que o próprio salmo foi escrito, e de nossa própria época quando o lemos hoje. A mentalidade de toda a Escritura, não apenas desse único salmo, é de que a criação é tão historicamente real quanto a

história dos judeus e nosso próprio momento presente do tempo. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento deliberadamente plantam suas raízes nos capítulos iniciais de Gênesis, insistindo em que eles são um registro de eventos históricos. Qual é o princípio hermenêutico envolvido aqui? Sem dúvida, a própria Bíblia nos informa: os primeiros capítulos de Gênesis devem ser vistos integralmente como História — assim como, digamos, os registros a respeito de Abraão, Davi, Salomão ou Jesus Cristo.

1o Princípio

O versículo inicial de Gênesis, “No princípio criou Deus os céus e a terra”, e o restante do capítulo 1 nos levam diretamente a um mundo de espaço e tempo. Espaço e tempo são como tear e trama. Seu relacionamento entrelaçado forma a história. Assim, a frase inicial de Gênesis e a estrutura do que segue enfatizam que estamos lidando com História tanto quanto se falássemos sobre nós mesmos neste momento particular do tempo, num local geográfico específico.

Ao dizer isso, é claro, consideramos o conceito judaico de verdade. Hoje muitos pensam que o conceito judaico de verdade é bastante próximo do conceito moderno — que a verdade é irracional. Mas não é o caso. De fato, quando examinamos o conceito grego de verdade em relação ao conceito judaico, descobrimos essa diferença. Muitos dos filósofos gregos viam a verdade como expressão de um sistema metafísico corretamente equilibrado, muito semelhante a um móbile. Ou seja, enquanto o sistema estivesse equilibrado, poderia ser deixado de lado e considerado verdadeiro. O conceito judeu é o oposto disso.

Primeiro, é completamente oposto ao conceito moderno de verdade, porque se preocupa com o que está aberto a discussão, aberto à racionalidade, não sendo apenas um salto existencial. Aqui, é como a noção grega. Todavia, difere e é mais profundo que o conceito grego, porque está enraizado no que é histórico. Por exemplo, vemos Moisés insistindo: “Vocês viram! Vocês ouviram!”. Em Deuteronômio 4 e 5, pouco antes de morrer, Moisés lembrou aos judeus diante dele que, quando jovens, eles tinham visto e ouvido o que ocorrera no Sinai, isto é, na história espaçotemporal. Seus pais morreram no deserto, mas eles, os filhos, viram e ouviram na história. Josué falou da mesma forma um pouco depois, em Josué 23.3ss.

Na realidade, vemos um paralelo exato entre essas e outras passagens do Antigo Testamento e a explicação de João sobre por que ele escreveu o Evangelho de João: “Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais *no espaço-tempo* [essa é a ideia aqui], que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que

creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (João 20.30,31).

Ao lidar com os escritos judaicos na Bíblia, e no livro de Gênesis em particular, não devemos entendê-los apenas em termos gregos nem, certamente, em termos de um salto existencial. Em vez disso, temos de insistir na história, verdade que está firmada no espaço e no tempo.

ntes do Princípio

Embora Gênesis se inicie com “no princípio”, isso não significa que não tenha havido nada antes desse “princípio”. Em João 17.24, Jesus ora a Deus Pai, dizendo: “Tu me amaste antes da fundação do mundo”. Jesus diz que Deus Pai o amou antes da criação de tudo o mais. E em João 17.5, Jesus pede ao Pai que o glorifique, ao próprio Jesus, “com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”.

Há, portanto, uma realidade que remonta à eternidade — a antes da frase “no princípio”. Cristo existia, tinha glória com o Pai, e foi amado pelo Pai antes de “no princípio”. Em Efésios 1.4, lemos: “... [Deus] nos elegeu nele [Cristo] antes da fundação do mundo...”. Portanto, antes de “no princípio”, existiu uma realidade diferente de uma situação estática. Uma escolha foi feita e essa escolha demonstra pensamento e vontade. Fomos escolhidos nele antes da criação do mundo. A mesma verdade é enfatizada em 1 Pedro 1.20, onde se afirma que a morte sacrificial de Jesus foi “preordenada antes da fundação do mundo”. Da mesma forma, Tito 1.2 diz que Deus prometeu a vida eterna “antes da criação do mundo”.

Esse fato impressiona. Como uma promessa pode ser feita antes da criação do mundo? A quem poderia ser feita? A Escritura fala de uma promessa feita pelo Pai ao Filho ou ao Espírito Santo, porque, afinal, nesse ponto específico da sequência não havia ninguém mais a quem prometer.

Finalmente, a mesma ideia é apresentada em 2 Timóteo 1.9, onde lemos que Deus “nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”.

Assim, estamos diante de uma questão muito interessante: quando começou a história? Se alguém está pensando dentro do conceito moderno de contínuo espaço-tempo, então está bastante óbvio que o tempo e a história não existiam antes de “no princípio”. Mas se pensamos na história em contraste com uma outra, eterna e filosófica, ou em contraste com uma eternidade estática, então ela começou antes de Gênesis 1.1.

É claro: aqui precisamos escolher cuidadosamente nossas palavras. Como devemos falar sobre a situação antes de “no princípio”? Para evitar

confusão, escolhi a palavra *sequência*, em contraste com a palavra *tempo* conforme usada no conceito de contínuo espaço-tempo. Ela nos lembrará que havia alguma coisa antes de “no princípio” e que era mais que uma eternidade estática.

Após a criação, Deus agiu no tempo e comunicou conhecimento ao homem que estava no tempo. E já que fez isso, é bastante óbvio que antes e depois da criação não são a mesma coisa para Deus. A Escritura retrata esse “antes de ‘no princípio’” como uma realidade que pode ser relatada. Conquanto não possamos exaurir o significado do que está envolvido, podemos verdadeiramente conhecê-lo. É um conceito razoável, sobre o qual podemos discutir.

Esse tema não é mera teoria. O que está envolvido é a realidade do Deus pessoal em toda a eternidade, em contraste com o outro filosófico ou tudo impessoal que em geral é o conceito de Deus entre os teólogos do século XX. Está envolvida a realidade do Deus pessoal, em contraste com um motor teórico imóvel fixo ou a projeção puramente subjetiva do pensamento do homem. Há mais aqui do que na verdade religiosa e destituída de conteúdo que se alcança por meio de algum tipo de salto existencial. Como consequência, quando lemos “No princípio criou Deus os céus e a terra”, não somos deixados com algo suspenso no vácuo: algo existia antes da criação e esse algo era pessoal, não estático; o Pai amava o Filho; havia um plano; havia comunicação; e fizeram-se promessas antes da criação dos céus e da terra.

Todo esse conceito fundamenta-se na realidade da Trindade. Sem a Trindade, o cristianismo não teria as respostas de que o homem moderno precisa. Como já observei em outro lugar, Jean Paul Sartre destacou bem o problema filosófico básico que nos confronta: o fato de que algo — em vez de nada — existe. Esse é o mínimo incontestável e irreduzível para começar a mover-se como um homem. Não posso dizer que nada existe; está muito claro que alguma coisa existe. Ademais, também está claro que essa alguma coisa que existe tem duas partes. Eu existo e algo em contraste comigo mesmo existe.

Isso nos leva, é claro, ao conceito moderno de Ser. O Ser existe. Mas a questão logo surge: “Sempre existiu?”.^[4] Esse é o mistério básico do homem moderno.

O homem está confinado a relativamente poucas respostas. Creio que muitas vezes deixamos de perceber que, à medida que nos aprofundamos nesse ponto, mais simples se tornam as alternativas. Em quase todas as questões profundas, o número de possibilidades finais é, de fato, muito pequeno. Aqui estão quatro: (1) outrora havia absolutamente nada e agora há algo; (2) tudo começou com algo impessoal; (3) tudo começou com algo pessoal; e (4) há e sempre houve um dualismo.

A primeira dessas possibilidades — de que outrora não havia absolutamente nada e agora há algo — até onde sei, nunca foi proposta com seriedade por ninguém, e a razão para isso é clara. Para que essa explicação seja verdadeira, *nada* deve realmente ser *nada* — totalmente nada — nem massa, nem movimento, nem energia, nem personalidade. Pense, por exemplo, num círculo que contenha tudo que há; e nada há no círculo. Então remova o círculo. Esse é o conceito de nada absoluto. Como eu disse, não conheço ninguém que tenha proposto o conceito de que tudo o que agora há veio desse nada absoluto.

O quarto conceito, de dualismo eterno, pode ser tratado de forma bastante rápida, porque nunca suportou uma análise minuciosa, uma vez que os homens naturalmente buscam o que está por trás do dualismo e de seus particulares, em busca de uma unidade que compreenda a dualidade. Isso é verdade, seja para o dualismo do eletromagnetismo e da gravidade, seja para algum Tao obscuro por trás de Yin e Yang. Dualismos paralelos (por exemplo, ideias ou ideais e matéria, ou cérebro e mente) ou tendem a enfatizar um à custa do outro ou deixam sem resposta a pergunta sobre como eles caminham juntos sem nenhuma razão para fazê-lo.

Em contraste com isso, o princípio impessoal — o conceito de que tudo começou com alguma coisa impessoal — é o consenso do mundo ocidental no século XX. É também o consenso de quase todo o pensamento oriental. Ao final, se regressarmos o bastante, chegaremos a uma origem impessoal. É a visão do cientificismo, ou o que chamei, em outro lugar, de moderna ciência moderna, e está incorporada ao conceito de uniformidade das causas naturais num sistema fechado. É também o conceito da maior parte da teologia moderna, se alguém a pressionar o bastante.

Um princípio impessoal, no entanto, gera dois problemas irresistíveis, que nem o Oriente nem o homem moderno sequer chegaram

perto de resolver. Primeiro, não há uma explicação verdadeira para o fato de que o mundo externo não somente existe, como também tem uma forma específica. Apesar de sua constante tentativa de reduzir o conceito do pessoal à área da química ou do condicionamento psicológico, o estudo científico demonstra que o universo tem uma forma expressa. É possível ir dos particulares para uma unidade maior, das leis menores para as leis mais e mais gerais ou super leis. Em outras palavras, quando examino o Ser que é o universo externo, fica óbvio que ele não é apenas um punhado de pedrinhas jogadas por aí. O que existe tem forma. Se afirmamos a existência do impessoal como o princípio do universo, simplesmente não teremos uma explicação para esse tipo de situação.

Segundo, e mais importante, se começamos com um universo impessoal, não há explicação para a pessoalidade. Num sentido muito real, a questão das questões para todas as gerações — mas de forma opressora para o homem moderno — é: “Quem sou eu?”. Afinal, quando examino o “eu” que é “eu” e então observo ao redor aqueles que me encaram e que também são homens, uma coisa é imediatamente óbvia: o homem tem humanidade. Você a encontrará onde quer que encontre o homem — não só nos homens que vivem hoje, mas nos artefatos da história. A suposição de um princípio universal jamais pode explicar de modo adequado os seres pessoais que vemos ao nosso redor e, quando os homens tentam explicar o homem, com base numa impessoalidade original, o homem logo desaparece.^[5]

Em resumo, um princípio impessoal não explica nem a forma do universo nem a pessoalidade do homem. Assim, não apresenta base para entender os relacionamentos humanos construindo sociedades justas ou envolvendo-se em qualquer tipo de empreendimento cultural. Não é apenas o homem na universidade que precisa entender essas questões. O fazendeiro, o camponês, qualquer um que se mova e pense precisa saber. Ou seja, quando observo e vejo que alguma coisa existe, preciso saber o que fazer com isso. Em qualquer grau e em qualquer lugar em qualquer período da história, a resposta impessoal não explica estes dois fatores básicos — o universo e sua forma e a humanidade do homem. E esse é o caso, seja ele expresso nos termos religiosos do panteísmo ou em termos científicos modernos.

Mas a tradição judaico-cristão começa com a resposta contrária. E é sobre essa base que toda a nossa cultura ocidental foi construída. O universo teve um princípio pessoal — um princípio pessoal na ordem superior da Trindade. Ou seja, antes do “no princípio”, o pessoal já existia. Amor, pensamento, e comunicação, existiam antes da criação dos céus e da terra.

O homem moderno é profundamente atormentado pela questão “De onde vêm o amor e a comunicação?”. Muitos artistas que se derramam em suas pinturas, que pintam mensagens áridas na tela, muitos cantores, muitos poetas e dramaturgos, estão expressando a negrura do fato de que, embora tudo se sustente em amor e comunicação, eles não sabem de onde essas coisas vieram e não sabem o que elas significam.

A resposta bíblica é muito diferente: havia algo antes da criação. Deus existia; amor e comunicação existiam; e, assim, antes mesmo de Gênesis 1.1, amor e comunicação são intrínsecos ao que sempre existiu.

Trindade

Se avançarmos por um caminho ligeiramente diferente, poderemos enxergar até mais da natureza do Deus que existia antes da criação. Em Gênesis 1.26, lemos: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem...”. Como vimos no Novo Testamento, Deus Pai não somente amou o Filho como também lhe fez uma promessa. Assim, não devemos nos surpreender quando lemos a expressão *Façamos* ou a frase em Gênesis 3.22, “Eis que o homem é como um *de nós*”. A mesma expressão também ocorre em Isaías 6.8: “Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir *por nós*?”.^[6]

O ensino de que a Trindade já existia no princípio é especialmente enfatizado em João 1.1-3. Na verdade, o conceito tem força particular, porque toma a primeira frase de Gênesis e, parece-me, a transforma em um termo técnico: “*No princípio* já era [o imperfeito grego aqui é melhor traduzido como ‘já era’, em vez de ‘era’] o Verbo, e o Verbo já estava com Deus, e o Verbo já era Deus. Ele estava no princípio com Deus”. Então, no versículo 3, o tempo verbal grego aoristo^[2] é usado em contraste com os imperfeitos que o precediam: “Todas as coisas foram feitas [*vieram a ser*] por ele...”. Assim, encontramos primeiro uma afirmação de que o Verbo já existia, mas então, em nítido contraste, descobrimos que algo novo foi trazido à existência “no princípio”, quando aquele que já existia fez o que agora existe.

Além disso, sabemos quem é a personalidade chamada de Verbo (Logos); os versículos 14 e 15 deixam claro: “E o Verbo se fez [*veio a ser*] carne, e habitou entre nós... [e] João [Batista] testemunhou dele...”. É evidente: aquele de quem João testemunhou é Jesus Cristo.

Aqui também há, no grego, um contraste entre o imperfeito e o aoristo. Aquele que *já era* [tempo imperfeito] o Verbo no princípio e que teve uma parte em criar todas as coisas, *tornou-se* [tempo aoristo] carne. Creio que João, o autor do Evangelho, deliberadamente fez tal distinção. Isto é, no “princípio” esse Verbo já existia, mas na sequência, e em contraste, houve dois princípios absolutos: o primeiro aconteceu quando todas as coisas foram feitas (*vieram a ser*), e o segundo, quando a Palavra fez-se carne. Assim, o princípio absoluto da criação e o princípio absoluto

da encarnação contrastam com a *preexistência* (ou *existência eterna*) do Logos. Em João 1.1, isso está relacionado ao termo “no princípio”. Portanto, creio que “no princípio” é um termo técnico significando “no princípio de tudo que foi criado”, em contraste com a preexistência do Deus Trino, não estático, pessoal e infinito, que realizou a criação a partir do nada.

Repete-se a expressão “no princípio” em Hebreus 1.10 e, como em João 1.1-3, enfatiza-se o fato de que Cristo já existia antes da criação e estava ativo na criação. Repete-se a mesma ideia, mas não a mesma expressão, em Colossenses 1.16,17, porque somos informados de que “tudo foi criado por ele”. Além disso, 1 Coríntios 8.6 contém um paralelo interessante: “Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e em quem estamos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele”. Paulo estabelece um paralelo entre o Pai criando e o Filho criando.

Assim, temos detalhes consideráveis a respeito da relação específica da Trindade com o ato de criação. É verdade, de modo evidente, que a parte do Espírito Santo na criação não é tão clara quanto a do Pai e a do Filho, mas me parece que Gênesis 1.2 torna sua presença conhecida: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. Sei que há algum questionamento sobre como a expressão “Espírito de Deus” deveria ser entendida aqui, mas é certo que a Bíblia, Antigo e Novo Testamento juntos, faz questão de afirmar que a Trindade estava lá e que o Pai e o Filho tomaram parte no processo de criar.

Volto a afirmar, portanto, que Gênesis 1.1 não descreve um princípio absoluto com nada anterior a isso. Deus existia — e então veio a criação.

A posição cristã histórica sobre Gênesis 1.1 é a única que pode ser substanciada, a única razoável e adequada a toda a tônica da Escritura. “No princípio” é um termo técnico afirmando o fato de que neste ponto particular de *sequência* há uma criação *ex nihilo* — uma criação a partir do nada. Tudo que existe, exceto o próprio Deus que já existia, agora vem à existência. Antes disso, havia uma existência pessoal — amor e comunicação. Antes do universo material (quer pensemos nele como massa ou energia), antes da criação de tudo o mais, há amor e comunicação. Isso

significa que amor e comunicação são *intrínsecos*. Logo, quando o homem moderno clama por amor e comunicação (como faz com frequência), os cristãos têm uma resposta: há valor no amor e valor na comunicação, porque estes estão firmados naquilo que intrinsecamente sempre existiu.

Raiz da Doxologia Bíblica

Há uma expressão no livro de Jeremias que os cristãos deveriam gravar em seus corações: “Não é semelhante a estes [os ídolos feitos por homens] aquele que é a porção de Jacó; porque ele é o que formou tudo” (Jr 10.16). Esta é a raiz da doxologia bíblica — “ele” — não aquilo! Deus não é como os ídolos feitos de madeira e pedra, nem como os deuses, mera extensão das mentes dos homens. Ele é o Deus pessoal que existia como o que forma todas as coisas. Ele é nossa porção e existia antes de tudo o mais.

Que nítido contraste com a nova teologia! O problema na nova teologia é saber se Deus realmente existe. Os novos teólogos dizem a palavra *Deus*, porém nunca sabem se há alguém por trás da palavra, o que os torna, por conseguinte, incapazes de orar. Como Paul Tillich disse certa vez, em Santa Bárbara, “Não, eu não oro, porém, medito”. O cristão, contudo, não apenas diz que Deus realmente existe, mas que ele existiu, sempre tem existido e que, agora, ele é “minha porção”.

Apocalipse 4.11 contém uma grande doxologia a ele. Infelizmente, a tradução da King James não exprime a força total do trecho. A primeira frase deveria dizer: “Tu és digno, Senhor nosso e Deus nosso”. Isso nos lembra a expressão de Jeremias, “Ele é nossa porção”. Ele é nosso Senhor e nosso Deus. Então, o versículo prossegue: “Tu és digno, Senhor *nosso* e Deus *nosso*, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (ASV).^[8] A New English Bible (Nova Bíblia Inglesa) corretamente traduz em termos modernos: “... por tua vontade elas foram criadas, e têm sua existência!”. Essa é a cosmogonia cristã.

Aqui está uma resposta para o homem moderno, esmagado pelo problema do ser, porque sabe que algo existe, mas não é capaz de entendê-lo: tudo que tem existência, exceto o próprio Deus, fundamenta-se no fato de que Deus o desejou e o trouxe à criação. Com isso entendo por que o ser existe e por que tem forma, e entendo que parte específica do ser eu mesmo sou e a humanidade (personalidade) que encontro em mim. As coisas se encaixam, não com um salto no escuro, mas por meio do que faz sentido e pode ser discutido. Uma vez e por todas, Deus criou o ser do mundo externo e a existência do homem. Eles não são Deus e eles não são uma

extensão de Deus, porém existem por um ato de vontade daquele que é pessoal e que existiu antes da existência deles.

Como isso é contrário à correnteza atual, tanto no mundo teológico quanto no secular, que se deixa levar por, e fala do intrinsecamente impessoal! E como se distingue de qualquer forma de dualismo intrínseco! Ao contrário, essa é a resposta bíblica ao dilema do século XX.

Numa discussão, muitas vezes alguém dirá: “Então, se Deus é pessoal e ama, não precisa de um objeto para seu amor? Não *tinha* de criar? E assim, o universo não é tão necessário para ele quanto ele, para o universo?”. Mas a resposta é não. Ele não tinha de criar algo face a face consigo mesmo a fim de amar, porque já havia a Trindade. Deus poderia criar por um livre ato de vontade, porque antes da criação havia o Pai que amava o Filho e também havia o Espírito Santo para amar e ser amado. Em outras palavras, Deus tinha alguém face a face consigo mesmo nas três pessoas da Trindade. Nossos pais estavam seguramente corretos quando formularam os Credos Niceno e da Calcedônia, e insistiram na verdadeira Trindade com toda a sua força. Esse não era apenas um conceito filosófico grego passageiro. Quando o pensamento grego provocou essas questões, os cristãos viram que tinham a resposta naquilo que a Bíblia ensinava. Tudo se sustenta nesse ponto — e hoje mais que em qualquer outro tempo.

Assim, sabemos por que, no sentido moderno, existe um ser em vez de nada. Não surpreende que leiamos em Apocalipse: “Tu és digno, Senhor nosso e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder”. Essa doxologia cristã está enraizada não em uma experiência religiosa, irracional e desprovida de conteúdo, que não pode ser refletida ou discutida, não nas formas mentais que nos rodeiam e nas quais, se não formos cuidadosos, tão facilmente caímos, porém, está enraizada numa criação verdadeira. Enraizada numa existência significativa onde “A” não é “não A”. É errado louvar a Deus apenas como uma experiência religiosa, desprovida de conteúdo, situada no andar superior. Esse é um modo de tomar seu nome em vão.

Observemos também que nosso louvor a Deus não está, em primeiro lugar, na área da soteriologia. Se formos inteiramente bíblicos, não o louvaremos primeiro porque ele nos salvou, mas porque ele existe e sempre tem existido. E o louvamos porque ele desejou que todas as outras coisas, incluindo o homem, existissem.

Portanto, ao lermos Gênesis 1.1, “No princípio criou Deus os céus e a terra”, quão extraordinária se torna essa afirmação, quando a proferimos neste mundo moderno. Sobre ela pende qualquer resposta distintamente cristã, forte o bastante para os homens no século XX.

criação por Fiat

Como Deus criou? Lemos em Hebreus 11.3: “Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados”. A expressão que é a base do meu interesse aqui é: *pela palavra de Deus*.

Em primeiro lugar, temos aqui não só um paralelo, mas também uma distinção da criação de um artista. Quando era um jovem cristão, eu nunca achava correto usar a palavra *criação* para a obra de um artista. Eu a reservava apenas à obra inicial de Deus. Mas percebi tratar-se de um erro, porque, embora haja de fato uma diferença, também há um paralelo muito importante. O artista concebe em seu mundo mental e, então, gera no mundo exterior. Isso é verdade para um artista pintando uma tela, um músico compondo uma peça musical, um engenheiro projetando uma ponte ou um florista fazendo um arranjo de flores. Primeiro, há a concepção no mundo do pensamento e, então, a geração no mundo externo. E é exatamente o mesmo com Deus. O Deus que existia antes tinha um plano, e ele criou e tornou objetivas essas coisas que planejou. Além disso, assim como alguém pode saber algo muito real sobre um artista, quando examina sua criação, podemos saber algo sobre Deus ao examinar sua criação. A Escritura insiste em que, mesmo após a queda, ainda podemos saber algo sobre Deus com base nesse tipo de exame ou consideração.

Porém, as diferenças entre o artista e Deus são esmagadoras, porque nós, sendo finitos, podemos criar no mundo externo somente a partir do que já havia. O artista usa seu pincel e seus pigmentos. O engenheiro usa aço e concreto protendido para sua ponte. Ou o florista usa as flores, o musgo, as pedras e os seixos, que já existiam. Deus é muito diferente. Porque é infinito, ele criou originalmente do nada — *ex nihilo*. Não havia massa, nem partículas de energia, antes de ele criar. Nós trabalhamos por meio da manifestação de nossos dedos. Por contraste, Deus criou, como diz a passagem de Hebreus que há pouco citamos, simplesmente por sua palavra. Aqui está poder além de tudo que possamos imaginar na esfera humana e finita. Ele foi capaz de criar e moldar apenas por sua palavra falada.

Alguns cristãos empolgaram-se com a teoria do Big Bang, pensando que ela favoreceria o cristianismo. Mas na verdade, entenderam algo errado — a Escritura, a teoria do Big Bang, ou ambas. O motivo simples é que o

que Gênesis 1.1 apresenta não tem relação com a teoria do Big Bang — porque, de um ponto de vista bíblico, a criação original remonta além da energia ou da matéria básica. Temos algo novo criado por Deus, a partir do nada, por *fiat* (*do latim, ordem, mando; faça-se*), e essa é a distinção.

Suponha que se possa de novo reunir tudo no mundo e comprimi-lo em uma pesada molécula de apenas três centímetros em cada direção, e suponha que tudo veio disso. Ainda não é uma resposta para o problema básico do homem, porque não explica como aquela molécula veio a existir ou como a partir daquela molécula poderiam surgir a forma e a complexidade do universo atual, ou algo tão pessoal e humano quanto o homem. Para isso, a resposta bíblica é necessária.

2 Pedro 3.5 é outra expressão dessa resposta: “Eles [os escarnecedores que dizem que Cristo de fato não voltará] voluntariamente ignoram isto, que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste”. Deus trouxe o mundo à existência por *fiat*.

Porém, devemos destacar algo mais profundo: “Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios” (2 Pedro 3.7). Essa passagem, portanto, reflete não apenas a criação, mas o fluxo da história — seu princípio e sua consumação. Deus não somente trouxe os céus e a terra à existência por *fiat* divino; ele ainda trabalha na história da mesma forma. Deus não se tornou um escravo de sua criação. Nem é um escravo da história, porque a fez como é agora. A história vai a algum lugar — há um fluxo para a história. E a mesma “palavra de Deus” emergirá quando Deus de novo falar com juízo e com fogo. Assim, embora haja uma uniformidade de causas naturais no mundo externo que Deus criou, ele não é um sistema fechado. Deus ainda pode falar quando quiser, e Pedro diz que, um dia na história, ele de fato falará de novo, com juízo.

Duas passagens nos Salmos expressam maravilhosamente esse conceito de criação pela palavra falada, articulando com toda beleza a autêntica verdade proposicional verbalizada. A primeira é o Salmo 33.6,9: “Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus...”. Perceba como isso tem paralelo exato com as passagens do Novo Testamento citadas acima — pela palavra do Senhor. E então perceba no versículo 9: “Pois ele falou, e era”. Você deveria riscar, com uma grande linha preta, a expressão *se fez*, como

aparece na tradução King James,^[9] pois ela não está no original, e não sei por que os tradutores a colocaram lá. Ela prejudica o impacto e o sentido. Sem dúvida: “Ele falou — e era”. Com sua palavra, aquilo que não era veio a ser. Este é o princípio do fluxo do contínuo espaçotemporal, a história como a conhecemos.

A segunda passagem é o Salmo 148.5: “Louvem todos eles o nome do Senhor, pois ordenou, e eles foram criados”. Esse é o equivalente do Antigo Testamento para Apocalipse 4.11, a base da doxologia: Deus realmente existe e fez todas as coisas que existem.

Não conhecer ou negar a criação das coisas é o que se encontra na raiz da escuridão das dificuldades do homem moderno. Abandone a criação como uma realidade histórica, espaçotemporal, e tudo que resta é o que Simone Weil chamou de não criação. Não é que algo não exista, mas que esse algo apenas está lá, autônomo em si mesmo, sem soluções e sem respostas. Tão logo se remova a propriedade de ter sido criado, inerente a tudo, significado e categorias somente podem ser algum tipo de salto, com ou sem drogas, em um mundo irracional. A escuridão do homem moderno, portanto, fundamenta-se primeiro em ele ter perdido a realidade da criação de todas as coisas (todas as coisas, exceto o Deus pessoal que sempre existiu).

Porém, como eu e todos os cristãos sabemos verdadeiramente, embora não exaustivamente, “porque” algo existe, porque o mundo tem forma e homens têm humanidade, posso encontrar uma Simone Weil ou um homem moderno e podemos conversar. Há uma resposta discutível para a questão — por que as coisas são do jeito que são —, e essa é a estrutura para minha gratidão, como deveria ser para todo cristão. A não ser que voltemos às coisas que temos discutido aqui, até a gratidão pela salvação torna-se desprovida de sentido, porque está suspensa num vácuo. Na verdade, como disse Jeremias: “Não é semelhante a estes aquele que é a porção de Jacó; porque ele é o que formou tudo”. Agora, posso ser grato pelo conhecimento do que há e por minha salvação em Jesus Cristo. Pois os dois estão firmados no fato de que a porção de Jacó não é semelhante aos deuses, antigos ou novos. Ele é diferente: é o formador de tudo.

[10]

Capítulo 2: Diferenciação e a Criação do homem

Deus Criador é nossa porção. Ele nos chama a amá-lo e adorá-lo por trazer à existência tudo o que há. A Bíblia não se cala quanto a por que deve ser assim.

Criou”

A Escritura usa a palavra *criou* (Heb. *bara'*) poucas vezes. Isso é verdade principalmente quanto à forma específica usada em Gênesis 1.1, 21, 27 e 5.1,2. No desdobramento da criação, a palavra *bara* (*criou*) é usada em três pontos cruciais. O primeiro deles é o ponto no qual Deus criou a partir do nada (Gn 1.1); o segundo, é aquele no qual Deus criou a vida consciente (Gn 1.21); e o terceiro, é aquele em que Deus criou o homem (Gn 1.27).

A terceira passagem é especialmente interessante porque usa a palavra *criou*, nessa forma especial, repetidas vezes: “E *criou* Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o *criou*; homem e mulher os *criou*”. É como se Deus tivesse colocado pontos de exclamação aqui, para indicar que há algo especial na criação do homem. Isso é reforçado quando passamos para o sumário em Gênesis 5.1,2: “Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus *criou* o homem, à semelhança de Deus o fez. Homem e mulher os *criou*; e os abençoou e chamou o seu nome Adão, no dia em que foram *criados*”. As duas passagens enfatizam triplamente a palavra. Deus afirma que três aspectos da criação — criação a partir do nada, criação da vida consciente e criação do homem — são singulares.

Diferenciação

Gênesis 1.2 diz: “E a terra era sem forma e vazia [isso pode ser traduzido como *a terra era desolada*]; e havia trevas sobre a face do abismo”. Neste ponto do processo de criação, o que fora criado ainda carecia de diferenciação. Em outras palavras, parece que temos aqui a criação do *ser bruto*. O que Deus criou está sem forma; não há diferenciação entre as partes. Então, ao prosseguirmos para o versículo 3 em diante, encontraremos uma contínua diferenciação desdobrando-se. Portanto, há dois passos: (1) criação do nada e (2) diferenciação.

O segundo passo não deve ser confundido com o primeiro. Por um motivo: em quase todo caso, a diferenciação é introduzida com *haja*. Por exemplo, “E disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gn 1.3), ou “E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas... e assim foi” (Gn 1.6,7). Em resumo, Deus diz algo como: “Assim seja”, um tipo de ato diferente da própria criação.

A palavra *haja* tem uso ainda mais geral em alguns versículos. Por exemplo, em Gênesis 1.14, após “E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus”, Deus prossegue dizendo: “sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos”. E na segunda porção do versículo 26, diz: “e que eles [os homens] tenham domínio”. Ou seja, nesses lugares, Deus nem tanto traz algo à existência, ou mesmo o diferencia como ser, quanto indica que tipo de ser deseja. Perceba, contudo, que na maioria dos usos da palavra *haja* nesse capítulo, Deus ainda opera por *fiat*, assim como fez na criação. Diz “que isso aconteça”, e acontece.^[11]

Comunicação Verdadeira e Comunicação Exaustiva

Consideramos aqui assuntos do passado distante, referentes a eventos cósmicos. Isso suscita uma pergunta: podemos de fato, em algum sentido significativo, falar sobre eles? Será útil, primeiro, distinguir entre comunicação verdadeira e comunicação exaustiva. Como cristãos, o que afirmamos é que, quando todos os fatos são levados em consideração, a Bíblia nos fornece conhecimento verdadeiro, embora não exaustivo. De qualquer maneira, o homem, como criatura finita, é incapaz de manejar o conhecimento exaustivo. Aqui há uma analogia com nossa própria comunicação entre homens; nós nos comunicamos com cada outro ser humano, verdadeiramente, não exaustivamente. O mais ferrenho defensor da inspiração bíblica entre os cristãos não afirma conhecimento exaustivo em momento nenhum.

A Bíblia é muito eficiente. Devemos lembrar seu propósito: é a mensagem de Deus aos homens caídos. O Antigo Testamento deu aos homens o que precisavam, da Queda à primeira vinda de Cristo. O Antigo e o Novo Testamento juntos fornecem tudo de que precisamos, da Queda à segunda vinda de Cristo. Fornece também muitos outros detalhes de que precisamos, mas o propósito principal permanece central e nítido. Por exemplo, a Bíblia menciona anjos diversas vezes, mas não é um livro sobre angelologia. O que nos informa sobre anjos é verdadeiro e proposicional, mas sempre em relação aos homens. O mesmo ocorre com o céu; recebemos conhecimento factual a respeito do que precisamos saber sobre o céu, mas não um grande número de detalhes. A criação cósmica é incluída porque precisamos conhecer essas coisas que existiam antes da Queda. O que a Bíblia nos diz é verdade verdadeira, proposicional e factual, porém, ela o diz em relação aos homens. É um livro-texto científico no sentido de que onde trata do cosmos, é verdadeira, proposicionalmente verdadeira. Quando formos para o céu, o que descobriremos não contradirá os fatos que a Bíblia agora nos fornece, assim como hoje o Novo Testamento não contradiz o Antigo. A Bíblia *não* é um livro-texto científico, se com isso queremos dizer que seu propósito é nos fornecer verdade exaustiva ou que fatos científicos são seu tema e propósito centrais.

Portanto, devemos ser cuidadosos, quando dizemos que conhecemos o fluxo da história: não devemos afirmar, por um lado, que a ciência é

desnecessária ou sem sentido, nem que, por outro lado, o que inferimos da Escritura é absolutamente preciso ou tem a mesma validade que as declarações da própria Escritura. Mas tudo isso não muda o fato de que a revelação bíblica é proposicional, para ser manejada com base na razão, em relação à ciência e coordenada com a ciência. O conteúdo da Escritura não é um andar superior, e toda a Escritura é revelacional. ^[12]

Quando examinamos as diferenciações que ocorrem quando Deus diz “Assim seja”, podemos confiar em que isso é história real, mas não significa que a situação é exhaustivamente revelada ou que todas as nossas perguntas serão respondidas. Esse era o caso com nossos pais, assim como é para nós e será para todo que vier depois de nós. Com efeito, quando estivermos diante de Deus no tempo porvir, mesmo quando o virmos face a face, sua comunicação ali — certamente será mais do que temos agora — ainda não será totalmente exhaustiva, porque nós que somos finitos nunca poderemos exaurir o infinito. O que sabemos pode ser verdadeiro e normativo e ainda não ser um mapa completamente detalhado, contendo tudo do conhecimento que o próprio Deus tem.

Deus Separou

Portanto, depois da criação inicial a partir do nada, vêm as várias diferenciações. A primeira está em Gênesis 1.3,4: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz. Viu Deus que a luz era boa, e fez separação entre a luz e as trevas” (a expressão *dividiu* ou *fez separação* é a chave, pois repete - se por todo esse capítulo). A primeira diferenciação é entre trevas e luz. Quando jovem, eu ficava intrigado pelo fato de a luz ser mencionada nesse lugar específico; hoje sabemos que isso se encaixa com o que a ciência diz sobre esse momento. Com a divisão do átomo, a discussão mudou; a luz está intimamente ligada à energia, e não é surpreendente que a partir do *ser bruto*, a luz (em contraste com o Sol) é mencionada como a primeira diferenciação.

A segunda diferenciação aparece no versículo 6: “E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas” (ARA). Alguns eruditos têm buscado minimizar o ensino da Bíblia, dizendo que a palavra *firmamento* indica que os judeus tinham a ideia de um bronze ou ferro cobrindo o mundo. Mas esse não é o quadro de forma alguma. *Firmamento* significa simplesmente “expansão”. É uma palavra bastante ampla, como podemos observar no fato de que *firmamento* é onde a Lua, o Sol e as estrelas estão (v. 14). Talvez *espaço* seja o melhor equivalente para nossa geração. Mas *firmamento* também é onde os pássaros voam (v. 20). Em todo caso, a ideia de que é apenas uma cobertura rígida, o que reflete uma noção primitiva de um universo em três andares, é um erro. Pelo contrário, o que está sendo referido é a diferenciação na área do ser — a diferenciação da amplitude que está sobre nós.

No versículo 9, a diferenciação continua e concentra-se na própria Terra: “Disse também Deus: Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça o elemento seco; assim foi”. Agora, temos mar e terra. Há um refinar constante, por assim dizer, à medida que seguimos esses passos.

O versículo 11 contém uma quarta diferenciação: “E disse Deus: Produza a terra relva, ervas que deem semente, e árvores frutíferas que, segundo as suas espécies, deem fruto que tenha em si a sua semente, sobre a

terra. E assim foi”. Assim, a terra produz vegetação e temos aqui uma diferenciação entre não vida e vida de um tipo vegetal.

A diferenciação continua nos versículos 14-16, quando Deus faz os luminares no firmamento e, na Terra, separa o dia da noite. É o versículo 16 que traz mais dificuldade: “Deus, pois, fez os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; fez também as estrelas”. Entretanto, a principal ênfase é que, na Terra, o dia é separado da noite. A tônica principal é uma contínua diferenciação, enquanto a existência parte do ser bruto para a luz (ou energia) e então para um espaço diferenciado, áreas de água e terra, os seres inanimados, as plantas vivas, e dia e noite na terra.

Os versículos 20 e 21 resumem uma das diferenciações mais importantes — entre a vida consciente e a inconsciente. Permita-me salientar novamente que é nesse ponto particular que a palavra *criou* é usada em sua forma especial: “E disse Deus: Produzam as águas cardumes de seres viventes; e voem as aves acima da terra no firmamento do céu. *Criou*, pois, Deus os monstros marinhos, e todos os seres viventes que se arrastavam, os quais as águas produziram abundantemente segundo as suas espécies; e toda ave que voa, segundo a sua espécie. E viu Deus que isso era bom”. Assim, surge a vida consciente em dois níveis — vida consciente nas águas e vida consciente no ar. Na verdade, uma tradução melhor da segunda metade do versículo 20 é “*Haja* aves que voem”. A palavra *haja* não está no hebraico, mas a forma da palavra *voem* a exige. Em outras palavras, *haja* é usada por toda essa seção — nos versículos 3, 6, 9, 11, 14 e, agora, duas vezes no versículo 20.^[13] Mas nesse ponto, enfatiza-se a singularidade da vida consciente, assim como aconteceu antes com a criação original e singular a partir do nada.

No versículo 24, chegamos à sétima diferenciação: “E disse Deus: Produza a terra seres viventes segundo as suas espécies: animais domésticos, répteis, e animais selvagens segundo as suas espécies. E assim foi”. Nessa divisão, a vida consciente na terra é distinguida da vida consciente na água e no ar. Nesse ponto, tudo foi produzido e diferenciado, com exceção de um ser — o homem. Assim, chegamos, finalmente, à distinção tão importante para nós.

Deus separa o homem do ser bruto, da vida vegetal e da vida consciente de peixes, pássaros e animais. Gênesis 1.26 diz: “E disse Deus:

Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...”. O homem aparece em contraste marcante com tudo o que foi criado antes. Primeiro, como já vimos, a palavra *criou* é aplicada ao homem, e isso significa que Deus criou o homem de um modo especial. Ademais, temos uma informação específica sobre esse modo especial: o homem foi feito “à imagem de Deus”.

Devemos observar essa passagem, em relação a Gênesis 2.7, que acrescenta mais detalhes: “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”. Para não valorizarmos demais a palavra *alma*, devemos perceber que ela também é usada em relação a outros seres vivos com vida consciente. Assim, na verdade, a ênfase aqui não está em alma em oposição a corpo, mas no fato de que, por um ato específico e definido, Deus criou o homem para ser um ser vivo e consciente. Deus fez o homem à sua imagem, por um ato específico de criação. Como vimos, Gênesis 1.27 e 5.1,2 enfatizam isso com vigor, usando a palavra especial ‘criação’ (‘criou’, ‘criado’) três vezes.

Gênesis 1 e Gênesis 2

Hoje, alguns eruditos veem Gênesis 1 e 2 como dois relatos distintos, quase como compartimentos impermeáveis nos quais nada de um se relaciona com o outro. Porém, de acordo com a exegese da própria Escritura para esses capítulos, tal posição não é admissível. De fato, o primeiro e o segundo capítulos de Gênesis formam uma unidade; nenhum relato está completo em si mesmo. As duas passagens são complementares, cada uma contendo material singular e importante para uma compreensão do homem.

Quanto à unidade, há uma defesa mais forte que o simples reconhecimento da interação entre os dois relatos. O próprio Jesus os une. Portanto, para separar essa unidade, teríamos de negar o modo como Jesus abordou os dois capítulos. Respondendo à pergunta dos fariseus sobre o divórcio, Jesus disse: “Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez...”. Jesus está aludindo aqui a Gênesis 1.27. Porém, ele prossegue: “E [Deus] disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne?”. Essas últimas palavras em Mateus 19.4,5 citam Gênesis 2.24. Assim, Jesus une as passagens de Gênesis 1 e 2.

Marcos 10.6-8 dá mais indicação da unidade: “Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea”. Isso remonta a Gênesis 1.27. Logo a seguir, Jesus diz: “Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á a sua mulher”. Isso vem de Gênesis 2.24 e, assim, novamente os dois são unidos. Então Jesus prossegue: “E serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne”. Juntas, essas passagens são a base do padrão moral de Jesus a respeito do casamento. Jesus retrocede, une a criação do homem em Gênesis 1 com a criação do homem em Gênesis 2, para mostrar uma unidade que forma a base para sua visão de casamento.

Lançamos mais luz sobre o relacionamento entre Gênesis 1 e 2, com uma consideração da estrutura literária que ocorre por todo o livro de Gênesis: primeiro, coisas menos importantes são tratadas com rapidez e, então, as coisas mais importantes para o tema central da Bíblia são outra vez abordadas e desenvolvidas de forma mais completa. É assim, por

exemplo, no relato sobre Isaque e seus dois filhos, Jacó e Esaú. A história de Esaú vem primeiro, porém, é a história de Jacó que é desenvolvida de maneira mais completa. Da mesma forma, Gênesis 1 trata brevemente do homem em seu contexto cósmico e, então, Gênesis 2 volta-se para o homem e o coloca no centro do tema do livro. A Bíblia, como já afirmamos, é o livro dos homens caídos. Seu propósito é nos contar, deste lado da Queda, quem somos e o que Deus deseja que saibamos. Então, após lidar com o homem em seu contexto cósmico no primeiro capítulo de Gênesis, Deus coloca o homem no centro, começando no meio do capítulo 2. Embora, nesse sentido, os relatos de Gênesis 1 e 2 tenham ênfases diferentes, não são colocados um contra o outro.

Historicidade de Adão e Eva

O tratamento de Jesus para Gênesis 1 e 2 também traz à tona a questão da historicidade de Adão e Eva. É difícil evitar o fato de que Jesus trata Adão e Eva como na verdade o primeiro casal humano no espaço e no tempo. Se temos quaisquer dúvidas a respeito da questão, certamente elas se resolvem quando examinamos outras passagens do Novo Testamento.

Romanos 5.12, por exemplo, contém um forte testemunho de que Adão e Eva eram, de fato, pessoas dentro do espaço e do tempo: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte...”. Logo, havia um primeiro homem, um homem. Paulo continua no versículo 14: “No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão...”. Fica muito claro que Adão é visto como tão histórico quanto Moisés. Se não fosse o caso, o argumento de Paulo não faria sentido. O versículo 15 reforça a ideia: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, abundou para com muitos”. Portanto, esse é um paralelo entre a historicidade de Adão (o primeiro homem) e dois outros — Cristo e, então, nós mesmos. Paulo lida com homens na história, quando lida com “muitos” e, assim, faz um paralelismo triplo — a historicidade de Adão, a historicidade de Cristo, e a minha historicidade.

1 Coríntios 15.21,22 reforça ainda mais o argumento que Paulo apresenta em Romanos: “Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Pois como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados”. A ênfase está novamente no paralelo entre a historicidade de Jesus Cristo (que, você deve lembrar, Paulo vira na estrada para Damasco) e a historicidade do homem que ele chama aqui de Adão. O versículo 45 apresenta a mesma tônica: “Assim também está escrito: O primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante”. O “assim também está escrito” alude a Gênesis 2.7. Se alguém deseja dispensar a historicidade de Adão, certamente terá de duvidar desse paralelismo tão forte entre Adão e Cristo.

Costuma - se afirmar que esse paralelismo é apenas paulino, mas o Evangelho de Lucas nos dá exatamente a mesma ideia. Traçando a ascendência de Jesus de trás para frente, Lucas lista vários personagens históricos, incluindo pessoas como Davi, Jessé, Jacó e Abraão, e termina: “E Cainã de Enos, e Enos de Sete, e Sete de Adão, e Adão de Deus” (Lc 3.38). Assim, temos outro paralelismo triplo — um paralelismo entre a existência objetiva e histórica de todo um grupo de pessoas que sabemos serem históricas por todas as referências do Antigo e do Novo Testamento, a existência objetiva e histórica de Adão, e a existência objetiva do próprio Deus. Se tirarmos a historicidade de Adão, ficaremos completamente sem base! Se mexermos com essa forma comum de entender o que está escrito na Bíblia, a estrutura do cristianismo será reduzida a um salto existencial.

Mas prossigamos. Em 1 Timóteo 2.13,14, lemos: “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”. Aqui há um dado adicional: não somente Adão é histórico, porém, Eva em sua rebelião também é vista como histórica. E 2 Coríntios 11.3 testifica disso: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo”. O paralelo aqui é entre mim e Eva. Paulo apela a nós, que somos objetivamente reais — que estamos na história — para que não caiamos numa situação semelhante. E sem constrangimento, Paulo com clareza espera que seus leitores pressuponham a historicidade de Eva e dos detalhes propostos em Gênesis.

Note-se também quão claramente é esse o caso em 1 Coríntios 11.8,9: “Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem”. Aqui, o fato de Eva ser criada depois de Adão também é parte importante do argumento de Paulo. Também seria necessário levar em conta o modo como Paulo cita a porção inicial de Gênesis em 1 Coríntios 6.16 e em Efésios 5.31 — e, finalmente, 1 João 3.12 entende Caim como histórico, e Hebreus 11 trata Abel, Enoque e Noé como paralelos de Abraão e de todos os que o seguiram na História.

Temos, portanto, um forte testemunho da unidade de Gênesis 1 e 2, e da historicidade de Adão e Eva. Levam o peso da autoridade de Paulo e Lucas, assim como de Jesus.

Criação de Eva

Em Gênesis 2, Adão é criado antes de Eva. Não existe outro ser humano diante dele. Ele está sozinho. Adão, criado de modo específico e único à imagem de Deus, diferenciado de tudo o que o precedeu, não encontra nada que corresponda a si. No hebraico, é possível sentir especificamente a força disso no versículo 20: “Mas para Adão não se achava ajudadora idônea [isto é, uma ajudadora frente a ele]”. A ênfase aqui está numa contraparte de Adão, alguém paralelo a ele, ainda que diferente. A contraparte, que agora conhecemos muito bem no relacionamento homem - mulher em nossas vidas, simplesmente não existia naquele momento. Algo não estava lá.

“E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea...” (Gn 2.18). E a Bíblia prossegue: “Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o SENHOR Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora [fornecendo a fonte histórica, isso pode ser traduzido como *esta, neste momento é*] osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.21-24).

O intrigante aqui é que, numa passagem do Novo Testamento (Mt 19.4,5) que já examinamos, Jesus chama o que é dado no versículo 24 de uma declaração direta de Deus. Deus diz isso por causa do modo como Eva foi feita — tirada do homem. Assim, é difícil alterar esse discurso claro na porção inicial de Gênesis, sem perder a possibilidade do sentido real no vocabulário ou na comunicação. Somos informados de que Deus criou a mulher desse modo particular.

Certamente a criação da mulher a partir do homem é um fato de importância filosófica muito definida, porque significa que a humanidade é, realmente, uma unidade. O homem não veio do nada, nem se originou de numerosos começos. Houve um princípio real, um princípio numa unidade real num homem, um indivíduo, diferenciado de tudo que o precedeu e, então, diferenciado em termos de macho e fêmea. É esse retrato do homem

que dá força ao conceito cristão da unidade da humanidade. O mundo hoje tenta encontrar uma base para afirmar que todos os homens são um, mas o cristão não tem esse problema, pois entende por que a humanidade é realmente uma.

Ademais, podemos começar a entender um aspecto sobre o matrimônio, porque o próprio Deus liga o laço matrimonial à realidade da unidade do ser humano. Daí, entendemos a natureza dessa união particular em que macho e fêmea constituem um todo, tornam-se uma carne. Homem, com um H maiúsculo, equivale a macho e fêmea, e a união um homem, uma mulher junta essa unidade.

Como cristãos, não devemos permitir que essa seção de Gênesis sobre a criação de Eva seja deixada de lado como fato sem importância. À primeira vista, pode parecer que não perderíamos muito; porém, finalmente, isso traria destruição real. A Bíblia descreve a criação de Eva como uma diferenciação específica, à sua própria maneira, uma diferenciação tal qual a criação do próprio Adão.

Assim, há uma força especial em Gênesis 5.1,2: “Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez. Homem e mulher os criou; e os abençoou e chamou o seu nome Adão (ou *homem*, ou humanidade), no dia em que foram criados”.^[14] Na segunda vez em que essa passagem usa a palavra *criou*, é em relação a macho e fêmea. Trata-se de um paralelo com Gênesis 1.27: “homem e mulher os *criou*”. A estrutura agora está completa.

Assim, para resumir onde estamos no fluxo da história, podemos dizer que há a primeira criação a partir do nada, então a diferenciação em várias formas, então a diferenciação do homem de tudo que o precedeu e, por fim, de forma muito especial, a diferenciação de Eva e Adão, entre mulher e homem. Toda a sequência testifica a existência de Adão e Eva na história espaço-temporal.

Imagem de Deus

O que diferencia Adão e Eva do restante da criação? Encontramos a resposta em Gênesis 1.26: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem...”. O que diferencia Adão e Eva do restante da criação é que foram criados à *imagem de Deus*. Para o homem do século XX, essa expressão, à *imagem de Deus*, é tão importante quanto qualquer ponto da Escritura, porque os homens de hoje não podem responder à questão crucial, “Quem sou?”. Em nossas teorias naturalistas, com a uniformidade de causa e efeito num sistema fechado, com um conceito evolutivo de uma marcha mecânica e aleatória do átomo ao homem, o homem perdeu sua identidade singular. Quando observa o mundo, enquanto encara a máquina, não consegue se diferenciar do que encara. Não consegue distinguir-se das outras coisas.

De modo bem diferente, um cristão não tem esse problema. Ele sabe quem é. Se algo pode ser considerado dom de Deus, é isto — saber quem se é. Como cristão, sei de minha diferenciação. Posso examinar o mecanismo mais complicado que os homens criaram até agora ou mesmo que criarão, e perceber que, embora a máquina possa fazer algumas coisas que não consigo fazer, sou diferente dela. Se vejo uma máquina mais forte que eu, não importa. Se ela pode erguer uma casa, não me perturbo. Se pode correr mais rápido que eu, sua velocidade não me ameaça. Se sou confrontado com um computador gigante que jamais pode ser vencido ao jogar damas — mesmo quando percebo que nunca na história eu ou qualquer homem será capaz de vencê-lo — não me aflijo. Outros podem ser psicológica e intelectualmente esmagados pelo fato de o homem poder criar uma máquina capaz de vencê-lo em seus próprios jogos, mas não o cristão.

O cristão sabe que o homem vem de uma origem diferente no fluxo da história. Não é que Deus não tenha criado tanto o homem quanto o grande mecanismo do universo, mas que fez o homem diferente do restante do universo. E o que diferencia o homem da máquina é que seu relacionamento básico é ascendente em vez de descendente ou horizontal. Foi criado para relacionar-se com Deus como nenhum dos outros seres.

É com base na criação à imagem de Deus que tudo está aberto ao homem. De repente, a personalidade não escorre pelos meus dedos. Entendo a possibilidade de comunhão e de pessoalidade. Entendo que, por ser criado

à imagem de Deus e porque Deus é pessoal, tanto um relacionamento pessoal com Deus quanto o conceito de comunhão como comunhão tem validade. O fator primário é que meu relacionamento é ascendente. É claro que tenho relacionamentos descendentes também, mas sou diferenciado de tudo o que há abaixo de mim e já não sou confundido.

Essa diferenciação possibilita o amor genuíno. Ninguém pode imaginar máquinas como amáveis. Embora um computador possa combinar com outro computador e gerar uma resposta combinada para algum tipo de questão, não chamaríamos isso de relacionamento amoroso. Além do mais, se somos feitos à imagem de Deus, não estamos perplexos quanto à possibilidade de comunicação; e não estamos perplexos quanto à possibilidade de revelação, pois Deus pode revelar verdade proposicional a mim, visto que sou feito à sua imagem. Finalmente (como os teólogos há muito salientaram), se o homem é criado à imagem de Deus, a encarnação, embora tenha muitos mistérios, não é tolice. A Encarnação não é irracional como certamente seria se o homem visse a si mesmo apenas como o finito em relacionamento face a face com um outro filosófico.

Como consequência, devo ser grato pela compreensão dada em Gênesis — compreensão de que, no fluxo da história, o homem foi feito à imagem de Deus —, pois isso dá uma base intelectual, emocional e psicológica à minha compreensão de quem sou.

› **Domínio do Homem**

É com base em sua criação à imagem de Deus que o homem tem domínio sobre as outras coisas no mundo ao seu redor. Não que simplesmente o homem seja mais forte; na realidade, nem sempre é mais forte. O próprio domínio é um aspecto da imagem de Deus, no sentido de que o homem, sendo criado à imagem de Deus, encontra-se entre Deus e tudo o que Deus decidiu colocar sob o homem. Como ser criado, o homem não é mais elevado que tudo o que foi criado, mas como ser criado à imagem de Deus, tem a responsabilidade de conscientemente cuidar de tudo o que Deus colocou sob seu cuidado.

Além disso, sermos criados à imagem de Deus nos livra do fardo de pensar que, por isso, qualquer coisa que aconteça deve estar *certa*. Recebemos um domínio que coloca uma responsabilidade moral sobre nós. Assim, não precisamos sucumbir à ética do Marquês de Sade, onde, seja o que for ou possa ser, tudo é certo.

Mas prossigamos. Lemos em Gênesis 1.26: “... domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra”. Essas palavras serão repetidas em breve: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei [a tradução *enchei novamente*, proposta pela versão do rei Tiago, é imprecisa] a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento” (Gn 1.28,29). Devemos explicar essa tradução, pois a palavra *erva* não deve ser entendida como um contraste com outras plantas, mas indica toda a vida vegetal, e a frase *que dê semente* é, em hebraico, “que semeia sementes”. Além disso, a palavra *mantimento* significa simplesmente “alimento”, não mantimento em oposição a vegetais.^[15] Assim, seria possível traduzir o versículo 29 desta forma: “Eu vos tenho dado toda planta que semeie sementes, que está sobre a face da terra, e toda árvore, em que há fruto que semeie sementes, ser-vos-á para alimento”. Portanto, em seu domínio, o homem deve ter as plantas à sua disposição.

Gênesis 2.19,20 apresenta uma consequência adicional desse domínio: “Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo animal do campo, e toda ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo”. Assim, as implicações de seu domínio estendem-se além do reino vegetal para tudo o que tenha vida consciente.

Talvez uma das expressões mais impressionantes do conceito de domínio do homem encontre-se no Salmo 8.5-8:

Pois pouco menor o fizeste do que os anjos,
e de glória e de honra o coroaste.
Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos;
tudo puseste debaixo de seus pés:
todas as ovelhas e bois,
assim como os animais do campo,
as aves dos céus, e os peixes do mar,
e tudo o que passa pelas veredas dos mares.

Essa passagem, é claro, refere - se profeticamente à diferenciação espaçotemporal de Gênesis e à criação do homem Jesus Cristo, mas também é aplicável à humanidade em geral. Todos esses elementos da realidade — animais, pássaros e vida marinha — estão sob o domínio do homem, e o homem é responsável por eles assim como tem o direito de usá-los adequadamente.

O Salmo 115.16 testifica do fato, mas acrescenta uma qualificação: “Os céus são os céus do SENHOR; mas a terra a deu aos filhos dos homens”. Nem toda a criação, portanto, mas uma certa área é mencionada como sendo especificamente colocada sob o domínio do homem.

Aliás, isso não significa que o homem, conforme originalmente criado, não tivesse trabalho a fazer: “E tomou o SENHOR Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (Gn 2.15). Como veremos adiante, o trabalho até então não era o trabalho como o conhecemos agora, mas a vida do homem não era apenas um longo período de indolência. O homem tinha trabalho a fazer antes da Queda. Recebeu o domínio e, mesmo que o administre muito mal desde a Queda, ainda o detém.

Imagem de Deus e o Homem Caído

É importante notar que o homem caído ainda retém algo da imagem de Deus. A Queda separa o homem de Deus, mas não remove sua diferenciação original de todas as outras coisas. O homem caído não é menos que homem. Assim, lemos em Gênesis 9.6: “Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem”. O homem é uma criação tão especial que tomar sua vida homicida e arbitrariamente merece punição específica. Algumas vezes, sinto que muito do tom e do clamor atuais contra a pena capital não se baseia tanto no interesse humanitário ou mesmo num interesse por justiça, mas numa falha em entender que o homem é singular. A verdade é que Gênesis 9.6 é uma declaração sociológica: a razão para que a punição por assassinato possa ser tão severa é que o homem, sendo criado à imagem de Deus, tem um valor particular — não apenas um valor teórico em algum período antes da Queda, mas esse valor ainda hoje.

[16]

Encontramos um paralelo em Tiago 3.9: “Com ela [nossa língua] bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus”. A semelhança é paralela ao termo *imagem de Deus*.

O cristão, portanto, tem uma base sociológica extremamente forte. Quando lutam hoje contra preconceitos, os humanistas têm pouca base filosófica para sua batalha. Mas como cristão, eu a tenho: não importa quem eu veja, não importa onde ele esteja, todo homem é criado à imagem de Deus tanto quanto eu.

Assim, a Bíblia me diz quem sou. Ensina - me como sou diferente de todas as outras coisas. Não preciso ser confundido, portanto, com a vida animal, ou com as máquinas complicadas da segunda metade do século XX.

Subitamente, tenho valor, e entendo como sou diferente. Entendo como Deus pode ter comunhão comigo e me trazer revelação de natureza proposicional. Ademais, posso ver que todos os homens são tão distintos do não homem, e devo enxergá-los como tendo grande valor. Voltando a Gênesis 9.6: alguém que assassina um homem não só mata alguém que, por acaso, é de uma espécie comum à minha, mas alguém com valor impressionante, alguém feito à imagem de Deus. Como Tiago diz, qualquer

homem, não importa quem seja, estranho ou amigo, um cristão ou alguém que ainda é rebelde contra Deus, é feito à semelhança de Deus. O homem tem grande valor não por alguma razão menos fundamental, mas por sua origem.

Assim, o fluxo da história tem extraordinárias implicações para todo aspecto de nossas vidas. Encontro-me no fluxo da história. Conheço *minha* origem. Minha linhagem é maior que a da Rainha da Inglaterra. Não começa com a Batalha de Hastings. Não começa com a gênese de boas famílias, onde ou quando possam ter vivido. Quando me vejo no fluxo da realidade espaçotemporal, vejo minha origem em Adão e em Deus criando o homem à sua própria imagem.

Capítulo 3: Deus e seu Universo

Como Criador, Deus molda, talha e dá forma ao ser bruto — uma forma que verdadeiramente reflete Quem a moldou. E quando conclui esse processo, o que Ele criou fala do Deus que o criou.

Bondade da Criação

Gênesis 1 nos conta repetidamente sobre algo importante nessa criação. No versículo 4, lemos: “E viu Deus que era boa a luz”. A frase “era boa” é repetida nos versículos 10, 12, 18, 21 e 25. E o versículo 31 resume toda a avaliação de Deus: “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom”. Essa não é uma avaliação relativa, mas uma apreciação do Deus santo que tem um caráter e cujo caráter é a lei do universo. Sua conclusão: “Toda etapa e toda esfera da criação, todo o conjunto — o próprio homem e seu ambiente completo, os céus e a terra — conforma-se a mim mesmo”.

Tudo em cada um dos vários níveis da criação cumpre o propósito de sua criação. O elemento mecânico do universo age com perfeita mecanicidade. Os animais e os vegetais agem com perfeição em sua animalidade ou vegetabilidade. Como ser criado à imagem de Deus, o homem encontra-se em seu nível específico na criação, com uma referência ascendente em vez de descendente. E Deus pode também dizer que, em sua humanidade, o homem é igualmente bom neste ponto particular da história espaçotemporal: “O homem conforma-se a mim em sua posição na criação”.

Assim, temos uma doxologia de toda a criação — tudo glorifica a Deus em seu próprio plano. A máquina como máquina louvando e glorificando a Deus, o homem como homem, e tudo entre os dois fazendo o mesmo. Ainda que não estejam realmente conscientes do que fazem, muitos desses seres falam de Deus em toda a sua magnitude e o glorificam cumprindo o propósito para que foram criados. Não há pecado. Cada objeto está num relacionamento adequado com Deus e fala sobre quem Deus é. E como cada um funciona no contexto total de quem Deus é (a existência de Deus como Criador), e como cada um funciona perfeitamente no plano para o qual foi criado, todas as coisas são realizadas em suas posições — a máquina, o animal e o próprio homem.

Tillich diria que o homem equivale ao homem caído. Em Gênesis, porém, a humanidade do homem deve ser observada não em sua queda, mas na esfera onde foi criado; deve ser vista em seu ser à imagem de Deus e em relação ao Deus que é. O próprio Deus trino e infinito pode observar tudo o que criou e dizer: “Está perfeito, o homem é bom — corpo e alma, macho e

fêmea. Todo o homem é bom. A unidade do homem individual é boa”. Assim, encontramos aqui uma rejeição completa à ideia comum de que a Queda foi sexual em sua natureza, que tomar o fruto era, na verdade, uma referência ao primeiro ato sexual. Deus considera o homem e a mulher juntos e diz: “Tudo isso é bom” e, em Gênesis 1.28, ordena-lhes que tenham filhos.

Chegando ao final do relato da criação, nos maravilhamos. A Criação passou. E todavia, isso não significa que Deus torna-se incapaz de agir no mundo que criou. Deus não é um prisioneiro de seu próprio universo. Por *fiat* divino, Deus pode mudar o universo que criou, assim como, por *fiat* divino, o trouxe à existência no princípio. Houve, por exemplo, um *fiat* mudando o universo após a Queda do homem. E é importante para os homens do século XX compreenderem o fato de Deus poder agir por *fiat* sobre o universo que criou. Posteriormente, abordaremos a questão em detalhes.

dia

Antes de avançarmos, precisamos considerar um ponto: o conceito de *dia* em relação à criação. O que *dia* significa nos dias da criação? A resposta deve ser ponderada com certa flexibilidade. Em Gênesis 5.2, lemos: “Homem e mulher os criou; e os abençoou e chamou o seu nome Adão, no *dia* em que foram criados”. Como está claro que Adão e Eva não foram criados simultaneamente, em Gênesis 5.2, *dia* não significa um período de 24 horas. Em outros pontos do Antigo Testamento, a palavra hebraica para dia refere-se a uma era, assim como normalmente acontece no inglês. Para tal uso, observe, por exemplo, Isaías 2.11, 12 e 17. A verdade é que no hebraico (como no inglês) *dia* é usado em três sentidos distintos: significa (1) 24 horas, (2) o período de luz durante as 24 horas, e (3) um período indeterminado de tempo. Portanto, devemos deixar em aberto a exata extensão de tempo indicada por *dia* em Gênesis. Pelo estudo da palavra em hebraico, não está claro como deve ser entendida; poderia ser em qualquer dos sentidos. À luz do uso da palavra na Bíblia e da falta de definição da ciência quanto ao problema de datação, em certo sentido não há debate, porque não há termos claramente definidos sobre os quais debater.

riação e a Existência e Caráter de Deus

Em contraste com todo o pensamento oriental e da maior parte da teologia moderna, Gênesis deixa claro que o mundo como o temos não é uma extensão da essência de Deus. O fato da Criação impede essa concepção. E toda a tradição judaico-cristã fundamentada nessa porção da Bíblia e mesmo a Bíblia inteira constantemente testemunham dessa ideia. O mundo não é apenas um sonho de Deus, mas existe de fato, separado de Deus e possuidor de uma realidade objetiva. Porém, o mundo fala sobre quem Deus é. Na verdade, fala alto e claro sobre o ser de Deus, em quatro áreas diferentes.

Primeiro, o mundo externo, mesmo como se encontra hoje após a Queda, fala da própria existência. Como destaquei anteriormente em referência a Jean Paul Sartre, o problema filosófico básico é que algo existe em vez de nada existir. O ser existe. Portanto, a primeira coisa da qual o mundo objetivo e externo fala é a existência de Deus como verdadeiro ser. Isto é, há o universo, há existência, há Deus.

Segundo, o universo tem ordem. Não é um caos. É possível partir das particularidades do ser e chegar a alguma compreensão de sua unidade. É possível aprofundar-se cada vez mais no universo e jamais chegar a um precipício de incoerência. Encontramos essa ênfase em Gênesis 1, que salienta o fato de Deus ter feito todas as coisas produzirem segundo sua própria espécie. Aqui está a ordem. E o mesmo vale para o Deus da Escritura. Ele não é o outro filosófico, nem o tudo impessoal, nem é caótico ou aleatório. Ele é um Deus (uso essa palavra cuidadosa e doxologicamente) *racional*.

Terceiro, o universo fala do caráter de Deus. Ele não apenas é, e é Deus de ordem e de razão, mas é bom. Criou um universo totalmente bom que, vindo originalmente de Deus por *fiat*, fala dele também.

Quarto, o universo fala de Deus como pessoa. Quando criou o homem à sua própria imagem, Deus declarou algo mais integral sobre si do que fizera em qualquer outra parte de toda a extensão do universo. Anjos também falariam sobre isso, mas a ênfase da Bíblia está no homem, e é o homem que todos conhecemos. Em meio ao que existe, há algo pessoal — homem. O que evidencia a pessoalidade do grande Criador de tudo. Se

Deus tivesse interrompido sua criação com o mecânico, o vegetal ou o animal, não haveria tal testemunho. Porém, ao criar o homem à sua própria imagem, o Deus triúno — que comunica e que ama antes da criação de tudo — criou algo que reflete sua personalidade, sua comunicação e amor. Entre o homem e Deus pode haver comunicação, porque, diferente de tudo que não é homem, o homem foi feito à imagem de Deus. O homem é um ser verbalizante, e Deus pode comunicar-se verbalmente com o homem. O homem pensa em proposições, e Deus pode comunicar-se com o homem, proposicional e verbalmente.

Por exemplo, em Gênesis 2.16, lemos: “E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Aqui, descobrimos que Deus se comunicava com o homem antes da queda do homem. Deus comungava com o homem, num relacionamento de amor. Note que essa comunicação não é apenas uma experiência existencial de primeira ordem e desprovida de conteúdo, mas comunicação verdadeira e proposicional.

Imediatamente após a decisão de Adão e Eva quanto a comer o fruto, há nova indicação de comunicação proposicional por parte de Deus: “E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?” (Gn 3.8,9). Então, após Adão e Eva responderem às perguntas de Deus, Deus lhes fala numa série de grandes declarações proposicionais. O homem esteve em comunicação com Deus antes e depois da Queda.

Também é verdade que os homens comunicam-se entre si. Cada vez que um homem comunica-se com outro, quer saiba quer não, mesmo se for o maior blasfemador que já existiu ou um ateu praguejando contra Deus, mesmo quando pragueja, mesmo quando diz “Não há Deus” — esse homem testemunha sobre quem Deus é. Deus dá liberdade a uma testemunha que não pode ser revogada.

O universo, portanto, fala da existência do Ser. Fala sobre ordem e razão. Fala de um Deus bom e razoável, de um Deus pessoal.

O alvo do homem, como ser finito e pessoal, é relacionar-se pessoalmente com o Deus infinito e pessoal que existe. Quando ouvimos o

primeiro mandamento de Cristo, sobre amar a Deus com todo o nosso coração, alma e mente, não estamos diante apenas de uma obrigação abstrata — um exercício devocional separado de tudo que é racional. Pelo contrário, temos um ponto de referência infinito que dá sentido a todos os nossos pontos de referência finitos. Esse ponto de referência infinito não somente existe, como também é pessoal e pode comunicar-se conosco, e nós com ele — um ponto de referência infinito a quem podemos amar.

Este é o propósito do homem: amar a Deus num plano pessoal, não mecânico. As outras coisas do universo estão adequadamente em um nível mecânico: o átomo de hidrogênio é uma máquina. O sistema solar é uma máquina. O relacionamento deles com Deus é mecânico. Mas sempre que vamos a um culto e cantamos mecanicamente a doxologia, cometemos um erro: não louvamos a Deus no nível de quem somos.

É claro que o homem é chamado não apenas a amar a Deus, mas também a amar outros homens. E, subitamente, em tal cenário, esse tipo de amor torna-se uma declaração sensível. Mesmo o homem descrente ou blasfemador que se apaixona dá testemunho de quem Deus é, quer saiba, quer não. Assim como o ser bruto demonstra a existência de Deus, um universo originalmente bom exhibe a bondade moral de Deus, assim também a comunicação de homem a homem, e o amor de um homem por outro (seja no relacionamento sexual homem-mulher ou no relacionamento de amizade), testificam sobre quem Deus é.

Deus pode dizer: “Querem saber algo sobre mim? Observem a criação, como a fiz”. O universo não é uma extensão da essência de Deus, mas fala de Deus em todas as suas partes.

O relacionamento homem-mulher já não é uma piada, ou uma maldição, como é muitas vezes para o homem moderno. Sabemos que Deus não fez o homem como um indivíduo para ficar sozinho por muito tempo, capaz de amar apenas a Deus. Embora amar a Deus fosse o propósito de sua criação, Deus rapidamente lhe deu uma contrapartida — alguém como ele, contudo diferente — que de imediato revelou a comunicação no próprio nível do homem. Portanto, toda vez que observamos um relacionamento homem-mulher verdadeiramente amoroso ou um relacionamento entre amigos verdadeiramente amoroso, conquanto essas coisas tenham grande valor em si mesmas, observamos mais que apenas humanidade amando

humanidade. Cada um deles é, ao mesmo tempo, um testemunho de quem Deus é.

Esse é um testemunho, mesmo após a Queda, como lemos em Romanos 1.19,20: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis”. O argumento aqui é que “desde a criação” (a partir do momento da criação) as coisas que Deus criou são um testemunho de seu ser, de sua bondade e de sua pessoalidade.

Criação em Paz Consigo

Quando Deus criou, a criação estava em paz consigo mesma. Gênesis 1.29, 30 pode indicar que a alimentação dos homens e das feras incluía apenas vida vegetal. Isso não é explicitamente afirmado aqui, mas pode ser inferido. Há uma possível indicação da mudança do relacionamento do homem com o restante da criação quando Deus fala com Noé, instituindo outro conjunto de alianças e trazendo uma mudança no fluxo da história: “Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde” (Gn 9.3). Deus pode ter querido dizer alguma coisa como: “Antes, dei-lhes toda erva verde como alimento, mas agora toda criatura vivente também é sua como alimento”. Deus diz: “E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo animal da terra, e sobre toda ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues” (Gn 9.2). As implicações totais não estão claras, mas considerando a restauração da criação, está claro que na criação, a criação estava em paz consigo mesma. Isso não significa necessariamente que árvores ou mesmo peixes ou animais *não possam* ter morrido de velhice, mas que não havia medo da não existência (como o homem tem), nem medo da violência.

Para completar, devemos considerar uma possibilidade: a rebelião de Satanás talvez já tivesse trazido medo e violência ao mundo antes da revolta do homem. Isso não pode ser relacionado a nada que a Bíblia diz explicitamente, mas também não é excluído como possibilidade. Essa, claro, era a visão de C.S. Lewis. João 12.31, 14.30 e 16.11 falam de Satanás como o príncipe deste mundo. Talvez ele fosse o príncipe deste mundo antes da revolta do homem ou mesmo antes da criação do homem, e não apenas depois da queda do homem. Em Isaías 14.12-17 (que acredito referir-se à queda de Satanás), os versículos 16 e 17 caberiam nesse conceito. Em outras palavras, teria sido Satanás, em sua revolta primordial, quem trouxe medo e violência para o mundo do não homem, introduzindo, assim, a anormalidade. Dois fatos que realmente temos: (1) Isso teria ocorrido após a criação original a partir do nada e (2) Satanás revoltou-se antes da revolta do homem.

História Tem um Alvo

A história não é apenas estática, como diriam alguns existencialistas ou pensadores orientais. A história realmente caminha para algum lugar. Assim como há um princípio (de uma criação *ex nihilo*), a história flui e prossegue até o futuro. A Escritura também indica que virá um tempo em que a criação retornará para a paz consigo mesma. Romanos 8.21-23 diz: “... a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (ARA). O versículo 20 já indicara que a criação nem sempre foi assim. E está chegando um dia quando a criação será restaurada. É o mesmo momento em que os corpos dos cristãos serão ressuscitados.

A frase no versículo 23, indicando que ainda hoje aguardamos a adoção, é interessante. Num certo sentido, um cristão já está adotado (a primeira parte de Romanos 8 trata disso), pois, ao aceitar a Cristo como Salvador, o cristão já teve sua culpa removida, foi justificado e agora é filho de Deus. Entretanto, aguardamos uma adoção que não vem até a segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos nossos corpos. Essa adoção completa que envolve a mudança em nosso próprio mundo exterior (a redenção de nossos corpos) está associada com a redenção de toda a criação no versículo 23. Note também que tudo e todos estão envolvidos: “Porque sabemos que toda a criação, *a um só tempo*, geme e suporta angústias até agora”. Todos fomos pegos. As coisas não são o que eram, porém o serão no momento em que Cristo voltar e nossos corpos forem ressuscitados.

Creio que temos uma descrição desse período em Isaías 11.6-9: “E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, seus filhos se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e a desmamada colocará sua mão na cova do basilisco”. Essa passagem não fala de uma mudança psicológica da visão do homem sobre a natureza, mas de uma mudança objetiva no mundo exterior.

Naturalmente, há entre os cristãos alguma discordância quanto a que período de tempo isso se refere. Existem duas possibilidades. Uma é que haverá um milênio em que Cristo reinará sobre a terra por mil anos antes da eternidade. Essa é a opinião que defendo. Alguns cristãos pensam que essas passagens referem-se à eternidade. Ainda assim, refiram - se à eternidade ou a um reinado milenar de Cristo, isso não faz diferença para nosso argumento presente: a criação de Deus estava em paz consigo e ao fim será restaurada à paz consigo mesma. Em outras palavras, virá um tempo em que toda a criação falará uma vez mais, não apenas sobre a existência de Deus e sua pessoalidade, mas também sobre a bondade de Deus, visto que a criação original exibia essa bondade.

Portanto, no pensamento judaico-cristão, há um contraste com o pensamento moderno sobre o fluxo da história — um princípio absoluto e o fim da presente era da história.

Assim como o mundo foi “sujeito à vaidade” quando os homens caíram, da mesma forma, quando o homem for completamente restaurado no futuro — com base na obra de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus —, a criação será restaurada na mesma base. Toda restauração fundamenta-se na obra consumada de Cristo. Isso inclui (1) a restauração que abre caminho para o pecador voltar a Deus, ser justificado, contado como filho de Deus, receber propósito na vida presente e entrar em comunicação com Deus agora, (2) a restauração futura na qual o corpo do cristão será transformado, na segunda vinda de Cristo, e (3) a restauração de todas as coisas à natureza da criação original.

Assim, lemos em Apocalipse 4.11: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (ARA). Assim, como temos salientado, louvamos a Deus, primeiro porque ele é o Criador de todas as coisas. Porém, com certeza há algo de errado com o mundo que vemos hoje. Quer olhemos para o homem moderno comum, para as obras angustiadas de artistas modernos, ou para o mundo ao nosso redor, parece haver uma falha. E de fato, a falha se encontra no homem, mas também no mundo à nossa volta, o qual não está em paz consigo mesmo. O testemunho da criação sobre a existência e a pessoalidade de Deus persiste no universo objetivo e no homem como homem. Mas quando observamos as coisas e vemos o pecado do homem e a

própria criação em guerra consigo mesma, ficamos com um problema. O mundo como está agora não testemunha claramente da bondade de Deus. O quinto capítulo de Apocalipse mostra o que é necessário; e se harmoniza com a declaração sobre a criação original em Apocalipse 4.11. A chave é a redenção. O Cordeiro de Deus é aquele que é capaz, quando nada no céu, na terra ou debaixo da terra — em outras palavras, nada na própria criação — é capaz de trazer a mudança necessária. A solução foi a obra redentora de Cristo como o Cordeiro de Deus — na história, no tempo e no espaço.

Portanto, Apocalipse 5.9-11 nos diz que o homem canta ao Cordeiro de Deus porque foi redimido: “Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação”. A mesma estrutura é evidente nos versículos 12-14: “Digno é o Cordeiro, que foi morto [note que é conjugado como passado porque é passado], de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças”. Após esse versículo, surge algo que seguramente está relacionado com o que temos visto em Romanos 8 quanto ao que acontecerá no futuro: “E ouvi toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre. E os quatro animais diziam: Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se, e adoraram” (Ap 5.13,14). Eles louvam. Eles adoram. Porque naquele momento futuro tudo encontrará descanso e estará em seu lugar, com base na obra redentora de Cristo ao morrer na cruz.

Outras porções da Escritura implicitamente (não explicitamente) apoiam isso. A arca, por exemplo, não levou apenas Noé, mas também os animais. A aliança com Noé em Gênesis 9.12,13 e 16 inclui não somente homens, mas também toda criatura vivente e “a terra”. O sangue da Páscoa em Israel cobria não apenas o primogênito dos judeus, mas o primogênito dos seus animais.

Haverá um grande hino de louvor à redenção — uma redenção que incluirá não apenas o homem, mas toda a criação, um tempo em que a criação de novo falará dos grandes fatos dos quais originalmente falou. Sua existência mostra a existência do Deus que é. A humanidade do homem diz que Deus é pessoal. E toda a criação dirá: “Deus é bom”.

Capítulo 4: Ponto de Decisão

Voltemos ao princípio. A criação está concluída. Cada coisa criada opera na esfera de sua própria criação, em seu lugar adequado, e todas as coisas estão em repouso e em equilíbrio. O homem, como criado à imagem de Deus, tem uma posição singular, porque foi feito diferente dos mecanismos, dos vegetais e dos animais.

mar a Deus

Certa vez, Jesus afirmou exatamente essa posição peculiar que o homem tem nas várias esferas de criação. Um dos fariseus lhe perguntou: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”. E Jesus respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento” (Mt 22.36-38). Cerca de mil e quinhentos anos antes, em Deuteronômio 6.4-6, encontramos esse mesmo conceito: “Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração”. Assim, no tempo de Moisés, a questão central não era apenas guardar externamente os mandamentos, mas algo muito mais profundo. O homem deve *amar* a Deus em seu coração.

Porém, é de igual modo importante — e Mateus e Deuteronômio o mostram — que o homem lembre a *quem* deve amar. Amar um superior é diferente de amar um igual. Veja, por exemplo, o amor de um filho pelo pai. Se uma criança costuma falar “Eu te amo” e, ao mesmo tempo, vive em desobediência constante e aberta, o pai pode lhe dizer: “Suas ações não expressam seu amor”. A razão é que há uma hierarquia inerente ao relacionamento entre pai e filho. Os dois não estão no mesmo plano em todos os aspectos. Criação de filhos envolve um “ofício”. Quando trazido diante do amoroso Deus que é, Israel não deve apenas dizer “Eu te amo”, fundamentando sua reação só em emoções. O motivo pelo qual o tipo de amor apropriado aqui também se fundamenta na obediência é apenas a natureza do relacionamento entre as duas partes. O amor da criatura pelo Criador deve incluir obediência, ou não tem sentido. A instrução de Jesus em Mateus diz o mesmo.

Então, com esse princípio em mente podemos começar a entender o relacionamento de Adão e Eva com Deus, nos primeiros capítulos de Gênesis. Gênesis 2.16,17 diz: “E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Em sua essência, esse mandamento não é diferente dos mandamentos de Deuteronômio 6.4-6 e Mateus 22.36-38: a primeira lei para o homem é amar a Deus com todo o seu coração,

toda a sua alma e toda a sua mente. Se alguém é criatura na presença do Criador, amar inclui obedecer.

No entanto, algo mais está envolvido, pois há aqui a ideia de que obediência a essa lei é o propósito do homem, o único modo de o homem poder ser completamente homem.

Hoje as pessoas perguntam com frequência se o homem tem um propósito. Em algumas áreas do mundo, o homem aprende que tem significado somente em referência ao Estado. Em outras regiões, afirma-se que ele tem significado somente em sua vida sexual. Em todo lugar, descobre-se que o homem tem significado somente por meio da riqueza. Mas todas essas coisas tornam-se poeira em suas mãos. A resposta que a Bíblia nos dá é bastante diferente: o propósito do homem — o significado do homem — é viver em amor como uma criatura diante do Criador.

Mas o homem que se encontra diante de Deus encontra-se ali como imagem de Deus, uma pessoa verdadeira, e o amor que oferece não é mecânico. A máquina pode obedecer a Deus mecanicamente; quando o faz, faz tudo o que Deus pretende que ela faça. O vasto sistema do universo opera, em grande parte, como um grande mecanismo; e como tal, cumpre seu propósito. Isso é tudo que deveria fazer. No entanto, o homem é um ser diferente, criado numa esfera diferente de criação. Ele deve amar a Deus, não mecanicamente, mas pelo prodígio da escolha. Aqui está uma parte não programada da criação, química ou psicologicamente — o homem real numa história real, um prodígio em meio a um mundo de uniformidade de causa e efeito. No fluxo da história, o homem é trazido diante daquilo para o que foi criado — face a face num relacionamento de amor com o Deus que é.

Uma Árvore

Em Gênesis 3, amor e obediência são dispostos no contexto de um mandamento a respeito de uma árvore — a árvore do conhecimento do bem e do mal. É importante perceber que o teste que Adão enfrenta não envolve uma escolha entre uma árvore má que Deus criou e uma árvore boa que Deus criou. Pois Deus não fez coisas más. Se tivesse feito, ou se tivesse programado o homem para que pudesse desobedecer a ele, então teríamos aqui um conceito semelhante à ideia hinduísta de que afinal bem e mal, crueldade e bondade, brotam de Deus e, em última análise, são iguais.

Porém, Deus não criou uma árvore má; apenas criou uma árvore. E não há nada intrínseco a essa árvore que, de algum modo, a diferencie das outras. Pelo contrário, Deus apenas confrontou o homem com uma escolha. Poderia simplesmente ter dito: “Não cruze esse córrego; não escale essa montanha”. Ele diz: “Creia em mim e permaneça em seu lugar como criatura, não como alguém autônomo. Creia em mim e me ame como uma criatura ama seu Criador, e tudo ficará bem. Esse é o lugar para o qual o criei”.

É verdade que, ao criar o homem como fez, Deus criou a possibilidade do mal. Porém, a mera possibilidade do mal não é realização sua. Ao criar essa possibilidade, Deus validou a escolha e validou o homem como homem — um ser importante na história. Se o tivesse abandonado sem escolha, poderíamos falar para sempre do homem como homem, do homem como alguém importante, mas seriam apenas palavras sem sentido.

Todo amor — do homem pela mulher, da mulher pelo homem, ou de amigo por amigo — está ligado a escolhas. Sem escolha, a palavra *amor* não teria sentido. E incidentalmente, quando o homem moderno perde o conceito de escolha em meio ao determinismo, a palavra amor perde, cada vez mais, seu sentido.

De fato Deus estabeleceu a possibilidade de o homem escolher, incluindo a possibilidade de escolher errado. No entanto, Deus não criou o mal. Não há árvore má e árvore boa. Há apenas escolha. Quando Deus terminou de criar, não havia nada criado que fosse contrário a seu caráter.

Observemos mais atentamente o tipo específico de árvore. Não é apenas a árvore do *conhecimento*, mas um tipo específico de conhecimento — o conhecimento do bem e do mal. Não era um fato ruim o ter conhecimento. Tal ideia contradiria a dádiva do domínio ao homem, e estaria em conflito com Gênesis 2.19,20, onde o homem como homem tem conhecimento para dar nomes adequados às criaturas.

Adão e Eva já conheciam o que era bom, tudo ao seu redor era bom, e seu relacionamento com Deus e um com o outro era bom. E no conhecimento de Deus, conheciam a possibilidade do mal e seu resultado: “... dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). O que estava envolvido era o conhecimento experimental do mal em contraste com Deus informando-os sobre o mal. É claro, são finitos em contraste com o Deus infinito. Deus pode conhecer todas as possibilidades cabíveis — mesmo o que poderia ser, mas não será, assim como tudo o que será. A Bíblia deixa claro que Deus, sendo infinito, conhece todas as possibilidades, mesmo que jamais se concretizem. Em 1 Samuel 23.9-29, aprendemos que Deus sabia (e contou a Davi) o que aconteceria caso uma certa circunstância ocorresse, embora a situação tenha mudado e, assim, a circunstância nunca tenha ocorrido e o resultado possível nunca se tenha concretizado.

No caso de Adão e Eva, como finitos, Deus os informara do resultado de comer e revoltar-se. Mas quando realmente se revoltaram, Adão e Eva obtiveram conhecimento experimental do mal e de todo o fluxo de crueldade e sofrimento, resultante. O errado não era o conhecimento como conhecimento, mas *a escolha* feita contra o mandamento e a amorosa advertência de Deus.

Note também que o mandamento de Deus para eles não era um mandamento não motivado, nem um mero mandamento, sem explicações. Adão e Eva foram advertidos sobre o resultado, uma perda que envolvia seus melhores interesses. O mandamento era racional e proposicional e uma amorosa advertência.

Examinemos de novo Gênesis 2.17: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. No hebraico, a última frase é forte ao extremo e poderia muito bem ser traduzida como “morrendo, morrerás”. A teologia reformada trata esse mandamento como uma aliança de obras. Isto

é, primeiro, há as duas partes. Em certo sentido, são iguais (têm personalidades, um sendo a imagem do outro). Noutra sentido, não (um é infinito e o outro finito; um é Criador, o outro, criado). E, segundo, há uma condição na aliança, uma condição de amor que se exprime em termos de obediência, porquanto envolve uma criatura diante do Criador. Terceiro, há uma promessa com uma implicação — vida. É certo que o prometido aqui não é apenas vida física contínua, mas tudo que, mais tarde, descobrimos ser de fato a vida em Jesus Cristo, nosso Senhor. Claro que o homem não precisa de um Salvador nesse momento, porque não pecou. Portanto, não há lugar aqui para soteriologia, nem para o Cordeiro de Deus — ainda não. Soteriologia relaciona-se com o homem caído. A promessa de vida é “vida em abundância”, assim como a penalidade é “morte em abundância”.

Note que no dia, as 24 horas, em que pecou, Adão não morreu fisicamente. Adão morreu num sentido que o Novo Testamento chama de “presente morte”. Antes de um homem aceitar a Cristo como seu Salvador, não só morrerá, mas já está morto. Está separado de Deus, não tem propósito, nem significado final.

Portanto, no dia em que comeu, Adão morreu. Há três passos nessa morte. Primeiro, vem a separação de Deus, o ponto de referência infinito e pessoal e, logo depois, a falta de sentido na vida presente. Mesmo que continue a respirar, e gere filhos com sua mulher, o homem está morto. Para esse efeito, nossas vozes como cristãos estão unidas com as vozes do extremo oposto do espectro — os existencialistas e homens modernos que conosco dizem: “Amém. O homem está morto”. E assim, talvez seja mais fácil dizer isso e, em certo sentido, ser compreendido hoje do que há cinquenta ou cem anos.

Segundo, há morte física. Apenas alguns anos, embora a vida de Adão fosse mais longa que a nossa, e o corpo de Adão apodrecerá no túmulo.

Terceiro, há morte eterna na penalidade imposta. Aqueles que estão separados de Deus, finalmente, “por castigo, padecerão eterna perdição, longe da face do Senhor e da glória do seu poder” (2Ts 1.9). O fim do pecado não é apenas a situação presente, tão horrível e anormal quanto seja, nem apenas a morte física, não apenas um vazio, um vácuo. Há uma extensão horizontal — morte eterna e separação eterna do Deus que realmente existe — de sua glória e de sua graça.

Devemos ser cuidadosos em perceber as amorosas provisões dadas por Deus. O homem foi feito à imagem de Deus. Deus lhe disse que o mal era possível, mas o homem era bom, porque ainda não escolhera o mal. O homem estava em constante comunhão com Deus: “E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim” (Gn 3.8). O homem estava rodeado por um ambiente perfeito, com o próprio Deus selecionando um lugar especial para o homem dentro dessa criação: “E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado” (Gn 2.8). Adão sabia algo sobre seu lugar na história, e sabia quem era Eva: “E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes” (Gn 3.20). A palavra Eva realmente significa “vivente”. Adão escolheu o nome dela e, ao fazê-lo, mostrou que sabia quem ele era. Ademais, o homem tinha uma escolha de fato livre, com poder para obedecer ou transgredir. Não era (nem material, nem psicologicamente) condicionado por determinismo. Não foi programado. Por fim, era um teste simples e tudo nele estava absolutamente claro.

urge a Serpente

Passamos a examinar agora um novo estágio no fluxo da história bíblica: “Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito” (Gn 3.1).

De imediato surgem perguntas. Queremos saber mais do que de fato nos é revelado. Assim, é necessário lembrarmos de novo que tipo de livro a Bíblia é. Como já indiquei, a Bíblia é um livro para homens caídos. Onde quer que trate de algo, a Bíblia o faz com verdade real, mas não com verdade exhaustiva. Isto é, onde a Bíblia fala do cosmos, da ciência, o que diz é verdadeiro. Da mesma forma, onde trata da história, fala com o que chamo de verdade verdadeira, isto é, proposicional e objetiva.

Quando a Bíblia fala sobre o mundo sobrenatural, do céu e de coisas além desta terra, eles servem como corolários do tema do livro — a comunicação proposicional, em forma verbalizada, de Deus ao homem caído. Os corolários dados são os que precisamos conhecer para compreender a tônica principal, o propósito central da Bíblia. Mas isso não responde a toda questão que possamos fazer sobre algum desses assuntos. Se tudo sobre o que temos curiosidade apropriada fosse revelado, o livro seria maior que as maiores bibliotecas do mundo, e ninguém poderia lê-lo todo. João parece ter essa ideia em mente no último versículo do Evangelho de João: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma delas fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem”.

É nesse contexto que se fornecem dados relativos ao mundo sobrenatural. Poderíamos apreciar um livro sobre o mundo sobrenatural. Essa metade do universo nos intriga e está, não em algum lugar distante, mas bem diante de nós, quase como uma quarta dimensão — de forma que há de fato uma relação de causa e efeito entre ela e nosso mundo visível em cada momento existencial. Ele verdadeiramente não é menos natural e não menos real que a parte visível do universo, e não podemos entender a metade visível se eliminarmos a existência da porção invisível. Porém, embora estejamos interessados em descobrir algumas dessas coisas com mais detalhes, recebemos conhecimento adequado. Recebemos informação sobre o mundo sobrenatural como auxílio para entender quem somos como homem, homem perdido em busca de sentido ou salvo aguardando a

segunda vinda de Cristo. Quando a serpente aparece, somos apresentados a essa outra metade do universo.

Uma das mentiras de Satanás, a propósito, é sua tentativa de convencer-nos a seguir o pensamento liberal moderno que parte a Bíblia em pedaços e destrói sua unidade. Reconhecemos, é claro, que embora seja um todo, a Escritura registra uma revelação crescente com o passar do tempo. Mas tudo forma uma unidade e, embora tenhamos revelação crescente, não temos revelação contraditória.

É bem interessante que perto do final da Bíblia é onde em geral são dadas explicações claras de partes iniciais. Ao estudarmos o ciclo completo de todo o livro, temos as explicações de todas as partes, explicações de que precisamos no momento. Assim, em Apocalipse, lemos isto: “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e seus anjos foram lançados com ele” (Ap 12.9). É uma pena que a versão King James deixe de fora o artigo definido aplicado a Satanás. Não se pode traduzir Satanás como um adversário “geral”. Na verdade, ele é “o” adversário, o Satanás. É quem enganou o mundo inteiro. Porém, ele não está sozinho; tem anjos que foram precipitados com ele. É possível lembrar o ardente poema de Milton, que descreveu Satanás e seus exércitos tão bem. Junto com Satanás havia os que escolheram seu caminho, os que se uniram a seu séquito, que leva não só à rebelião, mas à condenação. Mais tarde, em Apocalipse, recebemos nova informação: “Ele [um anjo] segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e satanás, e o prendeu por mil anos” (Ap 20.2, ARA). Note que essa serpente é uma serpente especial. Um artigo definido é usado novamente. Você pode chamá-lo de antiga serpente, ou o diabo, ou o Satanás. Em todo caso, com essa informação diante de nós, aquele com quem lidamos em Gênesis 3.1 é claramente identificado. O artigo definido aplicado a Satanás em Apocalipse 12.9 e à serpente em Apocalipse 20.2 e Gênesis 3.1 é importante. Na verdade, já foi sugerido que com o acréscimo do artigo definido hebraico em Gênesis 3.1 temos o que é chamado na gramática hebraica de artigo de eminência. E se é esse o caso, a expressão *a serpente* é, na verdade, mesmo aqui, transformada em nome próprio — a Serpente.

Jesus nos conta algo importante sobre o diabo, quando desafia aqueles que rejeitaram Jesus ao mesmo tempo que afirmam ter Deus como seu Pai: “Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de

vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira” (Jo 8.44). A questão é que o diabo não permanece na verdade, não se firma nela. Pelo contrário, é o mentiroso por trás de todos os mentirosos e está na mentira por trás de todas as mentiras — que a criatura pode ser igual a Deus. Esse foi seu próprio motivo de rebelião contra seu Criador, Deus. Toda outra mentira é apenas uma extensão dessa. E este é o diabo — o originador da Mentira.

É nesse contexto, então, que devemos entender o que chamo de teologia da Queda. Em Gênesis, temos um homem livre com uma escolha não programada. E a tentação de Satanás surge exteriormente a esse homem livre. Porém, devemos retornar para antes disso, e ligar a queda de Satanás à queda de Adão. Satanás, sem uma tentação externa, já escolhera revoltar-se. Revoltou-se de seu interior para fora. Adão e Eva, por outro lado, foram tentados pelo pai da Mentira, alguém externo a eles mesmos. Embora haja algum debate sobre isso, e sem querer ser dogmático sobre o assunto, creio que Isaías 14.12-15 nos apresenta a queda de Satanás: “Como caíste desde o céu, ó Lúcifer [isto é, Estrela da Manhã], filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo”.

Pressupondo que *estrelas* refira-se a outros anjos, ele disse, em resumo: “Serei maior que todos os outros”. Mas Satanás vai além, acrescentando especificamente: “*me farei* semelhante ao Altíssimo”. Satanás, o mentiroso, o originador da Grande Mentira, em seu coração (isto é, dentro de si mesmo, de seu interior para fora) diz: “Serei maior do que os outros, e igual a Deus”.

A história de Satanás em Isaías tem paralelos quase exatos com a revolta do homem em Gênesis. Satanás quer ser igual a Deus, mas o fim disso é que será levado ao abismo. Em Gênesis 3, a mulher seria igual a Deus, mas termina em morte. Enquanto consideramos o ingresso da serpente no jardim, vemos a revolta prestes a espalhar-se pelo mundo da humanidade que Deus criou. Não há revolta entre as máquinas, as plantas

ou animais. Mas vemos rebelião na esfera daqueles que podem rebelar-se — anjos e homens.

Creio estar claro que o diabo usou o animal, a serpente, como sua primeira tentativa de desafiar e derrotar a Deus no mundo da humanidade. Em outras palavras, A Serpente usou uma serpente. Essa não foi a única vez que ele empregou a possessão Diabólica. Em contraste com a possessão demoníaca, há pelo menos dois outros casos em que o próprio Diabo usou possessão Diabólica.

Lucas 22.3 nos relata que, num momento crucial na vida do Messias (que viera para esmagar a cabeça da Serpente), Satanás possuiu Judas: “Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes”. Satanás não delegou esse trabalho a um terceiro, mas o tomou sobre si: ele entrou em Judas.

O terceiro momento em que há um esforço especial por parte de Satanás ainda está por vir — na era do anticristo, quando um iníquo se revoltará contra Deus. Apocalipse 13.4 retrata uma terrível imagem daquele dia futuro, quando as forças do humanismo — forças econômicas, religiosas e governamentais unidas — se unirão em revolta, desafiando ao Deus que é. O orgulho humanista já não é naturalista; juntou forças com o ápice do oculto. Lemos que sob o domínio do anticristo “... adoraram o dragão (identificado em Ap 12.9 e 20.2 como Satanás, *A Serpente*) que deu à besta [anticristo] o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?”. Assim, aqui Satanás está de novo em ação, de todo comprometido com a batalha.^[17]

Retornando ao terceiro capítulo de Gênesis, não somos pegos de surpresa. O uso por Satanás de algum ser — um Judas, um anticristo ou uma serpente — não é único, em nenhum desses casos.

Tentação

Com a revolta já presente no Universo, com o exército dos anjos dividido e uma hierarquia do mal, o próprio líder tenta Eva: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3.1). A mulher encontra-se em sua glória — a glória de ser criada à imagem de Deus, sem necessidade de escolher o mal. Num ambiente perfeito, tendo ouvido a voz de Deus, está em posição de escolher. Que maravilha é o homem! Não um homem mecânico, meramente biológico, mas o homem que como imagem de Deus, numa determinada situação pode escolher, sem que dele se exija nada.

Satanás aproxima-se da mulher e diz: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”. O que ela responderá? “E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais” (vv. 2,3). Tem-se destacado que Eva acrescentou algo aqui. Aparentemente, Deus não disse: “Não toque”, mas “Não coma”. Não tenho certeza de devermos dar importância a isso, mas deve ser notado. A serpente responde em contradição direta: “Certamente não morrereis” (v.4). E o debate está aberto.

Mas Satanás oferece algo mais: “Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (v. 5). É uma pena que na versão King James Deus é traduzido como plural, pois não significa que eles serão como alguns deuses primitivos, mas que serão como o próprio Deus. Note a contradição direta. Deus disse: no dia em que comerdes, morrereis; Satanás disse: no dia em que comerdes, sereis como Deus.

Em certo sentido, há uma meia verdade aqui. Em geral a abordagem de Satanás tem tomado essa forma desde então. É verdade que Eva de fato aprenderá algo. Se ela escolher desobediência e rebelião, terá o que não poderia obter de outra forma — um conhecimento experimental do mal e de seus resultados. Assim, em certo sentido Satanás conta a verdade. Porém, quão terrível e inútil conhecimento! É o conhecimento do filho cuja mãe diz: “Não fique perto desse fogo, porque se você ficar, vai se machucar. Você pegará fogo e se queimará”. Mas a criancinha prossegue em desobediência, cai no fogo e passa os próximos três dias agonizando em

dor. A criança aprendeu algo que não teria conhecido experimentalmente se tivesse escutado o conhecimento fornecido por sua mãe. Porém, que conhecimento!

A queda de Eva não é uma queda ascendente, mas uma queda descendente de todas as maneiras concebíveis. Pela voz de Deus, ela já sabe que “no dia em que comerdes, morrereis”. Ela pode ter conhecimento experimental, mas esse conhecimento não é mais verdadeiro que o conhecimento de Deus, e o resultado é que toda a raça humana estará em agonia.

Que ela será semelhante a Deus é claro que é uma mentira, porque o conhecimento experimental do mal não é o que faz de Deus Deus. Deus é Deus porque é infinito, independente. Nesse ponto, nenhum ser criado jamais será capaz de ser como ele. Mesmo na área do conhecimento, o que Satanás disse é uma mentira, porque Deus é infinito e conhece todas as possibilidades, e não é restringido por limitação. Nós, contudo, com todo o nosso conhecimento, ainda somos limitados e sempre o seremos. Assim, o que Satanás disse é uma meia verdade e uma mentira completa.

A reação de Eva é, primeiro, considerar a situação: “E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável [um deleite] aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento...” (v. 6). Três passos estão envolvidos. Ela olhou para a árvore e viu que era boa como alimento físico e deleitosa ao olhar; e desejou o conhecimento que a tornaria igual a Deus. Com essas coisas em mente, Eva está verdadeiramente caindo na situação do último dos Dez Mandamentos: “Não cobiçarás” (Êx 20.17). Após todos os mandamentos externos, vem o mandamento sobre o qual todos os outros repousam. Cobiça — desejar aquilo que não é propriamente meu em minha situação de criatura diante de Deus — é, na verdade, a base de todo pecado, pois é a atitude interna que leva à transgressão externa dos outros nove mandamentos. Foi a isso que Paulo fez referência em Romanos 7.7, quando destacou que o centro de seu próprio pecado era cobiçar. Jesus o explicitou em Mateus 5.21,22: disse que não era o assassinato, mas o ódio que primeiro estava no coração, levando por fim ao assassinato, que se encontra no centro da questão. De igual modo, indicou nos versículos 27 e 28 que o adultério já acontece quando está apenas na mente de alguém. Depois, o interior flui para o exterior.

Eva está exatamente ali — na área do interior onde as escolhas sempre são feitas. Em 2 Coríntios 11.3, Paulo retorna à situação num ponto da história espaçotemporal quando adverte a igreja de seus dias: “Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo”. Vivemos em nosso mundo do pensamento. É assim que sou. E para Eva, a decisão era esta: permanecer como criatura ou em rebelião tentar obter o que a criatura finita nunca pode obter; e ser o que a criatura finita nunca pode ser. E prendemos nossa respiração ao descobrirmos o que Eva decidirá em seu homem interior.

Capítulo 5: A Queda Espaço-temporal e seus Resultados

Eva estava diante de uma escolha, ponderou a situação e então pôs sua mão na história do homem e mudou o curso dos eventos humanos.

Comer-se o fruto

O relato de Gênesis é curto e direto: “E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela” (Gn 3.6).^[18] O fluxo é do interior para o exterior; o pecado começou no mundo do pensamento e seguiu para fora. Assim, o pecado foi cometido naquele momento em que ela creu em Satanás em vez de crer em Deus. Nesse ponto, toda a questão foi decidida. Mesmo assim, uma história está envolvida, pois a mulher primeiro creu em Satanás, comeu, e então deu o fruto a Adão.

Gênesis 3.17 faz referência ao fluxo histórico, pois, falando com Adão, Deus diz: “deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore”. E somos lembrados, como vimos em 2 Coríntios 11.3, de que assim como Eva (em seu período histórico) foi seduzida pela serpente em sua sutileza, nossas próprias mentes (em nosso período histórico) também podem ser corrompidas em relação à simplicidade que está em Cristo.

Em 1 Timóteo 2.14, Paulo indica algo mais profundo: “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”. É extremamente difícil resistir à tentação quando ela está ligada ao relacionamento homem-mulher. Por exemplo, em Êxodo 34.16, somos advertidos a não permitir que o relacionamento homem-mulher nos conduza à idolatria (expresso como “prostituído-se com os seus deuses”).

Dois grandes impulsos estão integrados à estrutura do homem. O primeiro é sua necessidade de um relacionamento com Deus, e o segundo, sua necessidade de um relacionamento com o sexo oposto. Uma tentação especial está relacionada a esse impulso sexual. Quantas jovens são cristãs fiéis até chegarem a certa idade e sentirem com todo o seu ser — sem sequer analisar a questão — a necessidade de casar-se e, então, terminam casando-se com um homem não cristão? E quantos homens são fiéis até sentirem o impulso masculino e abandonarem sua fidelidade a Deus casando-se com mulheres que os levam a problemas espirituais pelo resto de suas vidas? Reflito sobre esses moços e moças quando os observo passando por isso. E choro por eles, porque, em certo sentido, não há maior agonia que subitamente apaixonar-se, para então perceber que é preciso

dizer não a esse impulso natural, pois, nesse caso em particular, conduz a um rompimento com nosso maior relacionamento — nosso relacionamento com Deus. Embora o que ocorreu no Jardim do Éden tenha sido um evento espaçotemporal e histórico, o relacionamento homem-mulher e o poder da tentação que deve ter-se mostrado a Adão são universais.

Os Resultados da Queda para a Raça Humana

Os resultados das ações de Adão e Eva são registrados em muitos pontos da Escritura, não de maneira tão clara quanto em Romanos 5.12-19, onde Paulo enfatiza que o ato de Adão e Eva marcou a entrada do pecado na raça humana. Cito parte da passagem: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou [estendeu-se] a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir... porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos... Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte... Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação... Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores...” (ARA).

A repetição torna óbvio o argumento: pela ação de um homem numa situação histórica e espaçotemporal, o pecado entrou no mundo dos homens. Mas isso não é apenas uma declaração teórica que nos fornece uma resposta razoável e suficiente ao dilema atual do homem, explicando como o mundo pode ser tão mal e Deus ainda ser bom. É que na realidade, desse tempo em diante, o homem era e é um pecador. Embora alguns homens não gostem do ensino, a Bíblia permanece como um martelo de forja, reforçando o fato de que o mal entrou no mundo do homem, todos os homens agora são pecadores, todos agora pecam. Escute a declaração de Deus sobre a raça humana, em Jeremias 17.9: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?”.

Incidentalmente, em certo sentido é mais fácil proclamar a pecaminosidade do homem hoje, que há alguns anos. Por todo lado, artistas, romancistas e cantores de protesto dizem: “O que há de errado com o homem? Algo está errado com o homem”. A Bíblia concorda e nos dá uma visão realista da vida: “O coração é enganosamente perverso”.

Creio que as palavras mais duras foram ditas pelo próprio Jesus em João 8.44, quando se volta para aqueles que reivindicam a paternidade de Deus: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os

desejos” (ARA). Em outras palavras, Jesus está dizendo: “Vocês escolheram estar na tropa de Satanás”.

Isaías escreve: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho” (Is 53.6). É óbvio que se “todos nós andávamos desgarrados como ovelhas”, já não posso simplesmente dizer que eles andam desgarrados, mas devo dizer que eu ando desgarrado. Eu também peço. Paulo capta isso na carta aos Romanos quando resume a situação de todas as raças — primeiro os gentios e, então, os judeus: “Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só” (Rm 3.10-12). Se não há um justo, nem um sequer, então estou incluído. Nesse ponto, escrevi a palavra “eu” na margem da minha Bíblia. Gálatas 3.10 mantém a ênfase: “Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las”. Toda a humanidade encontra-se nessa posição. Não apenas a lei revelada de Deus, mas também cada impulso moral de cada homem que já viveu condena os homens, porque os homens nem guardam a lei revelada de Deus, nem sequer têm vida coerente com seus próprios impulsos morais. Essa é a ideia de Romanos 2.1,2: “Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo. E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade sobre os que tais coisas fazem”.

O que Paulo diz envolve todo homem, conforme ele se aproxima da Escritura. A Bíblia nunca deixa isso como uma generalização ou como uma abstração. Paulo escreve: “Portanto, és inescusável, ó homem”. Talvez a parte mais importante dessa afirmação é que está no singular, pois fala a cada indivíduo que ouve ou lê: “... quando julgas, ... quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo”. A verdade é que não apenas o homem que tem a lei escrita de Deus, a Bíblia, se encontra sob o juízo da lei, mas todo homem que já viveu. Já destaquei em outro lugar que onde quer que antropólogos e sociólogos tenham estado, descobriram que os homens têm impulsos morais. Os padrões específicos podem ser diferentes, mas todos os homens operam sob categorias morais. Assim, Paulo diz aqui que o homem está

condenado com base em seus próprios impulsos morais, pois sempre que condena outro homem, ele se coloca sob a mesma condenação. Todo homem faz juízos morais a respeito de outros homens e, então, ele mesmo não os guarda. O resultado? Todos os homens são pecadores e todos os homens pecam.

A acusação inclui aqueles que agora são cristãos assim como os não cristãos. Os homens não nascem cristãos, como um tipo de raça especial. Todo homem que agora é filho de Deus outrora foi um rebelde. Todos fomos talhados da mesma pedra, quer venhamos de um contexto eclesiástico ou não. Nenhum sacerdotalismo pode ajudar o homem.

Sou cristão hoje? Que não me esqueça, então, de que ontem eu era tão rebelde quanto qualquer pessoa que caminha sobre a face da Terra. Como Efésios 2.2,3 diz com palavras incendiárias: “Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência”. Aqui, ele fala à igreja em Éfeso. Mas continua e se acrescenta à lista, vai além e une-se a nós, pois não é apenas “vós”, mas “nós”: “Entre os quais todos nós também antes andávamos (significando aqui todo o nosso estilo de vida, nossa “forma de vida”) nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também”. É assim que somos. Se somos cristãos hoje, é assim que fomos. Tínhamos um rei diferente — o pai das mentiras. Não devemos ser orgulhosos, pois, como diz Efésios 5.8, “Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor”. Lembre-se: vocês também foram marcados pelo pecado de Adão, e são pecadores: “A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou” (Cl 1.21).

Não seja orgulhoso. Quando observar o mundo dos pecadores, chore por eles. Alegre-se de verdade se você é redimido, mas ao observar os outros, nunca se esqueça de que você foi como eles e, num sentido real, ainda somos um com eles, porque ainda pecamos. Os cristãos não são um grupo especial de pessoas que podem ser orgulhosas; cristãos são os redimidos — e isso é tudo!

Por todo lugar por onde passamos, encontramos o mesmo: “Porque também nós [note o “nós”, de novo] éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites,

vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros” (Tt 3.3). Paulo nunca permitiu que os que seguiam sua instrução se esquecessem de que não eram um tipo especial só porque podiam ter sido judeus e circuncidados anteriormente ou porque agora eram cristãos batizados. Cada um deve dizer: “Fui rebelde, fui pecador”. Talvez a grande declaração de 1 João 1.10 traga isso com força mais completa: “Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós”. Esquecer em nossas reações emocionais, assim como em nossas palavras, que de fato fomos pecadores, não apenas envolvidos nos resultados do pecado de Adão, mas deliberadamente pecando repetidas vezes — esquecer isso é chamar Deus de mentiroso.

Assim, todos os homens estão sob o juízo de Deus. Mesmo o maravilhoso capítulo que fala tão claramente de esperança, o terceiro capítulo do Evangelho de João, enfatiza duas vezes que os homens estão sob o juízo de Deus. Lemos, por exemplo, estas palavras em João 3.18: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”. O testemunho de João Batista no último versículo desse capítulo é ainda mais enfático: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece” (v. 36). Em um mundo que ama a síntese, a Bíblia permanece com uma mensagem de total antítese: aquele que crê tem a vida, mas aquele que não crê está sujeito à ira, ao juízo, de Deus. Aqui está, portanto, o resultado básico da queda espaçotemporal que estamos considerando no fluxo da história — os homens são rebeldes e estão sob o juízo de Deus.

culpa diante de Deus

Outros resultados do pecado são imediatamente evidentes no Jardim do Éden: “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si *aventais*” (Gn 3.7). A palavra *aventais* no hebraico é interessante. Na verdade, ela simplesmente significa “cingir-se com”. Assim, tem-se traduzido a palavra de diversas formas. Uma Bíblia, a “Bíblia dos Calções”^[19] de 1608, ganhou seu nome pela maneira como traduziu essa palavra. Mas seja o que for *avental*, é algo com que alguém se cobre.

O importante é que Adão e Eva chegaram a uma percepção do que tinham feito. Começaram a temer e sentir culpa — e não é de se admirar, pois seus sentimentos de culpa estavam enraizados na culpa verdadeira. Quando peca contra Deus, um homem não tem apenas sentimentos de culpa, mas culpa verdadeira; e tem culpa verdadeira mesmo que não tenha sentimentos de culpa.

“E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim” (v. 8). Esse é o versículo que utilizamos em nossos estudos anteriores para indicar a maravilhosa comunicação irrestrita de Deus com o homem. No jardim, na viração (ou vento) do dia, havia comunhão irrestrita, amizade irrestrita — comunicação proposicional irrestrita entre Deus e o homem antes da Queda. Agora, porém, aquilo que era seu triunfo e alegria, a satisfação de sua necessidade, um ponto de referência infinito e pessoal com quem poderia ter comunhão e comunicação, tornou-se a razão de seu medo. Ele ia encontrar Deus face a face! Agora que o homem ergueu seu punho contra Deus, o que fora tão maravilhoso tornou-se apenas razão para medo, porque Deus estava realmente ali.

Assim, lemos: “E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o

SENHOR Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi” (vv. 9-13).

A primeira coisa que percebemos é que, de imediato, Adão e Eva procuram transferir suas faltas um para o outro: portanto, a partir daí temos a divisão que se encontra no próprio coração do relacionamento do homem com outro homem. A raça humana está dividida — homem contra homem. Não precisamos esperar que psicólogos modernos falem sobre alienação. Aqui está ela. O homem é alienado de sua esposa — a esposa de seu marido —, quando se voltam um contra o outro, especialmente nas situações de culpa e acusação. Toda alienação sobre a qual qualquer poeta um dia escreverá já está aqui.

Em certo sentido, Adão e Eva tinham ambos razão. Eva deu o fruto a Adão, e Satanás tentou Eva. Isso, porém, não altera a responsabilidade. Eva era responsável e Adão era responsável, e continuaram responsáveis diante de Deus.

› ***Juízo de Deus sobre o Homem e a Natureza***

Quando Deus fala às partes envolvidas nesse momento da história, descobrimos quatro passos no julgamento divino daqueles atos. Primeiro, fala à serpente usada por Satanás: “Então o SENHOR Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que [*dentre*] toda fera, e mais que [*dentre*] todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida” (v. 14). Como veremos, toda a natureza torna-se anormal, mas a serpente é escolhida de forma especial “dentre toda fera”.

Segundo, no versículo 15, Deus fala a Satanás. Voltaremos a isso posteriormente.

Terceiro, Deus fala à mulher: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor [esse termo, *dor*, é mais preciso que a palavra *sofrimento* empregada na Versão do rei Tiago e na ARA], e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (v. 16). Há duas partes aqui: a primeira, relacionada à feminilidade da mulher — a concepção de filhos; e a segunda, a seu relacionamento com o marido. A respeito da primeira, Deus diz que multiplicará duas coisas — não apenas a dor, mas também a concepção. Parece claro que se o homem não se tivesse rebelado não lhe nasceriam tantos filhos.

Sobre o relacionamento com seu marido, ele lhe diz: “e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Essa sentença particular põe um fim em qualquer democracia pura. Num mundo caído, democracia pura não é possível. Em vez disso, Deus dá estrutura ao relacionamento primário do homem — o relacionamento homem-mulher. Num mundo caído (em todo tipo de sociedade — grande e pequena — e em todo relacionamento), é necessário estrutura para haver ordem. O próprio Deus a impõe ao relacionamento humano básico. É dada uma forma e sem essa forma a liberdade seria apenas caos.

Não é simplesmente por ser mais forte que o homem deve ter o domínio (esse é o argumento do Marquês de Sade). Porém, o homem deve ter domínio, porque Deus dá esse princípio como estrutura em meio a um mundo caído. A Bíblia deixa claro que esse relacionamento não deve ser

sem amor. Como explica o Novo Testamento, o marido deve amar sua esposa como Cristo amou a igreja (Ef 5.23). Num mundo caído, não é surpreendente descobrir que os homens transformaram essa estrutura num tipo de escravidão. Não deveria ser uma escravidão. Na verdade, é em culturas onde a Bíblia tem sido influente que o equilíbrio vem sendo substancialmente restaurado. A Bíblia equilibra a estrutura e o amor.

Contudo, ainda é verdade: desde a Queda, o que Deus determina no versículo 16 deve ser a estrutura ou a forma do relacionamento humano básico — o relacionamento homem-mulher. É correto que uma mulher sinta necessidade de liberdade, a sensação de ser um “ser humano” no mundo. Mas quando tenta destruir a estrutura desse relacionamento básico, o que ela faz, em última análise, é machucar a si mesma. É como desatar o nó que mantém o fio dos relacionamentos humanos unido. Desse ato fluem todos os outros fatos — a perda da obediência dos próprios filhos e o colapso da sociedade em torno dessa mulher. Em um mundo caído, precisamos de estrutura em todo relacionamento social.

› **Universo Anormal**

Quarto, Deus fala ao homem: “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor [a palavra *sofrimento* na Versão do rei Tiago é imprecisa] comerás dela todos os dias da tua vida” (v. 17). Em outras palavras, neste ponto o mundo exterior é alterado.

É interessante que quase todos os resultados do juízo de Deus sobre a rebelião humana relacionam-se, de alguma forma, com o mundo exterior. Não estão restritos à vida da mente do homem; não são apenas psicológicos. Mudanças profundas tornam anormal o mundo objetivo e externo. Na expressão *por causa de ti*, Deus relaciona essas anormalidades ao que Adão fez na Queda.

Todas essas mudanças vieram por *fiat*. A criação, como já vimos, veio por *fiat*. E embora tenhamos chegado à conclusão da criação com a criação de Eva, o *fiat* não cessou. A anormalidade do mundo externo foi provocada por *fiat*. Colocando em terminologia do século XX, podemos dizer isto: o universo não manifesta uma uniformidade de causa e efeito em um sistema fechado; Deus fala e algo muda. Aqui, somos lembrados das longas discussões que remontam à época de Lyell e Darwin, se seria possível haver tal evento como uma catástrofe — algo que superasse a uniformidade de causa e efeito. A Escritura responde claramente: sim, Deus falou e o que ele havia criado foi alterado.

Assim, agora a própria terra é anormal. Por exemplo, lemos em Gênesis 5.29, que fala sobre o mundo antes do dilúvio: “Ele [o pai de Noé] chamou seu nome [do filho que gerou], Noé, dizendo: Este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o SENHOR amaldiçoou”. O próprio nome Noé significa simplesmente descanso ou conforto. A Escritura diz que, neste momento do fluxo da história bíblica, os homens sabiam muito bem que o trabalho de suas mãos era resultado de Deus ter alterado a terra.

Por que isso aconteceu? Porque é possível dizer: Tu, ó importante e livre Adão, te rebelaste. A natureza estava sob teu domínio (nesse sentido, é uma extensão tua, como o império de um rei é uma extensão desse rei).

Portanto, quando tu mudaste, Deus mudou o mundo objetivo e externo. Como tu, ele agora é anormal.

É interessante que cada um dos passos do juízo de Deus envolve esforço: a serpente anda sobre seu ventre; a mulher tem dor no parto; o homem tem fadiga em seu trabalho.

O versículo 18 continua: “Espinhos, e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo”. A palavra espinhos significa plantas que crescem com exuberância, porém sem utilidade. No hebraico, a frase *também te produzirá* tem o sentido de “será levado a florescer”. Essa frase, portanto, sugere que aqui a mudança também foi produzida por *fiat*. Ademais, a frase sugere o termo biológico moderno *mutação*, uma variação fértil. Ou seja, as plantas tinham sido um tipo de coisa e estavam reproduzindo-se dessa forma e, então, Deus falou e as plantas começaram a apresentar algo mais e continuaram a reproduzir-se nessa forma nova e diferente.

A introdução da fadiga não significa introdução de trabalho, porque em Gênesis 2.15, como já vimos, Deus tomou o homem e o colocou no Jardim do Éden, “para o lavrar e guardar”. Havia trabalho antes da Queda, mas certamente podemos ver a força da distinção de antes e de depois da Queda no vocabulário de Gênesis 5.29, onde o trabalho é chamado de “fadigas de nossas mãos, nesta terra que o SENHOR amaldiçoou” (ARA). Visto que toda a estrutura do mundo exterior foi alterada, o significado de trabalho foi alterado. Assim, Gênesis 3.19 diz: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até [o conceito de “até” é importante aqui] que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás”.

Os resultados são dois. Primeiro, o homem obterá sua comida (e tudo o mais) pelo suor do seu rosto. Segundo, há um fim para isso — um fim que não é uma libertação. O fim é a maior anormalidade no mundo externo — a dissolução do homem total. Haverá um momento no fim da vida de cada homem em que ele morre fisicamente, e a unidade do homem — a unidade de corpo e alma — é dilacerada. O cristianismo não é platônico; a alma não é considerada o único aspecto importante. Pelo contrário, na morte física, a unidade que o homem deveria ser é fraturada. Esse é o segundo tipo de morte provocado pela Queda, o primeiro sendo a separação imediata da comunhão com Deus e o terceiro, a morte eterna,

quando os homens serão julgados em sua rebelião e separados de Deus para sempre.

Como sistema, o cristianismo não começa com Cristo como Salvador, mas com o Deus infinito e pessoal que criou o mundo no princípio e tornou o homem significativo no fluxo da história. E o significativo ato de revolta do homem tornou o mundo anormal. Assim, não há uma continuidade ininterrupta e total do modo como era o mundo originalmente. Os filósofos não cristãos concordam quase universalmente em enxergar tudo o que há como normal, assumindo que as coisas são como sempre foram. Os cristãos enxergam o que existe agora como distinto da maneira como sempre foi. E é claro, essa visão é muito importante para explicar o mal no mundo. Porém, não apenas isso. É um modo de entender a diferença entre as respostas naturalistas e não cristãs (quer utilizem vocabulário filosófico, científico ou até religioso) e a resposta cristã. A distinção é que quando observo o que está à minha volta, sei que vivo em um mundo anormal.

Entre os filósofos contemporâneos, Martin Heidegger tem sugerido, em seus últimos escritos, um tipo de queda espaçotemporal. Diz que antes de Aristóteles, os gregos pré-socráticos pensavam de modo diferente. Então, quando Aristóteles introduziu o conceito de racionalidade e lógica, houve uma queda epistemológica. Esse conceito, é claro, não tem qualquer implicação moral, mas intriga-me que Heidegger perceba que a filosofia não é capaz de explicar a realidade, se começa com a ideia de que o mundo é normal. Isso é o que a Bíblia ensina, mas a explicação bíblica para o presente mundo anormal encontra-se numa Queda moral de um homem significativo, uma queda que alterou o fluxo externo da história como nenhuma queda epistemológica poderia fazer. O problema de Heidegger é que, embora enxergue bem a necessidade de uma queda, ele não se curva à existência do Deus que é e ao conhecimento que Deus nos deu. O resultado é que termina com uma queda insuficiente e uma resposta insuficiente.

separações

Outra maneira de examinar os resultados da Queda é notar as separações causadas pelo pecado. A primeira é a grande separação, a separação entre Deus e o homem. Isso subjaz a todas as outras separações, não somente na eternidade, porém, agora. O homem não tem mais a comunhão que deveria ter com Deus. Assim, não pode cumprir o propósito de sua existência — amar a Deus com todo o seu coração, alma e mente —, ser um ponto pessoal finito diante de um ponto de referência infinito e pessoal, e relacionar-se com o próprio Deus. Quando o homem pecou, o propósito de sua existência foi despedaçado. E o homem moderno está certo quando diz que o homem está morto. Não que o homem seja nada, mas já não é capaz de efetivar sua humanidade. Gênesis 3.23, 24 mostra essa separação entre o homem e Deus, num sentido real, histórico e nítido.

Como evangélicos, por vezes enfatizamos a primeira separação e falhamos em enfatizar adequadamente todas as outras que agora existem. A segunda grande separação é a separação do homem de si mesmo. O homem tem medo. O homem tem problemas psicológicos. Como um cristão entende essas questões? Primeiramente, como uma separação anormal entre o homem e ele mesmo. A psicose básica do homem é sua separação de Deus transferida para sua personalidade como separação de si mesmo. Assim, temos o autoengano. Todos os homens são mentirosos, porém, acima de tudo, o homem mente para si mesmo. A maior falsidade não é mentir para os outros, mas para nós mesmos. Um aspecto relacionado é a perda da capacidade de adquirir verdadeiro conhecimento. Agora, todo o seu conhecimento está desfigurado porque a perspectiva é errada, a estrutura é errada. Isto é, o homem não perde todo o seu conhecimento, mas perde o “conhecimento verdadeiro”, especialmente quando cria extensões dos pedaços e fragmentos de conhecimento que tem.

Ademais, o homem separou sua vida sexual de seu elevado propósito original como veículo de comunicação interpessoal. A sexualidade perde sua dimensão pessoal; homens e mulheres tratam-se como objetos a serem explorados. Por fim, na morte física vem a separação da alma e do corpo, a grande separação entre o homem e ele mesmo.

A terceira das grandes separações é a separação entre os homens. Essa é a separação sociológica. Já observamos como Adão foi separado de Eva. Ambos logo tentaram abrandar sua culpa pela Queda. Isso sinaliza o fim da possibilidade de uma caminhada verdadeiramente lado a lado, numa democracia utópica. Não somente o homem foi separado de sua mulher, mas logo irmão separa-se de irmão, Caim matando Abel. E como veremos no capítulo seguinte, há uma separação entre as linhagens piedosa e ímpia de homens. A linhagem piedosa (homens que se voltaram para Deus) e a linhagem ímpia (a humanidade perdida em contínua rebelião) constituem duas humanidades. Em certo sentido, claro, há uma humanidade porque todos viemos de uma única origem. Somos um sangue, uma carne. Porém, no meio da humanidade única, há duas humanidades — a humanidade que ainda está em rebelião e a humanidade redimida.

No fluxo da história, logo chegaremos à torre de Babel, e com ela temos a divisão das línguas. Os linguistas modernos nos ajudam a entender quão grandes são as questões nesse ponto. Há muita coisa envolvida com língua. Então, após a época de Abraão, surge a divisão entre judeu e gentio. Essas separações (e outras relacionadas a elas) são como marcos ruidosos e poderosos nas agitações sociológicas que surgem — talvez de forma especial — nos nossos dias.

A quarta separação é entre homem e natureza e entre natureza e natureza. O homem perdeu seu domínio total e, agora, muitas vezes a própria natureza é um meio de juízo. Há, por exemplo, o dilúvio na época de Noé e, é claro, a natureza voltando-se contra Jó. A separação entre homem e natureza e entre natureza e natureza também parece ter chegado ao ponto mais alto, em nossos dias.

O pecado do homem causa todas essas separações entre o homem e Deus, do homem de si mesmo, entre homem e homem, e entre homem e natureza. A verdade é que, ao desejar ser o que, como criatura, não podia ser, o homem perdeu o que poderia ser. Em cada área e relacionamento, os homens perderam o que o homem finito poderia ser em seu lugar apropriado.

Há, porém, algo que ele não perdeu — sua humanidade; o fato de ser um ser humano. O homem ainda é imagem de Deus — distorcido, arruinado, anormal, mas ainda o portador da imagem de Deus. O homem não deixou de ser humano. Como vimos em Gênesis 9.6 e Tiago 3.9,

mesmo após a Queda os homens ainda são imagem de Deus. O homem moderno não se vê como caído, mas não consegue encontrar significado para si. No ensino bíblico, o homem é caído, porém, significativo.

Não nos enganemos: o homem ainda é homem. O pintor perdido ainda pode pintar. O amante perdido ainda pode amar. Ele ainda tem impulsos morais. E embora distorcido, o pensador perdido ainda pode pensar. Além disso, ele vive após sua própria morte. Não chega simplesmente ao fim de sua vida e, subitamente, o relógio para. O homem tem sentido e significado. Pode pensar que sua história é apenas lixo e refugio, mas não é o caso.

Assista a um homem que morre. Cinco minutos depois, ele ainda existe. Não há algo como o fim da existência do homem. Ele continua. Não perdeu seu ser como ser humano. Não perdeu o que lhe é intrínseco, peculiar, como homem. Não se tornou um animal ou uma máquina. E quando observo a raça humana e vejo os perdidos — separados de Deus, separados de si mesmos, separados dos outros homens, separados da natureza — eles ainda são homens. O homem ainda tem extraordinário valor.

Capítulo 6: As Duas Humanidades

Divisão, separações — elas rasgam o tecido da sociedade. A história do homem é o registro de rompimentos e cismas, e cada qual tem sua origem na separação primordial entre homem e Deus. Nós nos voltaremos agora para algumas das primeiras formas tomadas por essas separações, no fluxo da história bíblica.

'ua Semente e Sua Semente

Em Gênesis 3.15, temos um aspecto bem diferente da maldição que surge da rebelião de Adão. Aqui Deus fala a Satanás, que usou a serpente: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; ele te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. É importante enfatizar que a semente é considerada pessoal, “ele”. Aquele que é prometido aqui é uma pessoa. Uma pessoa ferirá a cabeça de Satanás e, ao fazê-lo, será ferido.

Reflitamos mais sobre *tua semente e sua semente* — a semente da serpente e a semente da mulher. A referência à “sua semente” (a semente da mulher) é peculiar em línguas semíticas porque, como acontece em nossa cultura, considera-se que o macho é o que tem a semente. Descendência em humanos, assim como em animais, é entendida como a descendência ou prole do macho. Por que é diferente aqui? É possível que essa forma de falar já seja um indício do Nascimento Virginal? Isso sugere que quando o Messias nascesse, ele seria a semente da mulher e que, em sua concepção, não haveria semente masculina?

Outra implicação de Gênesis 3.15 é indicada em Hebreus 2.14. Falando de Jesus, o escritor de Hebreus diz: “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele [Jesus] participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo”. Aqui está uma indicação de que Jesus cumpriu a promessa de Gênesis 3.15, pois é o Messias que deve ser ferido mas, pela ferida, destrói o poder da morte e do diabo. Por sua morte, ele livra “todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (v. 15). Isto é, haveria um tom substitutivo em sua morte face a face com o adversário, Satanás; e por sua morte, os resultados da Queda seriam superados. Há também uma ligação entre Gênesis 3.15 e Hebreus 2.13 que acredito não ser apenas coincidência — a frase *Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu*. Sem dúvida, a ideia principal é o aspecto substitutivo da morte de Jesus. E isso também nos lembra aquela magnífica passagem em Isaías 53.10: “Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias; e o bom prazer do SENHOR prosperará na sua mão”. Perceba novamente: ele *verá a sua posteridade*. É nesse sentido, portanto,

que Deus deu filhos a Jesus. Romanos 16.20 também se relaciona com Gênesis 3.15. Falando aos cristãos em Roma, Paulo escreve: “E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés”. A referência é à segunda vinda do Senhor Jesus Cristo, quando o próprio Deus esmagará Satanás sob os pés dos cristãos.

Assim, descobrimos que Cristo de fato *é a semente* da mulher em Gênesis 3.15. E a partir de sua singular obra redentora, *ele tem uma semente* que permanecerá contra a semente de Satanás. E quando juntamos essas coisas, creio que podemos sentir a força do que se desenvolve gradualmente em toda a Escritura, começando dessa frase em Gênesis 3.15. Cristo deve ser o segundo Adão e o segundo fundador da raça.

Lembramos que, em termos teológicos, Adão viveu sob a aliança das obras. Isto é, ele podia aproximar-se de Deus sem qualquer mediador. Não precisava de um Salvador. Não haveria soteriologia na teologia cristã se a Queda não tivesse acontecido. Adão encontrava-se perante Deus sob a aliança das obras. Então, quando veio, Jesus realizou a obra. Jesus prosseguiu e finalizou a obra sob a aliança das obras. Por causa da Queda e de nosso próprio pecado, não podemos mais chegar-nos a Deus sob essa aliança. Mas em sua morte substitutiva, Cristo consumou a obra que nos era necessária e, ao fazê-lo, tornou-se o segundo Adão — o segundo fundador da raça humana.

Dois Tipos de Vestes

Em Gênesis 3.7, vemos que Adão e Eva descobriram que estavam “nus” e “coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais”. Ou seja, logo após sua rebelião, como se deparassem com o que antes havia sido sua maior alegria e realização — sua própria comunhão irrestrita com Deus —, agora, estavam com medo e tentaram cobrir-se. Porém, no versículo 21, Deus retirou essas vestes e lhes deu uma túnica de peles: “E fez o SENHOR Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu”. É provável que esses tenham sido os primeiros animais a morrer. O que indica, eu creio, que o homem não pode estar diante de Deus com sua própria cobertura. Pelo contrário, ele precisava de uma cobertura que viesse de Deus — uma cobertura de natureza específica — que exigisse sacrifício e morte, que não foi providenciada pelo homem, mas por Deus. Talvez alguém deseje ser cuidadoso para não transformar isso em dogma, porém, minha opinião é que foi o início do sistema sacrificial do Antigo Testamento, antecipando a vinda daquele que esmagaria a cabeça de Satanás. Se é o caso, então o próprio Deus forneceu essa imagem, assim como, na realidade que isso retrata, o Pai em seu amor enviou o Filho.

Podemos perceber neste ponto que a morte de Jesus Cristo não foi uma ideia posterior na história. Não foi como se, em algum momento, digamos em 100 a.C., Deus dissesse: “O que vamos fazer quanto a essa questão?” — e, então, subitamente a ideia da morte de Cristo lhe tivesse vindo. Pelo contrário, 1 Pedro 1.19,20 e outras passagens indicam que a morte de Cristo, “o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado”, foi preordenada “ainda antes da fundação do mundo”. Assim, a morte de Cristo no espaço e no tempo, planejada antes que a história se iniciasse, a solução para a rebelião do homem à luz da santidade e do amor de Deus, situa-se no fluxo natural de tudo o que acontecera.

Separação Final

Recordamos as várias separações surgidas da Queda. Houve alienações entre Deus e o homem, entre o homem e ele próprio, entre o homem e outros homens, homem e natureza, natureza e natureza. A última separação é entre o Pai e o Filho, quando Jesus morreu na cruz. As separações resultantes da Queda do homem chegam a seu clímax quando Jesus, a segunda pessoa da Trindade, sendo ferido e carregando nossos pecados em substituição, clamou em alta voz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46).

Em um cenário como esse, estamos prontos para compreender todo o impacto dos versículos de Romanos que analisamos apenas parcialmente no capítulo anterior. Desta vez citarei toda a seção (Rm 5.12-21), a fim de tornar a passagem mais clara.

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir. Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação. Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também,

por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. (ARA)

Está claro que Cristo é o segundo Adão, o segundo fundador da raça humana. Ele assume o pacto das obras no ponto em que Adão o comprometeu. Como Lazarus Spengler escreveu há muito tempo — em 1524:

Como por um homem toda a humanidade caiu
E, propensa ao pecado, o inferno encontrou,
Por um Homem, que tomou nossa vez,
Hoje seguros somos da graça de Deus.
Te agradecemos, Cristo; a nova vida é nossa...

É exatamente isso que Gênesis 3.15 promete: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Já temos a morte de Cristo em promessa — a primeira promessa — feita imediatamente após a rebelião e a Queda. A morte de Cristo, portanto, é apresentada como a solução de todas as separações de que falamos.

Pela suficiência da morte de Cristo, essas separações serão perfeitamente desfeitas em sua segunda vinda. Todavia, a Bíblia diz que (na presente vida), com base no sangue derramado do Senhor Jesus Cristo, pela fé e no poder do Espírito Santo, deve haver cura substancial no que diz respeito a todas essas separações. Sir Francis Bacon (1561-1626) destacou esse princípio em *Novum Organum Scientiarum*. Citei - o em alguns dos meus outros livros, mas encaixa-se aqui também: “Pela Queda, o homem caiu simultaneamente de seu estado de inocência e de seu domínio sobre a natureza. Ambas as perdas, contudo, podem ser ainda nesta vida parcialmente reparadas; a primeira, pela religião e pela fé, a segunda, pelas artes e ciências”. Essa deve ser a visão cristã do mundo. Um cristão, compreendendo a anormalidade da natureza, pode ver as artes e as ciências substancialmente libertas por Deus. Mesmo nesta vida, pode ver uma reparação substancial da divisão entre homem e natureza que, um dia, na segunda vinda de Jesus, será perfeita e completa.

Assim, no fluxo da história visto em Gênesis 3.15, observamos que (exceto pela obra de Cristo) a aliança das obras é passado. Desse tempo em diante, aplica-se a aliança da graça. A partir daí até o último homem que passará da morte para vida, o homem não pode mais chegar a Deus por suas próprias obras. É bom colocar isso na primeira pessoa do singular: Não posso chegar por minhas próprias obras. Somente posso chegar por meio da obra consumada de Cristo. Só posso chegar com base na aliança da graça, cujos benefícios agora recebo como um dom gratuito.

Podemos dizê-lo de outra maneira. Antes da Queda, para chegar a Deus, Adão tinha apenas de curvar-se — como uma criatura perante o Criador. Agora, no entanto, após a Queda de Adão, devemos curvar-nos duas vezes — como criatura perante o Criador e como um pecador chegando a um Deus santo, por meio da obra de Cristo.

Culto Aceitável e Inaceitável

Até agora em nosso estudo do fluxo da história, cobrimos dois grandes passos: a situação no princípio, quando tudo era bom, e a introdução da anormalidade provocada pela Queda. Outro assunto central é o culto aceitável e o inaceitável após a Queda.

Em Gênesis 4.1, lemos: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim, e disse: Alcancei do SENHOR um homem”. Aqui está o primeiro bebê a nascer. Que maravilhoso deve ter sido para Eva ter, de repente, em suas mãos um pequeno bebê de seu próprio corpo. Imagine seu assombro quando viu isso: “Sim, é igual a Adão! Alcancei um homem do Senhor!”.

Podemos imaginar se ela poderia ter em mente a promessa em Gênesis 3.15. Não há como ter certeza, é claro. Mas você pode imaginar que ela tenha dito consigo: “Talvez este seja o que trará a solução ao problema que trouxemos”? Como cristãos vivendo deste lado do Novo Testamento, pensamos no contraste com Maria, de quem a semente da mulher realmente teve um nascimento virginal. Em Hebreus 12.24, o escritor fala a homens vivendo depois da época de Jesus, lembrando-lhes que chegaram “a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel”. Em Gênesis 4.10, Deus disse que o sangue de Abel clamava porque Caim o matara. Foi o clamor do primeiro assassinato, irmão matando irmão, uma parte da separação causada pela Queda. O sangue de Cristo é a solução.

Mas em Gênesis 4.1, Eva acaba de dar à luz a Caim! Assim, se tinha em mente que este era o que resolveria os problemas da Queda, como estava enganada! Nascido naturalmente, produz os resultados da raça humana caída. Um salvador? Não, ele matará seu irmão. Que contraste entre a primeira criança nascida e Cristo!

Em Gênesis 4.2, temos o nascimento do segundo filho: “E deu à luz mais a seu irmão Abel”. Enquanto os dois crescem, somos apresentados à questão de culto aceitável e inaceitável deste lado da Queda: “E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua

oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante” (vv. 3-5).

Hebreus 11.4 conta o que estava envolvido: “Pela fé Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício que Caim”. A distinção é que o ato de sacrifício de Abel foi por *fé*.

Todo o processo está relacionado com Romanos 4, que dá a mais clara descrição possível dessa fé: “Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça” (Rm 4.3). Essa é descrição de Deus para a fé — o exato oposto de um salto kierkegaardiano no escuro. Deus deu a Abraão uma promessa específica e proposicional; e Abraão creu em Deus. Essa fé lhe foi contada como justiça. Em outras palavras, a fé de Abraão envolvia conteúdo.

Quanto conhecimento tinha Abel, não sabemos, mas devemos estar cientes de que a Bíblia não nos diz como ele sabia de que modo trazer uma oferta, afinal. E isso não é incomum; o livro de Gênesis, muitas vezes dá informações que desconhecíamos terem sido dadas até que alguém aja com base nelas — por exemplo, os animais puros e impuros no tempo de Noé (Gn 7.2) ou Abraão e o dízimo (Gn 14.20). Assim, aqui fica claro que Abel tinha conhecimento sobre ofertas, mesmo que a Bíblia não nos diga quando esse conhecimento foi dado. Podemos imaginar se os pais de Abel lhe contaram sobre a promessa de Gênesis 3.15 e as peles. E embora isso seja apenas especulação, uma coisa não é: desse tempo em diante, o sacrifício era conhecido e praticado, e o Novo Testamento associa essa prática ao sacrifício de Cristo.

Difícilmente poderíamos esquecer as palavras de João Batista, que (embora constando no Novo Testamento) é o último profeta do Antigo Testamento. Quando Jesus começava a surgir no cenário público, um dos evangelistas registrou isto: “No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). João Batista não dá explicações. Não precisa, porque os judeus entendiam a ênfase do Antigo Testamento nesse ponto em particular.

Em 1 Coríntios 5.7, Paulo chama Cristo de nossa Páscoa, esperando, do mesmo modo, compreensão sem explicação. O livro de Hebreus repetidamente traça o paralelo entre a morte de Cristo e os sacrifícios do Antigo Testamento. Por exemplo, Hebreus 7.26,27: “Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e

feito mais sublime do que os céus; que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo”. E como já vimos, Apocalipse 5.11,12 refere-se a Jesus como o Cordeiro de Deus que foi morto e, portanto, é digno de receber o poder e a glória.

Historicidade de Caim e Abel

Como no caso de Adão e Eva, o Novo Testamento considera Caim e Abel como personagens na história. Lemos em 1 João 3.12: “Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas”. Judas 11 repete: “Ai deles! porque entraram pelo caminho de Caim...”. Porém, perceba que, embora nos dois casos a historicidade de Caim seja pressuposta, mais que um fato histórico está envolvido. No fluxo da história, há uma *linhagem de Caim* na qual não devemos andar. Em contraste, Hebreus 11.4, coloca Abel numa linhagem de personagens históricos, a linhagem da fé, e recebemos a ordem de caminhar nessa linhagem. Mais que isso, Abel é o primeiro mencionado nessa linhagem. Assim, num sentido real, ela pode ser chamada de *linhagem de Abel*.

O caminho de Caim é contrastado com o caminho de Abel, e Gênesis 4.6,7 apresenta esse contraste: “E o SENHOR disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante? Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele deves dominar”. Alguns entendem que em lugar de *pecado*, é mais adequada aqui a possível leitura *oferta pelo pecado*. Porém, embora os detalhes da tradução desses versículos possam ser discutidos, a ideia central está definida. Deus diz: “Por que descaiu o seu semblante, Caim? Você ainda pode ser aceito. Você cometeu um erro, no entanto, há uma saída”. Parece-me que Deus diz a Caim que volte atrás e faça o que deveria ter feito antes. Seguindo a trilha do culto aceitável, ele poderia deter a rebelião (até onde lhe dizia respeito) naquele momento. Em vez disso, fez outra coisa: “E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou” (v. 8). Em vez de voltar atrás e fazer o que teria sido certo, Caim fez algo terrivelmente errado. A partir daqui, as duas linhas dividem-se diante de nós — o caminho de Caim e o caminho de Abel. Como destacamos, uma separação entre homem e homem aconteceu tão logo Adão e Eva tentaram tirar a culpa de si. Mas a separação agora é acentuada com o contraste entre culto aceitável e culto inaceitável.

A partir daqui, existem duas humanidades — a humanidade que vem de Deus, curvando-se duas vezes, e a humanidade que segue o

caminho de Caim. A separação entre homem e homem agora se expande para a separação entre irmãos. O amor que deveria ter existido entre eles como companheiros criados por Deus à imagem de Deus torna-se agora ódio e assassinato.

É interessante que, como o Novo Testamento nos ensina, esse assassinato nasceu, a rigor, da questão de não crer em Deus: um creu em Deus, o outro não.

“E disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: Não sei; sou eu guardador do meu irmão? E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra” (Gn 4.9-10). O sangue de Abel fala e clama por juízo e justiça, e seu clamor ecoa até o livro de Apocalipse, onde vemos os mártires cantando: “Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap 6.10).

O sangue de Abel clama: “Juízo! Juízo!”. E Deus deve julgar porque é um Deus santo. Se encolhesse os ombros e se afastasse, não haveria absoluto moral no universo. Felizmente, Hebreus nos propicia uma nova dimensão. Há outro caminho, fundamentado no sangue de Jesus derramado na história. Esse sangue “fala melhor que o de Abel” (Hb 12.24). O sangue de Jesus vai além da justiça e oferece misericórdia. Com base na morte de Jesus, clama “Salvação!” a todos que ouvirão.

Cultura da Linhagem Ímpia

Gênesis 4.11-24 fala do gradativo desenvolvimento da cultura de linhagem ímpia. O homem ainda é realmente homem, e pode gerar cultura. É, porém, uma cultura marcada, uma cultura sem o verdadeiro Deus.

Precisamos notar aqui, de passagem, que os versículos 11-24 não constituem uma cronologia ainda maior que as genealogias da linhagem piedosa que começam no versículo 25. Pelo contrário, essas passagens se encaixam exatamente na forma literária encontrada em todas as partes de Gênesis: os aspectos com menos importância (neste caso, a linhagem ímpia) são rapidamente retirados do caminho para que os aspectos mais centrais (a linhagem piedosa) possam ser tratados com detalhes. Assim, não sabemos quanto tempo decorre antes que cheguemos ao versículo 24. Não é necessário que o versículo 24 contenha história que preceda o versículo 25, pois o versículo 24 encerra a reflexão sobre a linhagem ímpia, e o versículo 25 aborda a linhagem piedosa.

Os versículos 23 e 24 são uma descrição perfeita da cultura ímpia e humanista em todas as gerações: “E disse Lameque a suas mulheres Ada e Zilá: Ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lameque, escutai as minhas palavras; porque eu matei um homem por me ferir, e um jovem por me pisar”. Ou, parafraseando: “Um homem me feriu, por isso dei o troco. Simplesmente o matei”. Observe o que Lameque fez! Não é terrível? “Ó vós mulheres, escutem-me as duas: Esse cara me acertou. Dei um jeito nele. Eu o matei”. “Porque sete vezes Caim será vingado; Lameque, porém, setenta vezes sete”. Aqui está a cultura humanista sem Deus: egoísmo e orgulho centrados no homem. Essa cultura perdeu o conceito não apenas de Deus, mas do homem como alguém que ama seu irmão.

Cultura da Linhagem Piedosa

Gênesis 4.25 aborda a linhagem piedosa: “E tornou Adão a conhecer a sua mulher; e ela deu à luz um filho, e chamou o seu nome Sete; porque, disse ela, Deus me deu outro filho em lugar de Abel; porquanto Caim o matou”. Assim, Sete toma o lugar de Abel como portador da linhagem piedosa. “E a Sete também nasceu um filho; e chamou o seu nome Enos; então se começou a invocar o nome do SENHOR” (v. 26). Ou, como é possível: “os homens começaram a *chamar-se pelo nome do Senhor*”. Em outras palavras, nesse momento específico, a linhagem piedosa caracteriza-se pelo nome de Deus; a rigor, da mesma forma como, mais tarde, os cristãos foram marcados pelo nome de Cristo. Ambos se caracterizaram pelo nome daquele a quem seguiam.

Em Gênesis 5.3, descobrimos, a propósito, que quando Sete nasceu, Adão tinha 130 anos. Portanto, não houve um grande intervalo de tempo entre a criação do homem e a Queda, porque até o tempo do nascimento de Sete apenas 130 anos tinham se passado.

Concluindo, eu destacaria três pontos. Primeiro, Adão e Eva jogaram fora a oportunidade de chegar a Deus com base na aliança de obras. A partir daí, o único modo como os homens poderiam chegar a Deus tinha como base a aliança da graça. Não por não haver obra envolvida nessa aliança, mas a obra era de Cristo, não do homem. Isso é verdade tanto se, como no Antigo Testamento, os homens aguardam a obra de Cristo surgir na história (a promessa tornando-se conhecida em detalhes crescentes enquanto o tempo passava) ou se, como é nosso caso, nos voltamos para a morte de Cristo como o Salvador na história.

Portanto, desde Caim, todas as pessoas do mundo encontram-se ou na posição de Caim ou na posição de Abel. Daí em diante, no fluxo da história há duas humanidades. Uma humanidade diz que Deus não existe, ou cria deuses em sua própria imaginação, ou tenta chegar ao verdadeiro Deus à sua própria maneira. A outra humanidade chega ao verdadeiro Deus pelo caminho de Deus. Não há terreno neutro.

Segundo, até onde a promessa em Gênesis 3.15 alcança, o Messias poderia ter vindo de qualquer lugar da raça humana. Mas Sete traz o primeiro estreitamento da promessa. A partir daí, o Messias virá de sua linhagem.

Terceiro, quando observamos Caim matando Abel, podemos enxergar a terrível falta do amor que teria existido entre os homens como criaturas iguais — não apenas porque eram irmãos de sangue, embora isso torne a questão mais nítida, mas simplesmente porque foram igualmente criados por Deus. Eram da mesma carne, do mesmo sangue, de uma espécie, de uma raça. Em contraste com Caim, nós cristãos — e, portanto, a semente dada a Cristo em sua obra substitutiva — devemos mostrar na vida presente a fraternidade restaurada em amor restaurado. Esse é o chamado do cristão. Devemos mostrar o oposto do que mostrou Caim, o assassino. Se nos tornamos a segunda humanidade, se de fato estamos sob o sangue do segundo fundador da raça, o segundo Adão, os homens deveriam olhar para nós, em meio à semente da linhagem de Caim, e deveriam ver uma atitude oposta à atitude de Caim. Isso deveria ser verdade não apenas em nossos atos simples, mas em toda a nossa cultura.

A Bíblia deixa claro quem faz parte dessa fraternidade. Em Mateus 12.47-50, a mãe natural de Jesus e seus irmãos naturais chegam quando ele está falando com o povo. “E disse-lhe alguém: Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, que querem falar-te”. Mas Jesus ressalta que o relacionamento apenas físico não é central: “Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E estendendo a mão para seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe”. Aqui, então, está a fraternidade. O mesmo fica evidente em Mateus 23.8, onde Jesus instrui seus discípulos: “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos”. Assim, uma nova humanidade é estabelecida com base na obra de Cristo, e essa nova humanidade deve amar fraternalmente seus irmãos, e todos os homens, como próximos.

Há muito sabemos que os homens devem viver em relacionamento amoroso um com o outro. Como 1 João 3.11,12 diz: “Porque esta é a mensagem [ou mandamento] que ouvistes desde o princípio: que nos amemos uns aos outros”. João diz que esse mandamento data não apenas da época de Moisés, mas de quando Deus criou os homens para serem homens. “Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão”. Aqui está o contraste. Deus nos chama, como cristãos, a deixar a linhagem de Caim e ir em direção oposta a ela. O mundo deveria poder olhar para nós e enxergar

um amor que está, primeiro, entre os irmãos, mas que também se estende (como ensinado na história do bom samaritano) a todos os homens.

Evangelismo é um chamado, mas não o primeiro chamado. Estabelecer congregações é um chamado, mas não o primeiro chamado. O primeiro chamado do cristão é sair da linhagem de Caim para a linhagem de Abel, com base no sangue derramado do Cordeiro de Deus — retornando ao primeiro mandamento de amar a Deus, amar os irmãos e, então, amar o próximo como a si mesmo.

Abraão era um homem de fé, de Deus e, especificamente, um perfeito exemplo de alguém que se firma na linhagem de Abel em contraste com a linhagem de Caim. Diante de Ló, seu sobrinho, num momento crucial no difícil relacionamento que se desenvolvera entre eles, Abraão disse: “Ora, não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos” (Gn 13.8). Abraão estava precisamente na posição onde todos os que se tornaram filhos de Deus devem estar. E note que havia um custo em fazer aquilo. Abraão disse a Ló: “Não está toda a terra diante de ti? Eia, pois, aparta-te de mim; e se escolheres a esquerda, irei para a direita; e se a direita escolheres, eu irei para a esquerda” (v.9). Abraão pagou um preço extraordinário. Foi o completo oposto de Caim. Concedeu a primeira escolha de pastagem a um homem mais jovem. Em custoso amor, Abraão permaneceu no espírito da linhagem piedosa. Em toda época e em toda situação, esse é o lugar do cristão.

Capítulo 7: Noé e o Dilúvio

A história flui, o curso foi estabelecido por Adão e Eva, e a humanidade dividida por Caim e Abel. A história da humanidade dividida desenvolve-se a partir das duas linhagens delineadas em Gênesis 4.16-24 (a linhagem de Caim) e Gênesis 4.25-5.32 (a linhagem de Sete). No relato que se segue a essas genealogias, somos apresentados a um mundo em que a decadência moral torna-se tão presente na sociedade, que apenas um homem é deixado na linhagem piedosa. Mas estamos nos adiantando em nossa história.

E Morreu”

Por todo o capítulo 5 de Gênesis — que começa recapitulando a herança da linhagem de Sete — a ênfase está na conclusão da vida de cada homem. O versículo 5, em referência a Adão, termina com “e morreu”. Os versículos 8, 11, 14, 17, 20, 27 e 31, em referência a Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jerede, Matusalém e Lameque, também terminam com “e morreu”. Assim, quando avançamos nessa genealogia, nos lembramos repetidamente de que vivemos em um mundo anormal; desde que o homem revoltou-se, as coisas não são do modo como Deus as criou originalmente. Contudo, há uma exceção curiosa à frase “*e morreu*”. O versículo 24 comenta: “E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou”. Os versículos 22 e 24 incluem essa primeira frase *E andou Enoque com Deus*, indicando que Enoque era realmente um homem de Deus. A mesma expressão é usada em referência a Noé, em Gênesis 6.9. Mas com Enoque uma informação a mais é especial: “E não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou”.

Hebreus 11.5 nos dá mais informações: “Pela fé Enoque foi trasladado [tomado] para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como antes da sua transladação alcançou testemunho de que agradara a Deus”. Um *traslado* semelhante, o de Elias, é explicado com mais detalhes em 2 Reis 2. Enoque e Elias distinguem-se como únicos, tomados por Deus sem morrer.

Genealogia e Cronologia

Gênesis 5 suscita uma questão muito interessante. Qual a conexão entre essa genealogia e a cronologia do Antigo Testamento? Antes do início do século, o Professor William Greene, do Princeton Theological Seminary (Seminário Teológico Princeton) e, seguindo-o, o Professor Benjamin B. Warfield defendiam que as genealogias em Gênesis não deveriam ser entendidas como uma cronologia. E embora muito de seus trabalhos deva ser uma resposta ao ataque da teologia liberal contra a história bíblica, penso que o entendimento de que essas genealogias não são uma cronologia é óbvio a partir da própria Escritura.

Primeiro, o relacionamento entre a sequência de nomes e a cronologia não é sempre uma linha reta. Em Gênesis 5.32, lemos: “E era Noé da idade de quinhentos anos, e gerou Noé a Sem, Cão e Jafé”. Nessa passagem, pareceria que Sem é mais velho que Cão, que é mais velho que Jafé. Porém, em Gênesis 9.24, sabemos que “Despertou Noé do seu vinho, e soube o que seu filho menor lhe fizera”. A referência é a Cão. Do mesmo modo, alguém que lê Êxodo 2 certamente pensaria que Moisés foi o primogênito. Contudo, descobrimos em Êxodo 7.7 que seu irmão Arão na verdade era três anos mais velho. Portanto, o conteúdo dessas diversas passagens é preciso, mas cronologia não era o que os autores tinham em mente. Não há dúvida de que Sem foi mencionado primeiro porque foi o mais importante no fluxo da história bíblica. O que se estava registrando *era* o fluxo da história — o assunto do qual este livro fala — o fluxo das origens, especialmente dos judeus, para quem essas coisas eram de grande importância, como veremos em breve. A Bíblia não nos engana. Ela indica que as genealogias não são cronológicas.

Uma segunda razão pela qual não devemos tomar genealogia por cronologia é que muitas passagens deixam óbvio que os escritores conheciam a cronologia, mas deliberadamente omitiram várias etapas na genealogia. Por exemplo, se compararmos 1 Crônicas 6.3-14 com Esdras 7.2, perceberemos que Esdras omitiu nomes da árvore genealógica, apesar de ser um escriba e de que certamente conhecia a lista completa. Não apenas isso, mas ele parece ter acrescentado dois nomes omitidos na genealogia de 1 Crônicas. É claro, alguns desses homens podem ter sido conhecidos por mais de um nome, como era comum na história do Antigo

Testamento, e há a possibilidade do erro de um escriba posterior. Não obstante, de fato parece que alguns nomes foram conscientemente omitidos por Esdras.

Um caso ainda mais surpreendente, que mostra o que o povo judeu fazia com suas genealogias, ocorre em 1 Crônicas 26.24: “Sebuel, filho de Gérson, o filho de Moisés, era o chefe dos tesouros”. A época era a de Davi, aproximadamente 1000 a.C., e a questão é que Sebuel tinha uma posição oficial com base em sua linha genealógica. O fato intrigante é que Gérson é filho direto de Moisés e, entre ele e o próximo, Sebuel, há pelo menos 400 anos. Não há dúvida de que temos aqui uma tremenda lacuna nos anos e nas gerações entre eles. Assim, nos lembramos de que o propósito de tudo isso é indicar o fluxo das linhagens oficiais e históricas. É importante dizer: “Esse homem vem de tal e tal origem”.

Outro caso evidente encontra-se na genealogia de Cristo feita por Mateus. Em Mateus 1.8, lemos: “E Asa gerou a Josafá; e Josafá gerou a Jorão; e Jorão gerou a Uzias”. Porém, se voltarmos até o Antigo Testamento, descobriremos que o pai, o avô e o bisavô de Uzias são omitidos da genealogia de Mateus. (veja 1Cr 3.11,12; nessa lista, Uzias é chamado de Azarias). O importante é que Jesus seja apresentado na linha genealógica correta e, depois que ela é confirmada, a cronologia tem pouco ou nenhum interesse.

Antes da época de Abraão, não há maneira possível de datar a história do que encontramos na Escritura. Após Abraão, podemos datar a história bíblica e correlacioná-la com a história secular. Quando volta no tempo e aborda eventos e genealogias da época anterior a Abraão, a própria Bíblia nunca usa essas genealogias antigas como uma cronologia. Nunca soma esses números para datar.

Há uma terceira razão pela qual deveria ser bastante óbvio que essas genealogias não devem ser entendidas como cronologia. Se o fossem, significaria que Adão, Enoque e Matusalém foram contemporâneos, e isso não parece de fato harmonizar-se. Se fosse o caso, o silêncio da Bíblia sobre esses inter-relacionamentos pareceria curioso. Mas a situação é ainda mais impressionante após o dilúvio, pois, se a genealogia fosse cronológica nessa era pós-diluviana, todos os pós-diluvianos, incluindo Noé, ainda estariam vivos quando Abraão tinha 50 anos de idade. Parece impossível. Além do mais, Sem, Selá e Éber teriam sobrevivido a Abraão, e Éber ainda estaria

vivo, quando Jacó vivia na casa de Labão. A verdade é que isso não se encaixa com o restante da história bíblica. Consideraremos o assunto com maior profundidade quando tratarmos de Gênesis 10-11, mas neste ponto específico, podemos dizer muito claramente que a Bíblia não nos convida a usar as genealogias na Escritura como uma cronologia.

Os Filhos de Deus e as Filhas dos Homens

Gênesis 6.1,2 suscita uma questão discutida há muitos anos: “E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram”. A dificuldade existe com a frase *os filhos de Deus*, porque essa frase pode significar uma de duas coisas: (1) a linhagem piedosa, aqueles que chamavam a si mesmos pelo nome do Senhor (como em Gênesis 4.26) ou (2) os anjos (como em Jó 1.6). O que atiçou a curiosidade dos homens é que o livro de Judas parece fazer referência a isso. Os versículos 6 e 7 dizem: “E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia; assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregue à fornicção como aqueles, e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno”. Essa passagem parece dizer que há anjos que abandonaram sua posição correta e estão especificamente sob juízo porque agiram como as pessoas de Sodoma e Gomorra. Isto é, assim como as pessoas de Sodoma e Gomorra buscaram “outra carne” na homossexualidade, esses anjos buscaram carne que era “outra carne”; envolveram-se com mulheres humanas no que poderia ser chamado de fornicção.

Há maior interesse nessa linha de pensamento se alguém entende isso como uma mistura de angelical e humano, pois é possível que fosse a fonte histórica original de um elemento comum na mitologia. Cada vez mais, descobrimos que a mitologia em geral, embora altamente contorcida, muitas vezes tem alguma base histórica. E o interessante é que um mito que se descobre repetidamente em muitas partes do mundo é o de que, em algum lugar, há muito tempo, seres sobrenaturais tiveram relacionamentos sexuais com mulheres naturais e produziram uma raça especial de pessoas.

Essa noção é fortalecida ainda mais por Gênesis 6.4: “Havia naqueles dias gigantes [*Nefilim*] na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os homens de fama”. É possível especular, portanto, que os valentes da antiguidade, os homens de fama, possam ser a realidade histórica por trás desses mitos.

A outra leitura — a de que o versículo 2 denota que houve os que na linhagem piedosa casaram-se com outros da linhagem ímpia, até a destruição da linhagem piedosa — harmoniza-se com a Escritura, pois há uma proibição constante ao longo do Antigo e do Novo Testamento sobre o povo de Deus casar-se com aqueles que não são povo de Deus. O Antigo Testamento diz repetidas vezes: se você se casa com os que não são povo de Deus, e se você tem filhos e filhas deles, a linhagem piedosa será destruída. O Novo Testamento contém o mesmo mandamento: “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” (2Co 6.14). Essa passagem tem a ver com os laços centrais para a vida dos homens, e nenhum é mais central que o matrimônio. Esse ponto é explicitado na grande passagem sobre o casamento, em 1 Coríntios 7.39. Paulo ensina à igreja que “a mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido, fica livre para casar com quem quiser, *contanto que seja no Senhor*”. O princípio está claro: povo de Deus deve casar-se com povo de Deus.

Portanto, é possível interpretar Gênesis 6.2 como referindo-se ao casamento entre a linhagem piedosa e a linhagem ímpia.

omente um Homem na Linhagem Piedosa

Gênesis 6.5-12 nos leva a um ponto da história em que resta apenas um homem na linhagem piedosa:

E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente [no hebraico, todos os dias]. Então arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. E disse o SENHOR: Destruirei [apagarei] o homem que criei [observe de novo esta palavra — criei] de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus [não os peixes, porque nessa forma de destruição, o dilúvio, os peixes, é claro, podem viver]; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR. Estas são as gerações de Noé. Noé era homem justo e perfeito em suas gerações; Noé andava com Deus. E gerou Noé três filhos: Sem, Cão e Jafé. A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência. E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.

Podemos perguntar: “Não é estranho que só reste um homem na linhagem piedosa?” Mas a Escritura seguramente indica que esse é o curso geral em todas as épocas. O coração do homem está em rebelião contra Deus, e esse coração rebelde deve ser considerado em relação à existência de um conhecimento suficiente de Deus. Em cada era isso acontece de forma semelhante. Por exemplo, no tempo de Abraão, o mundo abandonara quase todo o seu conhecimento do verdadeiro Deus. Do mesmo modo, na época de Cristo, os judeus estavam tão afastados de Deus que apenas uma minoria aceitou seu Messias profetizado no Antigo Testamento. E somos alertados de que o fim da nossa era será exatamente o mesmo. Graças à rebelião do coração humano, o curso não é ascendente. Portanto, falando do fim da nossa era, Jesus podia dizer: “Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?” (Lc 18.8). Como veremos em breve, Jesus expressamente liga a época de Noé à época de sua segunda vinda.

Estas São as Gerações”

Gênesis 6.9 usa uma frase que é uma das notáveis formas literárias de Gênesis: “Estas são as gerações de...”. No versículo 9, a referência é a Noé, mas a frase já foi usada em Gênesis 2.4 e 5.1. Na verdade, Gênesis a usa onze vezes.

Em 1936, Wiseman sugeriu que a frase “*estas são as gerações de*” não é o início, mas o fim de uma seção. A frase significa “esta é [foi] a história de...”. Como ele destacou, as tabuletas daquela época colocavam títulos desse tipo no final, não no início. Assim, por exemplo, em Gênesis 2.4, “Estas são as origens [as gerações] dos céus e da terra” resumiriam o que já foi dado. O mesmo seria verdade para Gênesis 5.1: “Este é o livro das gerações de Adão”. Wiseman sugeriu que Moisés tinha outros materiais diante de si quando escreveu o livro de Gênesis e que os incorporou. Isso é apenas especulação, mas é interessante, pois se fosse o caso, então a inspiração estaria na escolha do material utilizado. Seria paralelo aos homens de Ezequias copiando os provérbios de Salomão (Pv 25.1).

Em todo caso, Gênesis está inquestionavelmente dividido em seções sinalizadas por essas frases. Há, primeiro, a criação cósmica (“estas são as origens dos céus e da terra” — Gn 2.4); segundo, o período de Adão (“este é o livro das gerações de Adão” — Gn 5.1); terceiro, o período de Noé (“estas são as gerações de Noé” — Gn 6.9”); e quarto, a época dos filhos de Noé (“estas, pois, são as gerações dos filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé” — Gn 10.1). Essa frase também ocorre em Gênesis 11.10; 11.27; 25.12; 25.19; 36.1; 36.9; 37.2. É uma forma literária que dá unidade a todo o livro de Gênesis.

Construção da Arca

A geração com que nos preocupamos agora, porém, é a de Noé. Em Gênesis 6.13-15, vemos Deus alertar Noé, dizendo-lhe que escape do juízo iminente: “Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com [da ou em relação a] a terra. Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos [deveria ser traduzido mais como *um lugar para repouso ou abrigo*] na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume. E desta maneira a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinquenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura”.

Há duas coisas a perceber nessa seção. Primeiro, o projeto da arca não foi feito por Noé. Ele não era engenheiro naval. Pelo contrário, o projeto da arca derivava do próprio Deus. Foi uma revelação específica e proposicional que fez o projeto com detalhes. Em outro grande momento, quando o tabernáculo seria construído, Deus também forneceu os projetos e dimensões específicos de tudo envolvido (Êx 25.9-40).

Deus diz a Noé: “Um tremendo julgamento está chegando e aqui está a maneira de escapar. Construa um grande barco”. É interessante que, entre os mitos comuns na história mundial, nenhum é tão difundido quanto o relato do dilúvio. Da China até os índios americanos e mesmo entre os pré-colombianos, encontramos o mito do grande dilúvio, sob estranhas formas. Muitos desses mitos têm elementos estranhos — elementos absurdos, como, por exemplo, as descrições do barco que foi usado. Na Bíblia, esses elementos estranhos e absurdos não existem. Diríamos, então, que a Bíblia nos oferece a história do dilúvio; todos os mitos do mundo são distorcidos, porém, mostram que homens de todos os lugares têm uma lembrança daquilo. Aqui na Bíblia está o único relato de dilúvio cujos detalhes, incluindo a construção da embarcação, são razoáveis.

Se imaginarmos que um côvado tem 45 centímetros (não há como ter absoluta certeza), podemos calcular que a arca teria 43 mil metros cúbicos — um grande barco! A área dos três andares totalizaria 9.400 metros quadrados. Além disso, um barco com as dimensões dadas é fluviável. Acontece, na verdade, que o tamanho dessa arca é quase exatamente o tamanho do *Grande Oriental*, que lançou o primeiro cabo atravessando o Atlântico Norte. Assim, comparado aos vários mitos e

outras histórias de dilúvio por todo o mundo, esse registro leva a marca da história.

O Novo Testamento, é claro, insiste em que o relato do dilúvio e de Noé são história. Hebreus 11.7 diz: “Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu e, para salvação da sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé”. Perceba novamente, assim como com Abel em Hebreus 11.4 e Abraão em Romanos 4.3, que a fé está ligada à promessa proposicional de Deus. Noé ainda não podia ver o dilúvio, porém recebera uma afirmação proposicional de que o juízo estava por vir e, numa afirmação bastante proposicional, lhes foram dadas as dimensões da embarcação que deveria construir. E Noé recebeu a ordem de construir um barco em algum lugar, sem água à vista: este foi seu ato de fé — crer numa promessa proposicional de Deus.

Mais impressionante ainda é o paralelo que Jesus traçou entre sua futura vinda no espaço-tempo e o dilúvio no passado. Jesus enfatiza que sua segunda vinda é um evento histórico: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai. E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mt 24.36,37). A palavra traduzida como *vinda*, usada em todo o Novo Testamento com relação à segunda vinda de Cristo, significa *presença*. Significa “estar ao lado de”, isto é, está vindo um tempo futuro quando Jesus estará presente na terra — historicamente, presente no tempo e no espaço, assim como estava na terra quando pronunciou essas palavras. Jesus prossegue: “Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda [novamente, *presença*] do Filho do homem. Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra” (vv. 38-41).

O paralelo é interessante mesmo nos detalhes, pois aborda a normalidade da vida sobre a terra antes de vir o dilúvio e faz um paralelo com a normalidade da vida antes de Jesus vir. Assim como a vida seguia uma linha ininterrupta e o dilúvio veio, assim também a vida seguirá numa linha ininterrupta e a primeira etapa na segunda vinda de Cristo ocorrerá.

Muitas outras passagens falam com clareza da historicidade do dilúvio. Isaías 54.9 registra Deus dizendo: “Porque isto será para mim como as águas de Noé; pois jurei que as águas de Noé não passariam mais sobre a terra; assim jurei que não vou me irar mais contra ti, nem te repreenderei”. Isto é, Deus diz que sua promessa é tão certa quanto os eventos relacionados ao fato histórico do dilúvio. Assim também, 1 Pedro 3.20 diz, parenteticamente: “... quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água”. A especificação do número, oito, enfatiza o fato de que o evento foi considerado histórico. Além disso, 2 Pedro 2.5 fala sobre o Deus que “não perdoou o mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios”. Note outro detalhe histórico: Noé era um pregoeiro da justiça. Incidentalmente, esse é o texto que alguns cristãos têm usado para retratar Noé pregando, enquanto construía a arca; na verdade, é uma inferência do texto, mas parece justificada. Noé não apenas construiu uma embarcação com fé na advertência divina; ele também pregou justiça.

2 Pedro 3.3-7, novamente compara o dilúvio à segunda vinda de Cristo. Antes do tempo em que Jesus voltará, haverá escarnecedores que dirão: “Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (v. 4). Parafrazeando em linguagem do século XX: “Onde está a promessa da sua vinda? Tem havido uniformidade absoluta de causas naturais num sistema fechado. Por que você está falando sobre algo catastrófico? Sempre tem sido assim, e afirmamos que vai continuar sendo desse jeito”. Pedro explica essa reação: “Eles voluntariamente ignoram isto, que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio, mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios” (v. 7). Portanto, os eventos históricos ocorridos no tempo de Noé são comparados a futuros eventos históricos.

Há, porém, outra nota aqui — uma nota de universalidade. Se o julgamento na segunda vinda de Cristo deve ser entendido como universal, o julgamento por água no tempo de Noé não foi também universal? Cristãos que amam a Escritura têm discutido extensivamente se o dilúvio foi

universal ou não. Creio que foi, mas não creio que de alguma forma deveríamos fazer disso um “teste de ortodoxia”. Não podemos basear a defesa na palavra *terra* em Gênesis 7.4 (“desfarei de sobre a face da *terra* toda a substância [coisa] que fiz”), porque *terra* pode ser traduzida como “solo”. Na verdade, o argumento para a universalidade encontra-se em outros fatores, incluindo o paralelo entre a segunda vinda de Cristo e o dilúvio, conforme ensinado nas passagens do Novo Testamento que acabamos de considerar. O tom da linguagem usada em Gênesis sugere essa universalidade também. Parece haver uma totalidade aí, o mesmo tipo de teor encontrado em Gênesis 1 — um teor transmitindo *universalidade*. Por exemplo, em Gênesis 7.23, lemos: “Assim foi destruído [apagado] todo ser vivente que havia sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos [apagados] da terra; e ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca”. Isso soa universal. E mais: a primeira aparição da palavra *terra* (que, na tradução desse versículo, aparece como *solo* na American Standard Version e na King James) e a segunda palavra *terra* nesse versículo são duas palavras diferentes no hebraico. Reconhecidamente, as duas podem ser mais limitadas; mas o fato de duas palavras diferentes serem usadas pode acrescentar força ao argumento em favor da universalidade em relação ao dilúvio. Também Gênesis 7.23, relaciona intimamente as outras criaturas viventes aos homens, e Gênesis 9.19 e 10.32 deixam absolutamente certo que Noé e sua família foram os únicos homens restantes. Que o dilúvio foi universal até onde diz respeito ao homem é algo completamente conclusivo na Escritura.

Outra dificuldade surge se o dilúvio não é universal, e não vejo como alguém pode contornar esse fator. Se um dilúvio acontece em uma área limitada, muitos animais podem se afogar, mas não todos. Não há forma de conseguir eliminar todos, a não ser que estejam em um desfiladeiro lacrado. Quando uma floresta pega fogo ou surge uma enchente, os animais fogem.

Outra indicação de que o dilúvio foi universal encontra-se na declaração de Deus após o dilúvio terminar: “Então me lembrarei da minha aliança, que está entre mim e vós, e entre toda alma vivente de toda a carne; e *as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne*” (Gn 9.15). A não ser que o dilúvio tenha sido universal e realmente tenha destruído todos os animais da terra, não entendo como interpretar a frase *as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne*. É claro,

isso não inclui os peixes. A promessa não impede dilúvios menores, nem impede a possibilidade de que o mundo possa ser destruído pelo fogo. A aliança, contudo, é específica: nenhum dilúvio destruirá novamente toda carne.

Data do Dilúvio

Já destacamos que, como as genealogias não constituem uma cronologia, não podemos datar o dilúvio. Há razões para pensar que, se os sistemas de datação usados nos estudos antropológicos atuais estão corretos, o dilúvio deveria ser datado *antes* de 20000 a.C. Permita-me dizer que acredito que esses sistemas de datação ainda estão abertos a questionamentos, mas *se* estão corretos, então essa data deve ser considerada. Se todos os homens, menos Noé e sua família, foram destruídos (a Escritura claramente afirma isso), então o dilúvio teria de ter acontecido antes dessa data. Muitos antropólogos estimam que os índios americanos vieram do Oriente para a América em aproximadamente 20000 a.C., por meio de uma ponte de gelo ou uma ponte de terra sobre o Estreito de Bering. Assim, como os índios eram descendentes de Noé e seus filhos, o dilúvio teria de acontecer antes dessa época. O interessante é que os índios norte-americanos e os índios pré-colombianos da América do Sul tinham mitos do dilúvio.

Noé Entra na Arca

Se tomarmos as várias passagens do Novo Testamento e as colocarmos ao lado do material do Antigo Testamento, veremos que, embora estivesse construindo a arca, Noé pregava, e que o fluxo normal da vida seguia como hoje acontece num dia comum. Ouvimos carros nas estradas, pessoas vivem em vilas, na cidade, outros plantam, alguns fazem seus jantares, há um casal fazendo amor, um bebê nascendo e a vida se move em seu curso geral. É exatamente isso que a Bíblia fornece como ilustração da situação imediatamente anterior ao dilúvio.

Então, quando a arca foi construída, Deus disse a Noé: “De todos os animais limpos tomarás para ti sete e sete, o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea. Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea, para conservar em vida sua espécie sobre a face de toda a terra” (Gn 7.2,3). Como observamos, uma vez que não precisa de explicação sobre a diferença entre “puro” e “impuro”, Noé aparentemente já tinha um conhecimento do passado, conhecimento que a Bíblia não registra como dado num ponto específico. Gênesis 8.20 também pressupõe tal conhecimento a respeito de puro e impuro. Isso é interessante porque significa que aqueles homens podem muito bem ter conhecido bem mais do que pensamos.

Finalmente, chega o tempo para Noé e sua comitiva entrarem na arca, pois Deus diz: “Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sobre a face da terra toda a substância [*coisa*] que fiz” ((Gn 7.4). Gênesis 7.10 diz: “E aconteceu que passados sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio”. Deus lhes diz: “Agora a arca está terminada; vocês pregaram aqui, mas acabou. Vocês devem entrar na arca e ficar lá por sete dias”. Acredito que seguir essa ordem exigiu uma fé bastante vigorosa da parte de Noé.

Lembre-se: a embarcação está em terra seca. Não sabemos a altitude em que foi construída, mas seria como ter um transatlântico nos Alpes Suíços. Que visão estranha! Pessoas são pessoas e psicologia é psicologia. Você pode imaginá-las chegando, cutucando o barco e, para dizer de forma delicada, sendo céticas. Os pregadores negros dos Estados Unidos costumavam imaginar histórias de Noé pregando enquanto construía, com as pessoas aproximando-se, parando em frente ao barco e rindo. Claro, é um

exercício de imaginação, mas deve ter sido estranho entrar nesse barco e, então, apenas ficar sentado por sete dias.

Que retrato da fé cristã! Não é que não haja promessas proposicionais; não é que não haja boas e suficientes razões para saber que as coisas são verdadeiras. Mas fé é permanecer contra o que pode ser visto no momento e estar disposto a ficar desamparado por crer em Deus. Não é um salto; não é negação da racionalidade. Mas é sentar-se nesse barco no meio dos Alpes, quando a maioria das pessoas diz que isso não faz sentido. Se alguma geração já esteve nessa situação, é a nossa. Estamos rodeados por um consenso total e monolítico que nos diz: “Isso não faz sentido; vai contra a uniformidade de causa e efeito em um sistema fechado!”.

Gênesis 7.7 expressamente diz que havia oito pessoas: “Noé entrou na arca, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, por causa das águas do dilúvio”. Aqui, há um paralelo interessante com a destruição de Sodoma e Gomorra (o próprio Cristo o traça), quando toda uma família esteve envolvida na fidelidade de um homem. Assim, descobrimos não apenas que Ló foi retirado, mas também as filhas que ouviram seu alerta em Sodoma. De modo semelhante, há um paralelo com a Páscoa, pois quando os judeus mataram seu animal pascal no Egito e puseram o sangue na porta, o primogênito na família e o primogênito dos animais na casa dos judeus foram protegidos da morte.

Os versículos 11 e 12 são um parêntese cobrindo todo o período de quarenta dias. O versículo 11 diz: “No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês, naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram...”. Certamente, é uma ênfase na história. As genealogias não têm a intenção de ser uma cronologia, mas a Bíblia data com detalhes esse evento, no que diz respeito a sua natureza central.

O versículo 11 também nos diz que havia dois mananciais de água sendo abertos — as fontes do grande abismo e as janelas dos céus. A água veio de dois mananciais — “as janelas dos céus” e as “fontes do grande abismo”. A água envolvida era algo mais que quarenta dias de chuva. O versículo 11 poderia cobrir um amplo leque de possibilidades.

Assim, o dilúvio é apresentado como catastrófico, não necessariamente como parte do fluxo de uniformidade de causa e efeito que

conhecemos agora. Além disso, 2 Pedro 3.3-7 faz um paralelo entre o dilúvio catastrófico e a futura destruição catastrófica por fogo.

O homem moderno crê numa uniformidade de causas naturais em um sistema fechado; assim, não considera possível uma catástrofe, no sentido de uma mudança abrupta. John Woodward (ob. 1772), pai do estudo dos fósseis, deixou claro que defendia o conceito de processo e catástrofe sistemáticos, isto é, que poderia haver grandes rupturas. Há apenas pouco mais de um século, Charles Lyell começou a insistir em uniformidade em oposição a catástrofe. O conceito de catástrofe em geral foi abandonado, especialmente na geologia. E com isso, os relatos da criação e do dilúvio foram rejeitados.

É curioso que os geólogos venham considerando necessário trazer a catástrofe (embora normalmente não usem esse termo) de volta à história. Ainda não foram capazes de demonstrar que tudo (na ordem dos eventos que conhecemos hoje) flui numa linha simples de causa e efeito.

Devemos lembrar que a posição cristã não nega causa e efeito. Pelo contrário, como tenho insistido em outros livros, foi o fundamento cristão que deu uma razão para esperar causa e efeito, processos sistemáticos. O que se questiona é o conceito de causa e efeito num sistema fechado. Deus não se tornou um prisioneiro do mecanismo do universo. Deus pode atuar dentro dele. Então, um cristão, quer esteja considerando uma grande catástrofe como o dilúvio ou algo menos dramático, não precisa escolher entre um universo aleatório sem causa e efeito e um universo de causa e efeito num sistema fechado. Deus é um Deus vivo e pode operar dentro da máquina em qualquer momento que desejar.

Há muitos problemas para aqueles que rejeitam o catastrófico. Qualquer evento que não se encaixe na ordem de eventos que conhecemos hoje traz dificuldade. Por exemplo, a ciência luta com um grande mistério envolvendo um evento curioso que aconteceu por volta de 10000 a.C., no que agora é o Ártico. Estou me referindo, claro, aos mamutes e outros animais congelados. Até onde podemos afirmar, pelos últimos 12.000 anos, essa área tem sido uniformemente fria. Porém, como é óbvio a partir do estudo desses grandes mamutes e dos outros animais encontrados lá, o local era quente até aquela época. Quando os animais congelaram, morreram tão rapidamente que as plantas de um clima mais quente ainda estavam em suas bocas, não foram cuspidas, nem engolidas.

Ninguém pode explicar isso — ninguém. Essa é uma questão científica que não tem qualquer relação com a Bíblia, e não estou tentando relacioná-la ao dilúvio. Creio que provavelmente aconteceu depois do dilúvio. Todavia, ninguém pode dizer que a ideia de uma grande catástrofe é estúpida. Essas grandes feras foram congeladas com tanta rapidez que a carne ainda estava boa para consumo quando foram encontradas. Cientistas familiarizados com congelamento profundo descobriram, tomando como base a massa desses grandes animais, que a temperatura teria de cair dentro de poucas horas para -65°C . Ninguém sabe como ou por que isso aconteceu.

O que importa é que podemos discutir eventos como o dilúvio e ainda oferecer respostas honestas para questões honestas. Não há motivo para um cristão ser defensivo apenas porque está rodeado por homens cujos parâmetros são a uniformidade de causas naturais num sistema fechado e que têm arbitrariamente abandonado a ideia de catástrofe.

Deus Fecha a Porta

Gênesis 7.16 é um versículo impressionante: “E os que entraram eram macho e fêmea de toda a carne, como Deus lhe tinha ordenado; e o SENHOR o fechou dentro”. Esse é um versículo duro, e estou grato porque Noé não teve de fechar a porta. Sabendo que logo os homens se afogariam ao seu redor, não imagino como Noé o poderia fazer. Porém, não lhe foi ordenado que o fizesse. Noé foi chamado a ser fiel — um pregador da justiça. Foi chamado a crer em Deus e na promessa proposicional de Deus. Foi chamado a construir um barco. Mas depois que construiu o barco, veio o tempo em que Deus fechou a porta. Esse foi o fim do tempo de salvação. E esse tempo de salvação foi encerrado, porque Deus o encerrou num ponto no fluxo da história.

No restante do capítulo 7, então, vem a destruição. O juízo de Deus cai sobre o pecado, pois ele é santo, existem absolutos morais e vivemos num universo moral. Se Deus não odeia e julga o pecado, então não é um Deus santo, não há absolutos morais e não vivemos num universo moral. Mas toda a Bíblia ressoa com ênfase: Deus odeia o pecado e Deus julgará o pecado. Vem um dia quando Deus fechará a porta.

Já observamos o paralelo entre o juízo que Deus trouxe sobre os homens nos dias de Noé e o que está por vir na volta de Cristo. Gênesis 6.5 e Mateus 24.37,38 são passagens paralelas de muitas formas. Ambas são tempos em que o homem encontra-se em revolta total, tempos de grande impiedade e, nas duas épocas, os homens estão ignorantes até que a destruição os alcança. “Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem. Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra” (Mt 24.38-41). Jesus tira uma conclusão disso: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que dia [essa é a tradução correta] há de vir o vosso Senhor” (v. 42). E para que não entendamos errado, Jesus repete: “Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis” (v. 44). Jesus está dizendo que você não sabe o dia (v. 42) nem a hora (v. 44).

Esse julgamento não vem apenas sobre pagãos manifestos. Uma parábola indica que mesmo alguns dentro da igreja não são realmente povo de Deus. Jesus conclui: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir” (Mt 25.13). Um tempo de juízo virá. Esse é o fluxo da história.

Capítulo 8: De Noé a Babel até Abraão

Quando a arca encontra descanso, inicia-se uma nova era na história do homem. Outra vez, partindo de um início unificado (na família de Noé), o curso da história do homem prossegue com divisões — as divisões de Babel, por exemplo. Entretanto, o homem aproxima-se do tempo em que as divisões básicas da humanidade serão curadas.

Arca Encontra Descanso

Em Gênesis 8.2, lemos: “Cerraram-se também as fontes do abismo e as janelas dos céus, e a chuva dos céus deteve-se”. Isto é, as duas fontes de água do dilúvio foram fechadas. “E a arca repousou no sétimo mês, no dia dezessete do mês, sobre os montes de Ararate” (v. 4). Ararate, como mencionado em 2 Reis 19.37, Isaías 37.38 e Jeremias 51.27, é a terra da Armênia. Documentos assírios também falam do reino de Ararate. Não é, de forma nenhuma, uma terra mítica, mas um ponto bem conhecido no passado e na história atual.

Os capítulos 7 e 8, registram uma cronologia bastante cuidadosa: “Isso aconteceu em tal dia, e isso aconteceu em outro dia”. Continua-se a traçar o tear e a trama da história espaçotemporal. Assim, houve um momento quando a arca encontrou descanso. E um ponto geográfico onde isso aconteceu na Armênia.

Outro tipo de corroboração para a natureza histórica desse evento ocorre em Gênesis 8.7-9: “E soltou um corvo, que saiu, indo e voltando, até que as águas se secaram de sobre a terra. Depois soltou uma pomba, para ver se as águas tinham minguado de sobre a face da terra. A pomba, porém, não achou repouso para a planta do seu pé, e voltou a ele para a arca; porque as águas estavam sobre a face de toda a terra; e ele estendeu a sua mão, e tomou-a, e recolheu-a consigo na arca”. A forma da narrativa dá a impressão de que algo realmente aconteceu. Isso não soa como um mito ou conto.

Há, por exemplo, uma notável diferença entre esse relato e os épicos de Homero. Em Homero, as personagens têm pouca profundidade psicológica. Erich Auerbach, em *Mímesis*, enfatiza o contraste entre a apresentação da Bíblia e a de Homero. Diz que os heróis nos épicos de Homero levantam-se a cada manhã, como se fosse o primeiro dia em que o mundo começou, enquanto o relato bíblico tem uma profundidade psicológica válida, que enfatiza a historicidade. Ao ler a Bíblia, não sentimos que estamos lidando com situações unidimensionais, e essa passagem em Gênesis 8.7-9 é um bom exemplo.

Lemos que Noé pôs a mão para fora e “fez a pomba vir até ele na arca” (isso é mais preciso que a interpretação da versão King James). Então,

envia a pomba novamente: “E esperou ainda outros sete dias, e tornou a enviar a pomba fora da arca. E a pomba voltou a ele à tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico; e conheceu Noé que as águas tinham minguado de sobre a terra” (vv. 10,11). Esse é um daqueles eventos bíblicos que os homens mantêm como símbolo, mesmo após dizerem com toda clareza que não creem mais na Escritura. A pomba com um ramo de oliveira no bico é utilizada universalmente para significar paz. Além disso, é outra indicação de que as pessoas são ignorantes se não conhecem os fatos da Bíblia, pois muitos desses símbolos assumem uma compreensão que deriva da própria Escritura.

Quando descobriu que as águas tinham diminuído, Noé “tirou a cobertura da arca” (v. 13). Isso está em nítido contraste com Gênesis 7.16, onde lemos que quando Noé entrou na arca, “o Senhor o fechou dentro”. Deus fechou a porta, selou e encerrou a possibilidade de novos ingressos. Mas o próprio Noé foi capaz de abri-la, quando chegou o momento certo. Então, Deus ordenou especificamente que Noé saísse da arca, e assim ele fez (vv. 15-19).

› *Sacrifício de Noé*

Após sair da arca, Noé ofereceu um sacrifício: “E edificou Noé um altar ao SENHOR; e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa, e ofereceu holocausto sobre o altar” (Gn 8.20). Como temos ressaltado, é comum encontrarmos situações no Antigo Testamento, especialmente em Gênesis, onde os homens têm conhecimento que não esperaríamos que tivessem. Em outras palavras, Deus lhes ensinara coisas que não estão registradas na Escritura. Não podemos presumir que, apenas porque um certo conhecimento não está registrado na Escritura, temos o direito de negar absolutamente que houvesse tal conhecimento.

Vida Está no Sangue

É no capítulo 9 que primeiro encontramos Deus especificamente entregando os animais como alimento ao homem: “E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. E o temor de vós e o pavor de vós virão sobre todo animal da terra, e sobre toda ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues. Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde” (Gn 9.1-3). Na época de Noé, portanto, Deus disse, expressamente, que a carne era para consumo. Era totalmente correto que comessem a carne de animais.

No entanto, há um limite: “A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis” (v. 4). O sangue, conforme mostrado nos escritos posteriores de Moisés, especificamente em Levítico, está ligado à vida do animal e é reservado à expiação. É ordenado a eles que sejam cuidadosos nesse ponto.

Do mesmo modo, vemos por que Deus ordena a pena capital: “Certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas; da mão de todo animal o requererei; como também da mão do homem, e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem” (Gn 9.5,6). Deus ordena a pena capital justamente porque há valor único no que no que foi morto. Quando se assassina um homem, mata-se um portador da imagem de Deus. Após a Queda, o homem continua sendo imagem de Deus, e isso torna o assassinato, na verdade, hediondo. O homem moderno, que se iguala à máquina e ao animal, de fato não entende a significativa estatura do homem e, portanto, não enxerga qualquer razão pela qual o assassinato é em si mesmo diferente de qualquer outro crime.

Entretanto, a pena capital não deve ser administrada de maneira negligente. Por exemplo, poderíamos considerar os mandamentos de Deus sobre as cidades de refúgio, da época em que os judeus chegaram em uma nova terra e lá se tornaram um Estado (Nm 35.9-34; Js 20.1-9). Distinguiu-se cuidadosamente entre assassinato premeditado e um erro ou acidente. No caso de um assassinato que se mostra claramente premeditado, um homem

comete um crime sério, pois utiliza seu próprio poder para destruir um ser único e extraordinário — alguém que qualitativa, e não apenas quantitativamente, difere de tudo o mais.

Uma Nova Etapa no Relacionamento Pactual

Até este ponto do nosso estudo, abordamos duas etapas no relacionamento pactual, as promessas pactuals de Deus ao homem caído. Mesmo não havendo uma referência expressa à primeira, como aliança, em Gênesis 3.15, certamente é uma promessa. Era uma promessa ao homem, quanto à solução futura dos problemas que derivam de sua rebelião contra Deus. A segunda etapa ocorre em Gênesis 6.18,19, quando Deus fala a Noé: “Mas contigo estabecerei a minha aliança; e entrarás na arca, tu e os teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. E de tudo o que vive, de toda a carne...”. Isto é, Deus diz: “Com você e com tudo o que vive estabecerei minha aliança”. É digno de nota que em Isaías 54.9, Deus se refere a essa aliança como paralela a uma nova aliança que ele faz com os judeus. Isto é, Deus retorna à aliança com Noé, feita por ele na história, para enfatizar a certeza das novas promessas aos judeus, as quais ele estabecce posteriormente na história.

Examinemos alguns detalhes da aliança relativa a Noé. Primeiro, é perpétua. “E estará o arco nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar da aliança eterna entre Deus e toda alma vivente de toda a carne, que está sobre a terra” (Gn 9.16).

Segundo, é estabecida com Noé e seus descendentes (vv. 9, 11,12) e com “toda alma vivente” (vv. 10-12, 16). Deus faz uma aliança não apenas com o homem, que pode entendê-la, mas com os animais, que não a podem compreender. O versículo 13 generaliza ainda mais: “O meu arco tenho posto nas nuvens; este será por sinal da aliança entre mim e a *terra*”.

Se lembrarmos o que vimos em Romanos 8.19-23, sobre as promessas de Deus a respeito de toda a criação durante a segunda vinda de Cristo, não nos surpreenderemos com o cuidado de Deus por toda a criação na sua aliança em Gênesis. É uma parte da estrutura bíblica completa.

O sinal que marca a aliança com Noé é o arco-íris (v. 13). Algumas vezes, presume-se que a Bíblia sugere não ter havido, antes, o arco-íris. Não há razão para que se considere isso uma verdade essencial. Por um motivo: mais tarde, há dois sinais dados para marcar promessas pactuals — a circuncisão, no caso de Abraão, e o batismo, no caso dos cristãos. Mas desses dois símbolos, nenhum era novo. Foram usados antes por muitos

povos e apenas receberam um significado judaico ou cristão — definido pelo próprio Deus. Portanto, isso também pode ser verdade quanto ao arco-íris. Deus pode apenas ter-lhe dado um novo significado. É possível, no entanto, que condições físicas completamente novas tenham passado a existir depois do tempo do dilúvio e que o arco-íris fosse algo novo. A Bíblia não nos diz, e qualquer uma das ideias se encaixaria no que esses versículos dizem.

Cada um dos sinais da aliança é apropriado, em particular o arco-íris, comparado à circuncisão, sinal de aliança dado a Abraão. O segundo, um sinal no corpo do homem, era totalmente apropriado, porque somente o homem estava envolvido; marcava um indivíduo como parte do povo da aliança. Aqui, no entanto, mais do que o homem está envolvido e, assim, o sinal não é dado no corpo de Noé, mas no céu, que “cobre” tudo aquilo a que a aliança se aplica — o homem e o restante da criação. Considere a pertinência do sinal de batismo no Novo Testamento. No Antigo Testamento, o pai cultuava de um modo especial por toda a família, logo, o sinal actual da circuncisão era apropriado. No Novo Testamento, o muro de separação foi derrubado, e as mulheres, assim como os homens, agora chegam diretamente a Deus, adorando de modo igual e imediatamente perante ele. Logo, o sinal actual do batismo é apropriado.

Em L’Abri, muitas vezes temos longas discussões sobre a questão de o homem, sendo apenas racionalista, não poder de fato ter certeza de que o Sol nascerá amanhã de manhã; tudo o que ele tem são estatísticas e médias. O cristão pode ter certeza. Sua certeza não é apenas baseada na observação de dez milhões de alvoradas, mas na estrutura total que fornece uma resposta suficiente e, nessa estrutura, a promessa de Deus. Enquanto a terra continuar durante a era em que estamos, podemos estar certos disto: o Sol nascerá, o Sol se porá e as estações virão em seu momento natural e apropriado. Pois esta é a promessa de Deus: “Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite, não cessarão” (Gn 8.22).

Uma Nova Etapa na Profecia Messiânica

A primeira profecia messiânica é Gênesis 3.15 — a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente. Uma mulher específica estará envolvida; porém, no que diz respeito a sua aplicação, a profecia é tão ampla quanto toda a raça humana. Mais tarde, fica claro que aquele que cumprirá Gênesis 3.15 virá da linhagem de Sete e não da linhagem de Caim. E na presente passagem, Gênesis 9.26,27, vemos um detalhe adicional: “E disse: Bendito seja o SENHOR Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem...”. Em outras palavras, a promessa feita primeiro a todos os homens é restringida aos povos semíticos. Os povos semíticos são um grande grupo, relacionados pela língua, vivendo no que agora chamamos de Oriente Próximo. Não obstante, esses versículos em Gênesis deixam claro que, conquanto venha a ser cumprida por meio do povo semítico, a promessa está efetivamente aberta a toda a raça humana. O povo semítico simplesmente será o canal — a origem, como se fosse o condutor pelo qual toda a humanidade será abençoada.

Genealogia, Não Cronologia

O capítulo 10 nos leva mais uma vez às genealogias e, como dissemos antes, as próprias genealogias deixam evidente que seu propósito não é cronologia. Por exemplo, Gênesis 10.2 fala de um homem gerando países: “Os filhos de Jafé são: Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras”. Gomer, Magogue e Tubal são países. O versículo 4 descreve um homem gerando povos. Isso fica mais claro no hebraico, em que os finais *im* indicam plural. Deus diz: “Querem conhecer o fluxo da história? O importante é o fluxo da história, e aqui está ele”. No versículo 7, um homem concebe lugares, porque Cuxe, Sebá e Havilá são lugares, não pessoas. E o versículo 13 tem finais *im* novamente; povos geram povos, em vez de indivíduos gerarem indivíduos. O versículo 15 indica um homem gerando um lugar. Finalmente, nos versículos 16-18 aprendemos que as várias tribos, os jebuseus, os amorreus, os girgaseus, etc. vieram de um homem — Canaã. Mesmo que alguns indivíduos sejam mencionados aqui, e nem todos sejam tribos, certamente parece-me que entender essas genealogias como cronologia é um engano.

s Gerações dos Filhos de Noé

Em Gênesis 10.1, voltamos mais uma vez para a forma literária *estas são as gerações de*, porém, desta vez, em relação aos filhos de Noé: “Estas, pois, são as gerações dos filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé; e nasceram-lhes filhos depois do dilúvio”. Começando com o versículo 2, o menos importante é novamente tratado primeiro e com rapidez. Como verdade proposicional genuína e suficiente — mas com rapidez. Então, o registro volta-se para a linhagem mais importante, a linhagem de Sem, que segue pelo restante da Bíblia.

Observamos que a forma literária *estas são as gerações* atravessa todo o livro de Gênesis e o transforma numa unidade completa. Portanto, tratar o livro de Gênesis como menos que uma unidade literária, dividir Gênesis em duas metades e ler as duas metades de modo diferente é totalmente arbitrário. A única maneira de escapar disso é dizer que as frases *estas são as gerações de* foram adicionadas por um redator final (editor), como faz parte da alta crítica documental. Porém esse argumento baseia-se em decisões subjetivas firmadas em pressupostos naturalistas; exige um redator final que ordene as coisas de maneira que se ajustem a suas teorias, a sua posição naturalista. Neste ponto, a teoria gera os dados. O redator não seria necessário se a fraqueza de sua teoria não o exigisse.

Há pouco mencionamos a segunda forma literária que enfatiza esse mesmo fato; a saber, que por todo o livro de Gênesis, os fatores periféricos ao propósito central do livro são tratados primeiro e com rapidez e, então, o registro retorna ao tema central e o aborda extensamente. Essas duas formas literárias em conjunto significam que devemos examinar todo o livro de Gênesis com a expectativa de que tudo deve ser lido da mesma forma, do primeiro ao último capítulo, antes e depois do tempo de Abraão. Pode-se dizer corretamente que esses dois fatores tornam Gênesis um dos livros mais coerentes na Bíblia. À luz disso, alguém que deseje ler partes de Gênesis de forma diversa deve dar uma razão clara para fazê-lo. O testemunho do Novo Testamento torna isso duplamente certo: em cada uma de suas referências a qualquer parte de Gênesis, entende-se que o material é história espaçotemporal normal, até nos detalhes. O Novo Testamento sempre trata os eventos de forma literária, normal e clara.

Em Gênesis 10.21 e 11.10, chegamos à linhagem de Sem, porque essa é a linhagem importante. Em 10.25, lemos: “E a Éber nasceram dois filhos: o nome de um foi Pelegue, porquanto em seus dias se repartiu a terra”. A partir da linhagem de Sem, podemos localizar a época em que a divisão da torre de Babel aconteceu. O versículo 32 resume as linhagens que nascem dos três filhos de Noé: “Estas são as famílias dos filhos de Noé segundo as suas gerações, nas suas nações; e destes foram divididas as nações na terra depois do dilúvio”. Esse versículo e Gênesis 9.19 indicam que toda a raça humana como agora se encontra veio especificamente dos três filhos de Noé.

abel

O próximo estágio no fluxo da história é um evento interessante e importante. Ocorre num lugar claramente delineado — a terra de Sinar, que é a Babilônia em seu sentido mais amplo. Gênesis 11.1 diz: “E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala”. No fluxo da história, a língua era uma. Havia uma língua comum entre os descendentes de Noé.

Isso não surpreende, considerando a tenacidade com que os homens agarram-se à língua. Na Suíça, por exemplo, há quatro línguas e um grupo linguístico firmemente apegado a cada uma. Dentro de um deles, o romanche, há aproximadamente 60 mil pessoas falando dois dialetos, e essa situação pode continuar praticamente para sempre. Portanto, é de se esperar que homens com uma origem comum falem uma língua própria.

O versículo 4 faz o que se pode chamar de primeira declaração do humanismo: “E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra”. Já encontramos essa forma de humanismo na família de Caim, porém, essa é uma poderosa declaração humanista! *Façamo-nos um nome para nós mesmos* de forma que possamos manter a unidade humana e alcançar estabilidade social.

No versículo 7, Deus atua sobre essa situação: “Eia, desçamos [note a comunicação entre os membros da Trindade] e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro”. A confusão básica entre as pessoas é expressamente afirmada como a língua — não a cor da pele, nem raça ou nação. A língua é a chave para as divisões dos povos do mundo.

Aqui a Bíblia indica, como faz com frequência nos primeiros capítulos de Gênesis, que todas as divisões de todo o mundo resultam do pecado e do justo juízo de Deus. Os homens disseram: “... façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados...” — e então, como resultado dessa tentativa de criar uma unidade baseada em si mesmos, “o SENHOR os espalhou dali sobre a face de toda a terra” (v. 8). E o Senhor o fez com base em sua própria palavra.

Assim, outra divisão surgiu — não apenas entre homem e Deus, homem e ele mesmo, homem e homem, homem e natureza, e natureza e natureza, mas também entre os homens da Terra em suas nações, com implicações que alcançam divisões raciais e culturais, ligadas a diferenças linguísticas. E todas fundamentadas na mesma origem — o pecado do homem. Aqui na torre, e sempre, o homem procura ser autônomo.

A palavra *Babel* é interessante porque recebe dois significados diferentes. Gênesis 11.9 diz: “Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra”. No hebraico, a palavra *Babel* significa confusão. Os próprios babilônios usavam a palavra para dizer “a porta de Deus”. Assim, os babilônios diziam: “Somos a porta de Deus”, e os judeus: “Não, vocês são confusão”. Por toda a Escritura, até o livro de Apocalipse, o conceito de Babilônia é crucial, Babilônia dizendo: “Somos a porta de Deus”, e a Bíblia respondendo: “Não, este é o lugar onde a confusão básica das línguas aconteceu. Vocês são confusão”. Nossa palavra *Babilônia* é simplesmente a palavra Babel com um final grego.

s Gerações de Sem

Gênesis 11.10 dedica-se às gerações de Sem enquanto a Bíblia nos leva mais adiante no fluxo geral da história. Novamente, precisamos lidar aqui com o problema de genealogia e cronologia. Há uma série de pontos a destacar.

Primeiro, na Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento, datada de antes da época de Cristo), um nome extra (Cainã) é registrado no versículo 12. Com a frase construída exatamente da mesma forma como para os outros nomes, afirma-se que Cainã viveu 130 anos. O intrigante (isso é pura especulação) é que se esse nome pertence a essa lista, então a genealogia contém dez itens, mesmo número que a genealogia dos pré-diluvianos em Gênesis 5. É possível pensar, portanto, se esse não é um paralelo com a genealogia de Cristo em Mateus 1, onde nomes são deixados de fora e, então, afirma-se que há catorze gerações de Abraão a Davi, catorze gerações de Davi ao cativo babilônico e catorze gerações do cativo babilônico a Cristo (Mt 1.17).

Muitas vezes as pessoas perguntam como Gênesis 11.10ss não poderia ser uma cronologia com todos os detalhes que contém, por exemplo, nos versículos 12,13: “E viveu Arfaxade trinta e cinco anos, e gerou a Selá. E viveu Arfaxade depois que gerou a Selá, quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas”.

Em Mateus 1.8, como destaquei, há um salto tremendo na genealogia. Não poderia haver erro envolvido nesse salto, porque as pessoas que registravam essas listas conheciam as genealogias muito bem. Mateus 1.8 diz: “E Asa gerou a Josafá; e Josafá gerou a Jorão; e Jorão gerou a Uzias”. Mas comparando isso com 1 Crônicas 3.11,12, vimos que o pai, o avô e o bisavô de Uzias são omitidos da genealogia de Mateus. Assim, há uma longa pausa aqui. Portanto, o que essa passagem de Mateus realmente diz é: Quando tinha certa idade não especificada, Jorão gerou alguém que levou a Uzias. E então, depois que gerou esse indivíduo não especificado, Jorão viveu até certa idade e morreu.

Porém, a título apenas ilustrativo, vamos ser um pouco mais imaginativos e ler assim: “Quando tinha 30 anos de idade, Jorão gerou *alguém que levou a Uzias*, e então Jorão viveu até certa idade, teve outros

filhos e morreu”. É isso que essa porção de Mateus 1.8 significa. Ela não afirma a quantidade de anos, mas nos dá a forma. E é precisamente essa forma que encontramos em todo o Gênesis 11. Em outras palavras, a palavra *gerou* em Gênesis 11 não exige um relacionamento de primeiro grau entre pai e filho. Isso pode significar *concebeu alguém que levou a*.

Adicionar essa frase à genealogia de Gênesis 11 não mudaria em nada a situação. Por exemplo, se acrescentasse essa frase em Gênesis 11.14,15, você teria a mesma situação de Mateus 1.8, porque apenas diria que Selá gerou *alguém que levou a* Éber. É precisamente isso que Mateus 1.8 diz sobre Jorão e Uzias. Portanto, não há motivo para permitir que Gênesis 11 mude nossa conclusão de que as genealogias não constituem uma cronologia.

Também se pergunta por que os detalhes foram acrescentados. A melhor resposta que tem sido dada, creio, é apenas que formam um paralelo com os pré-diluvianos, em que o fim da construção era *e morreu*. A passagem em questão não diz *e morreu*, mas parece envolver a mesma mentalidade. Os detalhes são dados, *e viveu tantos anos*, e então, é claro, ele morreu. Os nomes importantes eram os que foram dados, pois mostram a linhagem.

Quando percebemos que essas genealogias não fornecem orientação quanto a datas, podemos entender por que o Professor B. B. Warfield disse: “Para a teologia, como tal, é uma questão de total indiferença há quanto tempo o homem existe na terra”.

Portanto, no fluxo da história em Gênesis 1-11, sinto que realmente não há uma possível palavra final a respeito da datação. Do lado da Bíblia, há as perguntas que acabamos de considerar, e do lado da ciência moderna, há certamente muitos questionamentos quanto à precisão dos sistemas de datação científicos. Como eu disse sobre o uso da palavra hebraica *dia* em Gênesis 1, não é que devemos aceitar o conceito de longos períodos de tempo que a ciência moderna postula, mas hoje não há termos claramente definidos para fundamentar uma resposta final.

Primeira Correlação com a Histórica Secular

Em Gênesis 11.26, chegamos a uma situação inteiramente nova, porque aqui há uma referência ao homem Abraão, a quem podemos atribuir uma data específica. Partimos da história bíblica que não está aberta à correlação com a história secular, para a história bíblica que está aberta a tal correlação. Isso não implica em que o que precedeu seja menos histórico que o registrado desse ponto em diante. Porém, a Abraão podemos atribuir uma data aproximada — 2000 a.C.

Em Gênesis 11.28, aprendemos que Abraão veio de Ur dos Caldeus. Sabemos muito sobre Ur dos Caldeus no tempo em que Abraão viveu lá, e antes, graças às escavações de Sir Charles Woolley em 1922 e 1934. Sabemos, por exemplo, que esse povo adorava a deusa Lua, no entanto, era bastante avançado em civilização e cultura. Abraão não era apenas um estranho viajante, um beduíno do outro lado do deserto, que não conhecia nada. A escavação nos mostra que as casas eram feitas de tijolos e caiadas, por motivos estéticos. Tinham dois andares. Nas casas maiores, havia de dez a vinte aposentos. Tinham cozinhas maravilhosamente equipadas, um bom sistema de encanamento e saneamento. Pelas evidências descobertas, alguns pensam que talvez eles ensinassem raiz cúbica nas escolas. A Universidade da Pensilvânia tem um cálice datado de dois séculos antes da época de Abraão, que mostra o magnífico artesanato de que eram capazes. O cálice é tão maravilhosamente construído, que, hoje, ninguém consegue superá-lo, e isso indica o luxo daquele lugar. Os livros sobre a escavação de Woolley nas tumbas reais mostram ilustrações do mesmo trabalho maravilhoso também em ouro e alabastro.

Em Gênesis 12.1-3, lemos: “Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra [isto é, deste lugar sobremodo culto], da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção... e em ti serão benditas todas as famílias da terra”. Em sua carta aos gálatas, o Apóstolo Paulo cita essa seção de Gênesis e cuidadosamente liga o que diz à promessa feita ali: “Assim como Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé

os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti. De sorte que os que são da fé são benditos com o crente Abraão” (Gl 3.6-9).

As promessas de Deus, remontando a Gênesis 3.15, estão entrando na época de Abraão, em uma área delineada com ainda maior clareza. A solução, que será apropriada ao dilema real do homem e cuidará da consequência da culpa perante um Deus santo que existe, virá por meio de Abraão. Após Abraão, o fluxo da história prossegue; e por todo o Antigo Testamento, a promessa continua a tornar-se mais clara. Chegamos finalmente a João Batista, o último profeta da linhagem do Antigo Testamento: quando Jesus veio e o momento de consumação estava próximo, João Batista disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

› ***Fluxo da História: A Importância do Homem***

Assim, o fluxo da história continua. A história vem de algum lugar. A história está indo para algum lugar. Não nascemos sem um contexto. E há uma solução para o dilema do homem em meio à história. Que contraste com o homem moderno, que chega à terrível conclusão de que a história não tem um rumo, simplesmente por não saber que a história de Gênesis 1-11 é verdadeira! Mas isso vale para todos nós. Também devemos ouvir, se quisermos entender.

Muitos eventos aconteceram antes que nascêssemos e muitos outros que não conseguimos lembrar aconteceram quando éramos muito jovens. Se quisermos saber sobre eles, nossos pais ou outros devem contar. Devo aprender de outros a multidão de coisas que aconteceram antes da minha época e que são pessoalmente importantes. A história está envolvida — coisas que de fato aconteceram mas que devo aprender de outros. É exatamente o mesmo com toda a raça humana.

O conhecimento histórico sobre o passado expande-se cada vez mais, à medida que encontramos escritos mais antigos e nossas escavações e o entendimento dos artefatos crescem. A história secular pode nos ensinar muito sobre nosso passado como raça humana e, portanto, nosso lugar nele. Porém, não importa quantos escritos localizemos e traduzamos, não importa quantas escavações façamos e quantos artefatos estudemos, a história secular não desenterrou um vestígio que ajudasse a explicar o “por quê” final do que descobrimos.

Voltando ao início dos nossos estudos, descobrimos que o homem ainda é homem. Para onde quer que nos voltemos — para as cavernas nos Pirineus, para os sumérios e, mais remotamente, para o homem de Neandertal enterrando seus mortos em pétalas de flores — não há diferença: em todo lugar, os homens mostram por meio de sua arte e de seus atos que se veem como únicos. E são únicos, como homens em meio ao não homem. Ainda assim, são tão falhos em relação ao dilema do homem, divisões de todos os tipos, quanto somos hoje.

Assim, como uma criança precisa aprender algo sobre sua história pessoal, a humanidade precisa aprender sobre sua história. A não ser que aprendamos sobre nossos começos, o que o estudo secular é incapaz de

traçar, não podemos compreender nossa história atual. O homem do século XX busca — a si mesmo e aos fatos da história. Sabe que algo existe, mas não sabe o quê. É exatamente isso que Gênesis 1-11 lhe conta. Esses capítulos contam a história que vem antes de qualquer fato que os historiadores seculares tenham sido capazes de averiguar, e é essa história pré-secular que dá sentido à presente história do homem. Imagine uma criancinha que ainda não descobriu ser a legítima herdeira ao trono. Vive em trapos de mendigo. Então, alguém aparece e conta à criança sua história anterior, e ela assume seu lugar de direito. É exatamente disso que precisamos. E é exatamente o que a história de Gênesis 1-11 oferece. Ela põe em perspectiva toda a história que agora temos em nossos estudos seculares.

Alguns creem ser possível espiritualizar a história dos primeiros onze capítulos de Gênesis, sem que isso faça diferença. Presumem poder enfraquecer a natureza proposicional desses capítulos, quando falam de história e do cosmos, e que nada mudará. Porém, tudo muda. Esses capítulos nos contam o “por quê” de toda a história que o homem aprende por meio de seus estudos, incluindo o “por quê” da história pessoal de cada homem. Por isso, Gênesis 1-11 é mais importante que qualquer registro ou dado que poderíamos ter.

Nesses capítulos, aprendemos sobre a criação histórica e espaçotemporal a partir do nada; a criação do homem à imagem de Deus, a Queda real, histórica, espaçotemporal e moral; e a compreensão da presente anormalidade nas divisões que existem entre Deus e o homem, o homem e ele mesmo, homem e homem, homem e natureza, e natureza e natureza. Esses capítulos também nos contam sobre o fluxo da promessa, que Deus fez desde o princípio, quanto à solução dessas divisões. É isso o que Gênesis 1-11 nos dá, e é fundamental. A história naturalista e racionalista vê apenas os resultados. Se desejo entender o mundo como ele é e a mim mesmo como sou, preciso conhecer o fluxo da história dado nesses capítulos. Tire isso, e o fluxo do restante da história entra em colapso.

Se atribui uma causa errada ao dilema e divisões de homens, o homem nunca chegará à resposta correta, não importa o quanto esteja disposto a encontrá-la. A situação do homem desde a Queda não é normal e, como consequência, a solução deve ser apropriada ao que sabemos ser a causa de seus problemas e dilema. Uma solução apenas física é inadequada,

porque o dilema do homem não é físico. Nem pode ser metafísica, porque o problema do homem, como aprendemos em Gênesis 1-11, não é primariamente metafísico. O problema do homem é moral, pois ele se encontra, por escolha, em rebelião contra Deus. E qualquer solução apropriada deve satisfazer essa necessidade moral.

Aquele que é a semente da mulher esmagou a cabeça da serpente. No entanto, como isso é bom para nós se não escutarmos? Se não escutarmos, não entenderemos.

Apêndice: Sobre os livros de Francis e Edith Schaeffer

Durante os últimos anos, eu e minha esposa Edith temos levado a cabo um programa de escrita razoavelmente abrangente. Este livro é uma das partes.

Meus dois primeiros livros foram *O Deus Que Intervém* e *A Morte da Razão*. Erroneamente — talvez por ser mais curto — muitas pessoas acreditam que *A Morte da Razão* é a “introdução”; e *O Deus Que Intervém*, um desenvolvimento dele. De fato, a verdade é o contrário. *O Deus Que Intervém* foi escrito primeiro; ele lança o fundamento, estabelece a terminologia e delimita a tese básica. No L’Abri, temos procurado mostrar que o cristianismo tem equilíbrio: que a exegese bíblica fornece profundidade intelectual e que na área da vida prática e da beleza, o cristianismo tem relação com o homem todo. Começando com o sistema cristão conforme Deus o entregou ao homem na revelação proposicional e verbalizada da Bíblia, é possível avançar e descobrir que cada área da vida é tocada pela verdade e uma canção. *A Morte da Razão* trabalha esse princípio particularmente na área filosófica de Natureza e Graça, e mostra como a cultura moderna desenvolveu-se partir de raízes poluídas na Baixa Idade Média.

Depois desses dois livros, talvez *O Deus Que Se Revela* deveria ter sido publicado. Esse teria sido seu lugar lógico. Os três formam uma base unificada; sem eles, as várias aplicações nos outros estão realmente suspensas no vácuo. *O Deus Que se Revela* lida com uma das questões mais fundamentais de todas: como sabemos; e como sabemos que sabemos. A não ser que nossa epistemologia esteja correta, tudo estará errado. É por isso que ele se relaciona com *O Deus Que Intervém* — uma ligação enfatizada por seu título. O Deus infinito e pessoal existe, mas da mesma forma ele não está calado e isso muda todo o mundo.

Da base desses três livros, que constituem uma unidade consciente (uma unidade que, acredito, tem fundamento na unidade da própria Escritura), todos os outros livros que vieram ou virão dependem. Eles aplicam esse sistema cristão unificado a várias áreas. Deve-se destacar que

O Deus Que Intervém tem dois apêndices que tratam de dois problemas específicos: a igreja da classe média no século XX e a prática da verdade no evangelismo e trabalho cristãos. Esses temas são desenvolvidos em livros posteriores. *Morte na Cidade* é exegético, fazendo a aplicação dos livros anteriores às culturas norte-americana e norte-europeia na medida em que se afastaram do que Deus nos deu como fundamento.

A seguir, veio *Poluição e a Morte do Homem*, a resposta cristã para o dilema ecológico, baseada no mesmo sistema consistente. *A Igreja no Final do Século 20* entrou em outras áreas de aplicação — sociologia e eclesiologia. Os dois apêndices desse livro, *Adulterio e Apostasia* e *A Marca do Cristão* (também publicados como livretos separados) abordaram o tema mencionado no segundo apêndice de *O Deus Que Intervém*: eles enfatizam o equilíbrio a ser buscado entre a prática da pureza da igreja visível e o amor que deve marcar os relacionamentos entre todos os cristãos verdadeiros, não importa quais sejam suas diferenças sobre matérias secundárias. Há também um tratamento mais completo e prático da eclesiologia em *A Igreja Diante do Mundo que a Observa*. Pode-se alegar que isso é apenas um novo e árido escolasticismo, aplicado nas áreas de epistemologia, eclesiologia, ecologia, sociologia e assim por diante. Se for o caso, então nada seria, senão um címbalo que retine. Três livros, contudo, reparam o equilíbrio. O último capítulo de *Morte na Cidade*, “O Universo e Duas Cadeiras”, é importante aqui. O livro de Edith, *L’Abri*, é um elemento vital e, sem ele, os outros livros carecem de unidade e equilíbrio reais. O livro mostra como atuar sabendo que o Deus infinito e pessoal que realmente existe tem trabalhado na prática cotidiana na comunidade de L’Abri. *Verdadeira Espiritualidade* é igualmente crucial; é um tratamento sistemático de toda a base da vida de um cristão em um relacionamento aberto com Deus e, então, consigo e com os outros. O livro de Edith, *Hidden Art* (Arte Oculta), tem um lugar importante, pois transporta esses assuntos para a área prática e bela da criatividade na vida do cristão. A presente obra, sobre os onze primeiros capítulos de Gênesis, encaixa-se na estrutura total ao dar uma base exegética mais desenvolvida ao tema decisivo dos princípios.

Tomados juntos, todos esses livros representam um conceito unificado, desenvolvido por muitos anos de estudo e muitos anos de conhecimento experimental do nosso Deus que é.

- [1] Francis Schaeffer, *O Deus que intervém* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), p. 260.
- [2] Francis Schaeffer, *O Deus que se revela* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).
- [3] Nesta tradução, foi utilizada a Almeida Corrigida Fiel (ACF), com citações da ARA, quando necessário. [N. do T.]
- [4] Para um tratamento mais completo do material nos próximos parágrafos, veja *O Deus Que Se Revela* (Cultura Cristã, 2002).
- [5] Veja *Back to Freedom and Dignity* (De Volta à Liberdade e Dignidade) (InterVarsity Press, 1972), em que lido com o livro de B. F. Skinner, *Beyond Freedom and Dignity* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1971).
- [6] O ensino bíblico a respeito da Trindade é, obviamente, desenvolvido de forma mais completa no Novo Testamento, mas para outras indicações da Trindade no Antigo Testamento, veja Gn 11.7; Is 6.8; 44.6 e 48.16.
- [7] O aoristo grego é um tempo verbal que indica *de uma vez por todas*.
- [8] Nas traduções brasileiras, o *nosso* não é repetido. Por isso, optamos por uma adaptação da ASV aqui. [N. do T.]
- [9] E na maioria das traduções em português. [N. do T.]
- [10] Às vezes, esse versículo é usado por aqueles que dizem que a própria fé fornece conhecimento e, assim, dispensa a necessidade do conteúdo da Escritura. Entretanto, é a Escritura que dá o conhecimento referido aqui e, então, com base no que a Bíblia afirma ser razão suficiente, cremos no que Deus nos falou na Bíblia.
- [11] No original, é a palavra *let*. No português, normalmente temos *haja* ou a forma como *isso aconteça*. A ideia é de um imperativo — como em “produzam”, “voem”, “dominem”, etc. [N. do T.]
- [12] Pode haver uma diferença entre a metodologia pela qual obtemos conhecimento a partir do que Deus nos informa na Bíblia e a metodologia pela qual o obtemos a partir do estudo científico, mas isso não leva a uma dicotomia quanto aos fatos. Na prática, nem sempre pode ser possível correlacionar os dois estudos devido à situação especial envolvida. Contudo, se for possível seguir adequadamente os dois métodos, não haverá conflito final. Por exemplo, a Torre de Babel: se nos aproximamos dela a partir do conhecimento bíblico dado por Deus ou pelo estudo científico, ao concluirmos nosso estudo em qualquer dos métodos, a Torre de Babel existiu ou não existiu. O mesmo vale para Adão. Quer comecemos com o aparato conceitual das origens na arqueologia e na antropologia no espaço-tempo ou comecemos com o conhecimento fornecido na Bíblia, se estivesse dentro do domínio do conhecimento científico fazê-lo, nos dois casos, terminaríamos com conhecimento sobre os ossos de Adão. Por suas limitações naturais, a ciência não pode saber tudo que aprendemos de Deus na Bíblia, mas nos casos onde a ciência pode saber, as duas fontes de conhecimento chegam ao mesmo ponto, mesmo se o conhecimento é expresso em termos diferentes. É importante ter em mente que há uma grande diferença entre dizer a mesma coisa em dois sistemas simbólicos diferentes e realmente dizer duas coisas diferentes e exclusivas, mas esconder a diferença dos dois sistemas simbólicos. O que a Bíblia ensina sobre história e o cosmos e o que a ciência ensina sobre as mesmas áreas não estão em descontinuidade. Com efeito, deve haver um lugar para o estudo da revelação geral (o universo e sua forma, e o homem com sua humanidade), isto é, um lugar para a ciência verdadeira. Mas por outro lado, é necessário entender que não há necessidade automática de acomodar a Bíblia às afirmações da ciência. Há uma tendência para alguns cristãos e cientistas de sempre colocar a revelação especial (a instrução da Bíblia) sob o controle da revelação geral e da ciência, e nunca ou raramente colocar a revelação geral e o que a ciência ensina sob o controle da instrução bíblica. Isto é, embora entendam como verdadeiro o que a Bíblia ensina e o que a ciência ensina, na realidade, tendem a concluir que a verdade da ciência é mais verdadeira que a verdade da Bíblia.

[13] Novamente, no original, *let.* [N. do T.]

[14] Em passagens anteriores, até o capítulo 5, a palavra *Adão* é usada com um artigo definido, referindo-se a um homem específico. Em Gênesis 5.1-2, ela é usada sem o artigo e, assim, parece melhor traduzida como humanidade.

[15] Em inglês, a palavra é *meat*, que pode significar alimento ou carne. Em português, nenhuma tradução parece ter essa ambiguidade. [N. do T.]

[16] Para uma defesa bíblica da pena de morte, veja Ron Gleason, *Vida por vida: a pena de morte no banco dos réus* (Brasília: Editora Monergismo, 2014). [N. do E.]

[17] Aqui, novamente, Schaeffer apresenta sua visão escatológica pré-milenista. Para uma abordagem diferente, veja Gary DeMar, *Será que Jesus virá em breve?* (Editora Monergismo: Brasília, 2009). [N. do E.]

[18] As palavras tornaram-se tão desvalorizadas hoje que, muitas vezes, temos de usar termos complicados para tornar o que queremos dizer compreensível. Hoje, a palavra *fato* não significa necessariamente alguma coisa. *Fato* pode significar apenas verdade religiosa, do andar de cima. Assim, precisamos usar um termo estranho como *fato bruto*. Neste caso particular, temos sorte porque os próprios teólogos liberais usam o termo *fato bruto* para aquilo que *não entendem* como fatos. A Queda histórica não é uma interpretação: é um *fato bruto*. Não há espaço para hermenêutica aqui, se por hermenêutica entendemos justificar a *facticidade bruta* da Queda. A realidade de uma Queda não é uma afirmação situada no andar de cima. Nesse sentido, não é uma afirmação “teológica” ou “religiosa”. Pelo contrário, é uma afirmação histórica, espaçotemporal, proposicional, um *fato bruto*. Houve uma época, história espaçotemporal, antes da Queda e, então, o homem, por escolha, afastou-se de sua integração adequada. E ao fazê-lo, houve descontinuidade moral; o homem tornou-se anormal.

Falando de *fatos* e *fatos brutos*, falamos de fatos no sentido espaçotemporal, abertos aos meios normais de verificação e invalidação. Como insisto no apêndice de *The Church Before the Watching World: A Practical Ecclesiology [A Igreja diante do mundo que a observa: uma eclesiologia prática]*, isso *não* significa que eles devem ser entendidos como fatos estéreis. Esses fatos bíblicos são fatos na história passada, mas têm, e deveriam ter, significado em nossas vidas existenciais presentes.

Ademais, ao falar das afirmações da Bíblia como verdade proposicional, *não* estamos dizendo que toda comunicação está no nível de fórmulas matemáticas. Pode haver outros níveis (por exemplo, figuras de linguagem ou a força especial da poesia); mas há uma *continuidade* — uma unidade, não *descontinuidade* — entre esses “outros níveis” e um fluxo de proposições dadas em sintaxe normal, usando palavras em sua definição normal, e essa é uma continuidade com a qual a razão pode lidar. Pegue um exemplo de fora da Bíblia: a comunicação de Shakespeare com suas figuras de linguagem é uma comunicação humana muito mais rica que mera formulação matemática. Os “outros níveis” (por exemplo, suas figuras de linguagem) acrescentam excelência. Entretanto, se, como em nossas excêntricas prosa e poesia modernas, há apenas, ou quase apenas, figuras de linguagem, sem continuidade adequada que se pode afirmar proposicionalmente, usando sintaxe normal e palavras com sentidos normais, ninguém saberá o que se diz. Na realidade, alguns escritores e artistas modernos deliberadamente trabalham dessa forma para que este seja mesmo o caso. Suas obras tornam-se apenas uma mineração de experiências subjetivas e interpretações dentro da mente do leitor ou expectador. Os capítulos iniciais de Gênesis rapidamente chegam a esse ponto se não forem lidos como forma proposicional utilizando sintaxe normal e palavras em seu sentido normal. Como exemplo, Paramhansa Yogananda faz isso em seu livro *Autobiografia de um Iogue* e muito facilmente transformou esses capítulos em um poderoso tratado hindu.

[19] *Breeches Bible*, no original. [N. do T.]